



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ANDREIA CARLOS FEITOSA

**AQUI OU VOCÊ TIRA, OU PIRA OU PULA: O ESPAÇO PRISIONAL PARA
MULHERES ENCARCERADAS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

CAJAZEIRAS - PB

2018

ANDREIA CARLOS FEITOSA

**AQUI OU VOCÊ TIRA, OU PIRA OU PULA: O ESPAÇO PRISIONAL PARA
MULHERES ENCARCERADAS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, com a finalidade de obtenção do título de Graduada no referido Curso.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivanalda Dantas
Nóbrega Di Lorenzo**

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras – Paraíba

F311a Feitosa, Andreia Carlos.

Aqui ou você tira, ou pira ou pula: o espaço prisional para mulheres encarceradas no município de Cajazeiras - Paraíba / Andreia Carlos Feitosa. - Cajazeiras, 2018.

113f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.

Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

ANDREIA CARLOS FEITOSA

**AQUI OU VOCÊ TIRA, OU PIRA OU PULA: O ESPAÇO PRISIONAL PARA
MULHERES ENCARCERADAS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

Aprovado em: ____ / ____ / _____

Banca Examinadora

Professora Dr^a. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCG – Orientadora)

Professora Dr^a. Mariana Moreira Neto (CFP/UFCG – Examinadora Externa)

Professor Dr. Santiago Andrade Vasconcelos (CFP/UFCG – Examinador Interno)

Professora. Dr^a Maria de Fátima Ferreira Rodrigues
(Departamento de Geociências/PPGDH/UFPB – Suplente)

Dedico a todas às mulheres que me antecederam e que na base da luta, sangue e suor construíram o caminho de todos os espaços que historicamente nos foram negados por sermos mulheres, inclusive o da Universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo amor, respeito e dedicação a mim. Especialmente minha mãe, por representar tão forte a palavra resiliência.

Agradeço aos meus professores que por minha vida passaram, pois aprendi um pouco com cada um sobre educação, afeto, respeito e responsabilidade.

Em particular, sou grata as minhas duas mentoras, Prof^ª. Dr^ª. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo e Prof^ª. Dr^ª. Mariana Moreira Neto, as quais de um jeito particular me guiam, estimulam e inspiram.

Agradeço as mulheres que participaram deste trabalho. Sem elas, este estudo não teria essência. Sou grata pela gentileza, pelos abraços calorosos, pelos diálogos tão repletos de aprendizagem. Sou grata por terem me deixado conhecê-las e me mostrar também. Pelos cafés e bolos de caco feitos com tanto carinho para nos receber. Pelos baldes que nos serviam de cadeiras, enfim, por compartilharem conosco a angústia, mas também a esperança por dias melhores.

Agradeço ao Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), pela participação no Projeto de Extensão intitulado “O feminino aprisionado: direitos humanos e questões de gênero” coordenado pela professora Dr^ª. Mariana Moreira Neto. Por ter me proporcionado o tripé da Educação Superior: pesquisa, ensino e extensão. E por agir no meu eu pessoal e profissional, indissociáveis.

À Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba (SSP/PB) representada pela Cadeia Pública Feminina e sua diretora Paloma Correia, as quais nos permitiram a realização do meu Projeto de Pesquisa, com muito respeito e confiança.

Gratidão as minhas amigas e amigos que compartilharam momentos especiais. Mais risadas e sonhos partilhados por pessoas que acreditam em um País e Planeta melhor. Em especial, ao meu amigo e camarada Prof. Dr. Hélio Azara de Oliveira, por juntos dividirmos momentos de aprendizagem em meio às brejas.

À Banca Examinadora representada pela Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, pela Prof^ª. Dr^ª. Mariana Moreira Neto e pelo Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos, assim como a Suplente, Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Ferreira

Rodrigues, membro do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos (PPGDH), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Por fim, agradeço a minha companheira Letícia pela paciência e tranquilidade que tem comigo, por juntas sermos luz, imensidão e reciprocidade.

*DA PRISÃO*¹

Sob minhas pálpebras outro olho se abriu
e olha cruelmente
a luz

que penetra vindo do mundo da dor
mesmo enquanto durmo

Fixamente ele encara
tudo que eu enfrento

e mais

ele vê os cassetetes e as coronhas
levantando e baixando
ele vê

o detalhe que a TV não mostra

os dedos da polícia feminina
esquadrinhando a boceta da jovem prostituta
ele vê

as baratas caindo dentro da panela
onde preparam carne de porco
no presídio

ele vê
a violência
encravada no silêncio

este olho não é para chorar
sua visão
deve ser nítida

apesar das lágrimas em meu rosto

seu objetivo é a lucidez
nada deve ser esquecido

¹ RICH, Adrienne. Tradução de Olga Savary. In: Quingumbo, Nova Poesia Norte-Americana, Org Kerry Shawn Keys, Escrita, SP: 1980.

RESUMO

No Brasil, a explosão demográfica carcerária, nos últimos 17 anos, em especial, das mulheres em conflito com a lei nos traz reflexões sobre gênero, sistema patriarcal, punição e o poder de punir fundamentados em caracteres biologizantes. O objetivo deste trabalho é compreender o espaço prisional com base na percepção das próprias mulheres que o compõem e de confrontar o discurso da Lei 7.210/84 Lei de Execução Penal (LEP) com as situações expostas pelas mulheres e traçar um perfil local em paralelo com o nacional. Para obter estes objetivos optamos pela técnica de pesquisa bibliográfica e documental, utilizamos o instrumento do questionário com 17 questões que focalizou nos seguintes aspectos: faixa etária, estado civil, cor, religião, profissão, estado de moradia antes da prisão, cidade em que residia, constituição familiar e quantidades de filhos/as, quem é o/a atual responsável pelos/as filhos/as, renda antes da prisão e sobre violência doméstica. Em seguida, tabulamos e analisamos as informações de pesquisa e aplicamos a ferramenta da entrevista semiestruturada com quatro mulheres que participaram do questionário, tratando questões sobre a aplicabilidade da LEP e sobre a sua relação com o espaço prisional e as relações interpessoais, as quais também constituem este espaço. Estes dados foram estruturados segundo a análise de conteúdo das entrevistas em sínteses individuais. Os dados apontaram para o descumprimento da LEP em diversos aspectos tais como a assistência material, saúde, jurídica e educacional. Foi evidenciado que as mulheres não estão apenas privadas da liberdade, mas de condições mínimas para cumprir a sua pena, com dignidade. Pesquisar e investigar a atual situação de cárcere das mulheres apenadas na Cadeia Pública Feminina do município de Cajazeiras – Paraíba nos traz reflexões legais, educacionais e geográficas a respeito do espaço utilizado pelo Estado, enquanto instituição de poder para punir as transgressoras sem considerar suas subjetividades, enquanto mulheres.

Palavras-chave: Espaço, Prisão, Mulheres.

ABSTRACT

The prison population explosion in Brazil in the last 17 years, in particular, of women in conflict with the law brings us reflections on gender, patriarchal system, punishment and the power to punish based on biological characters. The objective of this work is to draw a local profile in parallel with the national, analyze and understand prison space based on women's own perceptions that compose it and to confront the discourse of Law 7.210 / 84 Criminal Execution Law with situations exposed by women. To obtain these objectives, we opted for the technique of bibliographical and documentary research, a questionnaire with 17 questions that focused on the following aspects: age, marital status, color, religion, profession, state of residence before prison, city where resided, if has children and quantity, who is the current responsible for the children, income before prison and domestic violence, then tabulate and analyze the data for later we applied a semi-structured interview with four women who participated in the questionnaire, questions about the applicability of the CEL and its relation to the prison space, interpersonal relations that also constitute the space. These data were structured according to the content analysis of the interviews in individual syntheses, they pointed to non-compliance with the CEL in several aspects such as material assistance, health, legal, educational. It has been shown that women are not only deprived of their liberty, but of minimum conditions to fulfill his sentence with dignity. Search and investigate the current prison situation of imprisoned women in the Female Public Chain of the municipality of Cajazeiras brings us geographical reflections regarding the space used by the State as an institution of power to punish the transgressors without considering their subjectivities as women.

Keywords: Space; Prision; Women.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP – Centro de Formação de Professores

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional

Dr. – Doutor

Dr^a. – Doutora

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FEBEM – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

Fundação Casa – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente

IBIDEM – Na mesma obra

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEM – Do mesmo autor

INFOPEN – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

Km – Quilômetro

LEP – Lei de Execução Penal

L - Leste

N – Norte

O – Oeste

PB – Paraíba

PROBEX – Projeto de Bolsas de Extensão

Prof – Professor

Prof^a – Professora

PPGDH – Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos

S – Sul

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNAGEO – Unidade Acadêmica de Geografia

SSP-PB – Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipos dos crimes tentados/consumados entre os registros das mulheres privadas de liberdade. Brasil, Junho de 2014.....	54
Gráfico 2 - Cor/Raça.....	56
Gráfico 3 - Orientação Sexual.....	57
Gráfico 4 - Religião.....	58
Gráfico 5 - Cidade na qual residiam antes da prisão.....	60
Gráfico 6 - Situação do Imóvel de moradia.....	63
Gráfico 7 – Exercício de Atividade Econômica Antes da Prisão.....	65
Gráfico 8 - Profissão/Ocupação.....	66
Gráfico 9 - Renda Pessoal.....	67
Gráfico 10 - Violência Doméstica.....	72
Gráfico 11 - Tipo de violência sofrida e quem praticou.....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização Geográfica da Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB.....	41
Figura 2 – Croqui da Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB.....	42
Figura 3 – Croqui da Cela.....	43
Figura 4 – Mapeamento de Origem das Mulheres Aprisionadas na Cadeia Pública Feminina Do município de Cajazeiras – PB.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Escolaridade.....	64
------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. A PUNIÇÃO E O PODER DE PUNIR NO SISTEMA PRISIONAL FEMININO BRASILEIRO: SURGIMENTO E CONTEXTO ATUAL	26
1.1. A Punição e o Poder de Punir no Sistema Prisional Brasileiro.....	26
1.2. Aprisionamento e Domesticação de Corpos no Sistema Prisional Feminino Brasileiro: Nascimento e Atualidade.....	32
2. O ESPAÇO SOCIAL FEMININO A PARTIR DA PERCEPÇÃO/SOCIALIZAÇÃO DAS MULHERES APRISIONADAS NA CADEIA PÚBLICA FEMININA DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS – PB	38
2.1. O Espaço Social, a Socialização e a Questão de Gênero no Presídio Feminino do Município de Cajazeiras – PB.....	38
2.2. Caracterização das Mulheres Aprisionadas da Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras – PB: o Perfil Sócio-econômico-cultural.....	54
3. O CONTROLE DE CORPOS E AS MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS: DO DISCURSO INSTITUCIONAL DA LEI DE EXECUÇÃO PENAL ÀS CONDIÇÕES EXPOSTAS PELAS MULHERES APRISIONADAS	69
3.1. Controle de Corpos: Maternidade e Violência.....	69
3.2. O Discurso Institucional da Lei de Execução Penal e as Múltiplas Violências Sofridas: O Corpo é Nosso e o Controle é Deles.....	73
CONSIDERAÇÕES	77
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES	83
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

A partir da ótica das mulheres aprisionadas na Cadeia Pública do município de Cajazeiras, Paraíba, situada na Região Geográfica Intermediária Sousa-Cajazeiras (IBGE 2017), a constituição do espaço prisional feminino nos revelou um espaço de conformação: tirar – cumprir a pena; pirar: distúrbio e/ou insanidade; ou pular: fugir, escapular, suicidar-se, daí a expressão “aqui você ou tira, ou pira, ou pula”. Estas três expressões fazem parte de um sistema de punição: submissão, loucura ou fuga. Sobre o título do presente trabalho, fomos agraciadas com essa expressão viva na Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB e a essencialidade e objetividade do trabalho sendo atendido até no próprio título.

As questões supracitadas foram proferidas na confraternização natalina realizada ao final do ano de 2017 através do Projeto de Bolsas de Extensão (PROBEX), representado por um Projeto de Extensão intitulado “O feminino aprisionado: direitos humanos e relações de gênero”, coordenado pela Professora Dr^a Mariana Moreira Neto e executado na cadeia pública feminina no já citado município. Naquele momento também realizávamos a conclusão do referido Projeto.

Partimos de nosso lugar social enquanto estudante de Licenciatura em Geografia, no âmbito do Centro de Formação de Professores (CFP), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras - PB. Portanto, procuramos investigar acerca da forma como os sujeitos humanos, em especial as mulheres encarceradas, conquistam, constroem seus espaços considerando a noção de direito e sua negação pelo Estado frente às lutas cotidianas, ao cumprimento daqueles, assim como a transgressão, quase sempre pela sua negação, no sentido mais amplo. Participar de um projeto em uma Cadeia para mulheres sempre nos repercutiu na maioria das vezes em afirmações como: “*vocês são loucas de estarem ali com aquelas mulheres*”, “*vocês não tem medo de estarem ali?*”, “*Pra quê trazer bolo e refrigerante para essas mulheres?*”.

Éramos olhadas com choque ou estranheza por alguns agentes penitenciários quando chegávamos com bombons, pirulitos, produtos de higiene pessoal arrecadados em campanhas no próprio CFP/UFCG para doação e compartilhamento na Cadeia Feminina. Compartilhamento porque falamos de ausências, negações por parte do Estado Brasileiro. Aquele típico olhar nos fuzilando e seus pensamentos: “*O que essas mulheres da*

universidade vêm fazer aqui trazendo essas coisas pra essas bandidas?”, “Perdendo tempo com essas mulheres, essas daí não tem jeito não...”

Todas as vezes que adentrávamos naquele espaço, por mais que estivéssemos cansadas de nossas lutas diárias, deixávamos o cansaço fora das grades para nos doar um pouco para aquelas mulheres reclusas, pois era reconfortante ouvirmos de muitas delas: *“Nós adoramos quando vocês vem aqui”, “Só de ver vocês, de conversar, abraçar, de a gente sair pra fora da cela, já é bom.”, “Aqui é um calabouço, mas quando vocês vem visitar a gente e traz um bombom, já é o gosto lá de fora”, “Porque quando vocês chegam é bom demais, principalmente aquela coroa², eita como eu gosto dela!”* E ainda diz mais, *“Pode falar pra ela que eu gosto dela é muito. E aí faz o seguinte, porque ta todo mundo ali com vocês conversando, tá tudo assim, eu me sinto assim num canto que seja melhor, né?! Aí quando vocês saem, aí começa aquele blá blá blá, um enxame de abelha, né?! Que eu chamo um enxame de abelha”.*

Fazíamos as nossas atividades quase sempre, as quintas ou sextas-feiras, às 15:00 horas, no pátio descoberto, uma área de aproximadamente 64m². O sol ainda forte, o calor intenso, mas mesmo assim, víamos mulheres saindo das celas para participar conosco das práticas propostas por nós. Íamos desde a discussão de gênero e violência de gênero à realidade política atual do país. Assistimos filmes, vídeos e documentários, ouvimos músicas, discutimos sobre aborto, dinâmicas sobre as partes do corpo humano masculino e feminino, o que deu um ‘bafafá’ com as partes reprodutoras.

Sempre todas juntas no pátio, com as celas abertas. Era a nossa rotina quando fazíamos a visita de execução das atividades propostas. Porém, nos últimos meses, fomos aconselhadas pela Direção da Cadeia Pública Feminina a não fazermos mais as atividades no pátio, mas sim, nas celas. Brigas e conflitos constantes entre as apenadas das celas opostas caracterizavam um espaço de disputa.

Enquanto acatamos o conselho da Direção começamos a pensar na logística de como repaginaríamos o Projeto de Extensão, na prática. Como Éramos em 4 (quatro) mulheres, nos dividimos em duas duplas e concomitantemente entrávamos nas celas opostas para realizar a mesma atividade proposta para o dia. Na semana seguinte alternaríamos as duplas e celas. A partir desta organização íamos percebendo a importância da extensão universitária para a sociedade e, mais ainda, para mulheres desprovidas de liberdades, que por vezes sequer

² Refere-se à Coordenadora do Projeto, Professora Dra Mariana Moreira Neto.

recebem visitas por toda a sua vida em aprisionamento. Ouvimos de Violeta (2017), uma das mulheres entrevistadas, que quando o nosso Projeto de extensão chega no Presídio “*É bom, é o que eu sinto melhor por você e Mírian também (Educandas participantes do Projeto). [...] Mas uma das coisas(...) Olhe, nada vem por acaso, esse negócio dessa notícia de vocês entrar nas celas pra vocês foi a melhor coisa que teve, porque é o nosso habitat.*”

Antes de encerrarmos as entrevistas na pesquisa, Bruna, uma das mulheres encarceradas desvela a importância da extensão universitária ao agradecer por ter sido ouvida, pois para ela foi significativo, uma vez que as pessoas a conhecem e ela também queria ser conhecida pelas pessoas envolvidas no Projeto. Dentre as questões elencadas destacou-se a temática homossexualidade, pois sentiu a necessidade de afirmar que *ama mulher*, afirmou Bruna (2017).

O que percebemos foi uma disparidade organizacional no interior da cela X³ em detrimento da cela Y. Ao mesmo tempo em que a cela X mantinha um ar de cisão e discórdia, a cela Y se mantinha numa “rede de solidariedade”, conforme definiram as mulheres desta cela, pois em vários aspectos como a alimentação, limpeza, o respeito e a harmonia entre as colegas de cela. Pudemos detectar a referida solidariedade em momentos como nos foi relatado durante uma visitação das aprisionadas: “*Aqui já é um inferno, se a gente fizer briga entre nós mesmas vai ficar pior.*”

Falando ainda de nosso lugar social, que enquanto pesquisadora me reconheço enquanto mulher, branca, lésbica, estudante de Licenciatura em Geografia numa Universidade Federal, espaço este que por vezes liberta ou aprisiona. E, a partir deste, tive a oportunidade de me inserir num espaço adverso e paradoxal, a prisão, visto do que foi narrado por uma mulher “*aqui nois tá presa, mas a gente se sente livre. Livre do marido que espancava nois, livre sexualmente para conhecermos a nossa sexualidade.*”

Depois de dois anos participando desse Projeto, não poderia ser ingrata para com aquelas mulheres e para comigo mesma. Decidi então escrever sobre elas, mas não apenas com o meu olhar de futura Geógrafa, mas compartilhando com a ótica das mulheres que fazem esse espaço. Pensar a mulher no extremo de sua privação decorre da minha condição de mulher, estudante e futura profissional.

³ Não colocaremos numeração de cela para garantir o anonimato das mulheres.

Começamos as pesquisas a fundo para a produção do nosso Projeto de Pesquisa, vislumbrando o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e percebemos que as narrativas sobre presídios e cadeias, de modo geral, sempre são cobertas de sensações: cheiros, medo, angústia, revolta.

Os relatos sobre o aprisionamento de mulheres que infringiram leis ainda vêm carregados de machismo e misoginia, ocasionando uma dupla punição: a condição de aprisionamento e a de gênero, por ser mulher. Segundo Oliveira (2017), as mulheres são historicamente marginalizadas na sociedade patriarcal⁴, as infratoras estão à margem da margem. O Brasil, segundo a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984), adota o modelo ressocializador/reintegrador em sua legislação. A partir do trabalho voluntário no Projeto já referido, iniciamos reflexões pessoais sobre o espaço prisional feminino, numa perspectiva geográfica, com isso, notamos que a realidade nacional acerca da edificação de presídios repete-se na cadeia feminina pública de Cajazeiras/PB, não fugindo à regra do que historicamente nos mostra a estrutura física de aprisionamento destas mulheres infratoras.

As discussões sobre as características e deficiências do sistema penitenciário são objeto em questão de alguns estudiosos como Goffman (1961) e Foucault (1987), os quais refletem acerca da instituição prisional a partir de seu poder punitivo e dos fatores que a caracterizam, especialmente no tocante aos aspectos desumanizadores nela contidos. Foucault (1999) conclui que a ferramenta prisional é punitiva, não desempenhando o papel ressocializador.

Ao refletirmos sobre o sistema carcerário feminino, muitas questões emergiram no nosso ser social sobre a infraestrutura ser a mesma para homens e mulheres, por exemplo. Assim, a questão norteadora desta pesquisa consiste em compreender o espaço prisional feminino com base na percepção das próprias mulheres aprisionadas na Cadeia Pública Feminina do município de Cajazeiras.

⁴ O termo patriarcado vem da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando) (HIRATA, 2009). Carole Pateman (1993) garante que o patriarcado se refere especificamente à sujeição da mulher e reafirma o direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. O sistema patriarcal, desta forma, pode ser compreendido como uma estrutura de organização política, social e econômica favorável à metade da população, que diz respeito ao sexo masculino da espécie.

Presumimos que resgatando a apropriação do espaço geográfico prisional feminino demanda em resgatar o que cada mulher aprisionada percebe no subjetivo individual e coletivamente, nesse espaço. Procuramos, portanto, compreender as sujeitas da pesquisa, originárias deste TCC, como ativas, passivas, autoras e expectadoras do processo de desconstrução e construção de sua história, de seu espaço individual e em comunidade.

Acerca dos imaginários sobre o ambiente do cárcere estabelecido pela mídia estando incorporadas à sociedade, as mulheres aprisionadas agregam esta tensão emocional ao perderem a liberdade, visto que, o exibido pelos meios de comunicação é de um ambiente hostil, porém, a vivência no ambiente, apesar do comprometimento da liberdade, proporciona laços de empatia, deste modo, não coincidindo com a imagem preconcebida, pois Frinhani (2004) já apontava a realidade da violência sendo amplamente divulgada pela mídia, dado que Rondelli enfatiza que “*este excesso de tematização teve o efeito de construir um determinado imaginário sobre a violência*” (1998, p.145). Suposto imaginário que, por diversas vezes, é preconceituoso e rotulante para um determinado sujeito criminoso.

A ciência geográfica deve intensificar os estudos para a construção e promoção da conscientização social quanto à população de mulheres aprisionadas. Pesquisas apontam uma explosão demográfica nos presídios femininos, e mais, que essas mulheres são duplamente penalizadas: primeiro por serem mulheres, segundo por serem violadoras das leis criadas por homens, fugindo de toda a concepção da reprodução histórica acerca do que é o feminino, da feminilidade, do que é ser mulher.

As mulheres aprisionadas precisam falar e serem ouvidas. A necessidade do olhar das próprias prisioneiras sobre o cárcere, assim como a importância e urgência do ouvir societário e dos ordenamentos legais constituídos para a efetivação da Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984), são questões a serem postas para a construção de políticas públicas para estas pessoas e seguimentos da sociedade, especialmente em tempo em que o País tem se utilizado do poder punitivo e de consolidação do poder de punir como algo capaz de resolver absolutamente os problemas e caos sociais atuais.

À Academia cabe a necessidade de construir um conhecimento acadêmico que chegue até essas sujeitas e que as ouça, assim como a formação de educandos vislumbre temáticas e projetos pedagógicos capazes de compreender a diversidade dos sujeitos humanos e sua forma de se relacionar no espaço geográfico, tornando-o social.

Para a compreensão de nosso objeto de pesquisa resultante neste TCC elegemos como **Objetivo Geral**: investigar como as mulheres aprisionadas percebem/constroem o espaço prisional e como se percebem na Cadeia Pública Feminina do município de Cajazeiras - PB. Outrossim, identificamos como Objetivos Específicos: **a-** Refletir sobre a punição e o poder de punir no sistema prisional feminino brasileiro: surgimento e contexto atual; **b-** Identificar o espaço social feminino a partir da percepção das mulheres aprisionadas na Cadeia Pública Feminina do município de Cajazeiras - PB; **c-** Investigar sobre o controle de corpos e as múltiplas violências sofridas pelas mulheres aprisionadas frente ao discurso Institucional da Lei de Execução Penal com as condições expostas pelas mulheres aprisionadas no município de Cajazeiras - PB.

O projeto de pesquisa foi submetido ao CEP – Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande no mês de outubro de 2017. A complexidade dessa abordagem temática inclui pesquisa bibliográfica, de campo e documental, realizada no período de maio de 2016 a dezembro de 2017 e requer um cuidado específico no tocante ao método. Daí nos debruçarmos sobre a fenomenologia e, à escolha dos procedimentos metodológicos, iniciando pelas sujeitas da pesquisa realizada, qual sejam as mulheres aprisionadas na Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras - PB. Para melhor ilustrar nossa caminhada pela Cadeia Pública Feminina identificamos o caminho metodológico: executou-se em gabinete a partir de um estudo teórico com base em pesquisa bibliográfica e documental. Em paralelo ocorreu à construção dos instrumentos de pesquisa: questionário e entrevista semi-estruturada (Apêndice A e C) a escolha dos mesmos para a obtenção das informações pretendidas deu-se pelo nosso interesse de conhecer o perfil local da mulher aprisionada por dados quantitativos complementando com as percepções qualitativas acerca do espaço prisional das próprias mulheres.

O questionário foi aplicado na Cadeia Pública Feminina no dia 10/11/2017 no turno da manhã, e apresentamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) para as participantes. Previamente havíamos contatado com a Direção do Estabelecimento para a aplicação dos instrumentos de pesquisa, assim como nossa experiência e vivência através do Projeto de Extensão desde o mês de maio de 2016 nos possibilitou um olhar sobre o espaço prisional e seus sujeitos, bem como aproximou e facilitou para a melhor compreensão da abordagem de pesquisa e elaboração de roteiros capazes de compreensão

daquela realidade, reconhecendo o devido recorte temporal de pesquisa, qual seja, de maio de 2016 à dezembro de 2017, com a finalização do referido Projeto de Extensão.

Aplicamos inicialmente, na Cella 01, na qual contava na época da aplicação do questionário em novembro de 2017 com 16 mulheres, na mesma cela, no período inicial, em meados de 2016, contava com aproximadamente 30 mulheres. Foi relatado pelas entrevistadas que o esvaziamento se deu porque algumas presas tinham sido liberadas por já terem cumprido suas respectivas penas ou terem sido julgadas e postas em liberdade mediante recurso. No total, nove (09) mulheres se disponibilizaram a responder o questionário.

Quando fomos para a Cella 02 estava na mesma situação da cela anterior, com 15 mulheres e pelos mesmos motivos já expostos na cela 01. Desta Cella, também 9 mulheres responderam o questionário totalizando 18 questionários respondidos. Foi de extrema importância que as mulheres analfabetas respondessem e, por isso, fizemos a leitura de todas as questões e auxiliamos as que não sabiam ler e escrever para que pudessem responder as questões. Esta aceção nos auxilia a pensar sobre a importância dos instrumentos de pesquisa e de sua adequação para compreender e abranger a todos os sujeitos em condição de igualdade, considerando a diversidade de oportunidades e de negações de direitos dos sujeitos de uma pesquisa científica.

Vale ressaltar que o tratamento e adesão por parte da Direção do Presídio diante do Projeto de Pesquisa foi na perspectiva de inclusão e aceitação tácita, visto que em nenhum momento nos colocou obstáculos para a realização do mesmo. Porém, em relação a alguns Agentes Penitenciários, sentimos um tratamento frio, seco e, por vezes, com má vontade de simplesmente abrir as celas para a realização da pesquisa. Em contrapartida, houve Agentes Penitenciários, principalmente as Agentes femininas que sempre nos trataram com atenção e bom senso.

Aplicados os questionários, voltamos para o gabinete para tabular as informações de campo, e como não tínhamos domínio sobre sistematização de pesquisas no programa Microsoft Office Excel, tivemos que aprender com ajuda de tutoriais no YouTube sobre o assunto, além das sugestões da Orientadora neste TCC e da Coordenação do Projeto. Sendo assim, os questionários foram tabulados e transformados em gráficos e tabelas, partindo para a próxima etapa.

O segundo instrumento de pesquisa foi a entrevista semi-estruturada com o propósito de conhecer o espaço prisional na ótica de quem o constrói cotidianamente e, também para analisar as condições gerais e fazer um paralelo expectativa *versus* realidade, com base na Lei de Execução Penal (Brasil, 1984).

Propomos, num primeiro momento, uma entrevista com 45 questões abertas para agregar outros pontos que dessem amplitude à compreensão da pesquisa. Essa ansiedade em tudo querer compreender, nos fez perceber e refletir sobre o tempo disponível de Projeto de Extensão e de pesquisa, bem como se não fugiríamos da proposta da pesquisa querendo abarcar muitas coisas. Ressaltamos que as 45 questões são ínfimas para a percepção de toda a máquina do Sistema penitenciário Feminino Brasileiro e então concluímos que deveríamos focalizar mais nos nossos objetivos e dar o primeiro passo para esta compreensão, partindo da visão do que compõe diariamente este Sistema, bem como do que se nos mostrou enquanto vivemos a pesquisa e a extensão.

O nosso roteiro brevemente elaborado constou sobre a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984) e sobre como elas vêm e se vêm encarceradas num espaço quente e insalubre, com apenas 01 banheiro e cabanas⁵ (ANEXO B), insuficientes para todas, quais suas estratégias para conviver neste espaço e o que este espaço representa.

Para a realização das entrevistas considerando um grau de aproximação e intimidade entre pesquisados e pesquisador, nos utilizamos de um gravador para evitar problemas técnicos, bem como solicitamos a autorização das envolvidas e torcemos para que não acontecesse nenhum problema, pois não poderíamos entrar com celular atendendo normas da Instituição.

As entrevistas aconteceram nos dias 28 e 29 de dezembro do ano 2017, quinta-feira e sexta-feira, respectivamente. Duas mulheres da cela 01 e duas mulheres da cela 02 concederam entrevistas. Tivemos acesso a uma sala que tinha o objetivo de ser a sala de aula, a qual contém nove (09) cadeiras mais uma cadeira e mesa que julgamos ser para o professor, uma lousa branca e um ventilador de parede. A referida sala havia sido construída recentemente por meio de mobilização da Direção Institucional atendendo aos princípios da Lei de Execução Penal (BRASIL, Lei nº 7.210/1984) em seu artigo 11º “assistência

⁵ Cabanas é o nome utilizado para o pequeno espaço de dormir que são tampados com lençóis para se obter a mínima privacidade e ali deixar seus poucos pertences. Podemos fazer analogia a cubículos.

educacional como direito da pessoa presa e ao internado é dever do Estado” Esta sala nos foi disponibilizada por motivos expressados para garantir uma conversa aberta e as mulheres aprisionadas colocarem suas percepções sem medo, garantimos o anonimato, daí nossa opção por identificá-las segundo suas escolhas por um nome que não fosse o próprio, que gostariam de ser chamadas na entrevista, sendo assim, os nomes escolhidos por elas foram: Violeta, Bruna, Carla e Helena. Vale lembrar que executamos a entrevista com uma mulher de cada vez e que ficamos sozinhas na sala sem a companhia de Agente Penitenciário. Assim, acreditamos e esperamos que as entrevistas tenham sido proveitosas para contemplar nosso objetivo.

A partir das entrevistas gravadas transcrevemos de forma integral para podermos retirar os pontos que contemplam a nossa pesquisa e poder analisar os discursos procurando valorizar a voz das entrevistadas e com isso, esperamos contribuir na construção do espaço prisional feminino. Por fim, a construção dos mapas deu-se de forma parceira com um colega da geografia da Universidade Federal de Goiás – UFG, e a produção dos croquis tanto do espaço da Cadeia Pública Feminina de forma geral com o conhecimento prévio da pesquisadora e também o de uma cela.

O presente trabalho organiza-se da seguinte composição:

Capítulo I, tratamos do contexto histórico nacional do instrumento de punição: prisão para mulheres, seu surgimento e o contexto atual. Um olhar sobre aprisionamento e a domesticação dos corpos femininos, a punição e o poder de punir.

Capítulo II, o espaço prisional feminino a partir da percepção das mulheres aprisionadas na Cadeia Pública Feminina do Município de Cajazeiras/PB, a questão de gênero e o espaço geográfico social prisional, o perfil socioeconômico das aprisionadas e mapeamento das cidades em que residiam antes da prisão.

E no Capítulo III, apresentaremos o discurso institucional da Lei de Execução Penal e às condições expostas pelas mulheres, a exemplo do controle de corpos e as múltiplas violências por elas sofridas.

CAPÍTULO I

A PUNIÇÃO E O PODER DE PUNIR NO SISTEMA PRISIONAL FEMININO BRASILEIRO: SURGIMENTO E CONTEXTO ATUAL

As construções sociais a partir da biologia reproduzem uma visão de cunho machista e sexista sobre a natureza feminina. As correntes de pensamento feminista vêm para barrar e desconstruir essas visões carregadas de preconceitos e que alicerçam as formas diferenciadas para o controle, a gestão e punição sobre as mulheres, permitindo análises sobre o sistema penitenciário feminino e ainda sobre os dispositivos de poder característicos destinados aos corpos e subjetividades femininas no cenário do cárcere (SILVA, 2011, p.17).

Neste capítulo abordaremos sobre a punição, do poder de punir, e a domesticação dos corpos femininos no sistema prisional brasileiro para mulheres, da sua gênese aos dias atuais.

1.1 A Punição e o Poder de Punir no Sistema Prisional Brasileiro

A gênese da prisão é feita por homens e para homens, e é precedente do mecanismo da penitenciária que, segundo Foucault (1997), a prisão se constituiu fora do aparelho judiciário, repartindo os indivíduos, fixando-os e distribuindo-os espacialmente, classificando-os.

No princípio do Século XIX dá-se o evento da penalidade, porém, a prisão ainda é peça essencial na totalidade das punições, pois é vista como a forma e a penalidade como um conjunto de métodos de punição (FOUCAULT, 1999).

A prisão como parte da punição é evidenciada por Silva (2011) ao dizer que

O papel dos vários estudos primordiais sobre criminalidade e conseqüentes formas de punição, como a prisão, [...] foram marcantes para a teorização, legitimação e reprodução de práticas jurídicas e penitenciárias nos contextos ocidentais, também no que concerne aos estudos criminais e prisionais sobre

mulheres, que sempre foram escassos, estes reflectem as representações sociais e culturais e estereótipos do feminino razão pela qual os estudos sobre prisões femininas são limitados. As mulheres, estudadas e perscrutadas sob um olhar patriarcal foram classificadas e —objectificadas nestes estudos, que por sua vez foram influenciados por concepções morais e sociais de feminilidade e que atribuíam as causas da criminalidade feminina aos distúrbios emocionais e hormonais, ignorando as dimensões sociais, económicas e culturais. (SILVA, 2011, p. 18)

Goffman (2015) discute sobre as prisões como Instituições Totais, que são caracterizadas como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla, por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e, formalmente administrada.

O século XX nos traz o início das discussões acerca do aprisionamento masculino, enquanto os estudos sobre o fenómeno do aprisionamento feminino praticamente não existem, e quando existem é totalmente biologistas.

Todo o aparato corretivo do Estado é pensado e praticado por meio da ideologia falocêntrica, ou seja, a estrutura de pensamento do Estado é no masculino, e só a partir dos estudos feministas da segunda metade do Século XX que esta estrutura corretiva, punitiva e de poder sobre as mulheres pôde ser analisada criticamente.

O fato é que os estudos dos teóricos sobre crime e punição omitiram as mulheres em suas respectivas pesquisas e análises, sendo também negligenciadas no âmbito das instituições jurídicas. O que se justifica pelo fato de, ao longo da história, o número de mulheres presas consideravelmente menor em comparação aos homens está relacionado ao androcentrismo⁶ que domina as instituições e as academias.

Estas análises começaram a considerar a questão da diferença de gênero nas concepções e práticas penais e penitenciárias, afirmando que os processos de disciplina, reeducação e ressocialização reproduzem noções hegemônicas de feminilidade, contribuindo, assim, para a desconstrução dos discursos da criminologia tradicional (SILVA, 2011 *ibidem*). Constatamos no caso do Brasil, que o início do aprisionamento de mulheres em separação aos homens se deu diante um abrandamento de punição, visto que as instalações das aprisionadas

⁶ Androcentrismo é a visão de mundo onde se valoriza o ponto de vista masculino. Está intimamente ligado ao sistema patriarcal.

em um ‘prédio senhorial’ e do trato direto ser função de Freiras e irmandades religiosas e não de agentes ou Policiais, como são hoje. No entanto, com um juízo moralizador e religioso, com atividades religiosas e domésticas, com cursos de ‘boas maneiras’ e prendas do lar. Os presídios femininos eram considerados locais de purificação, e reprodução dos papéis estereotipados do ser mulher (PASTI, 2016. p. 34)

As formas de regulação, controle e punição se processam diferentes para as mulheres em relação aos homens. Segundo Silva *ibidem*, atribui-se as causas dessas diferenças às formas como as práticas e os discursos estão impregnados e reproduzem ideologias, símbolos, representações e estereótipos do feminino.

No passado, tínhamos os reformatórios para mulheres criminosas atualmente, temos as cadeias públicas femininas. Ambos mantêm a rigidez, vigilância total, disciplina, e com objetivo de ressocialização para a moralidade social.

Contudo, a ressocialização continua como algo emergente nos discursos das Academias, tendo em vista que o Sistema Prisional Brasileiro tem como características o poder punitivo e de práticas de variadas formas de violência, fugindo, portanto, dos princípios legais da ressocialização assim como de atenção aos direitos humanos, a exemplo do que ouvimos de uma das entrevistadas, a qual se identifica nesta pesquisa como Violeta (2017)

Já vi muito sofrer violência física por parte dos Agentes Penitenciários, Já vi muitas levar murro, já vi muitos mandar calar a boca, ser algemada meio dia em ponto, já vi muita coisa. Já ouvi gritando ‘Vagabunda! Cala a boca’”, Já vi muito aqui dentro, não nego e falo na frente de qualquer um, mas comigo não, eu respeito a todos para ser respeitada. Eu já presenciei sim quando entrei aqui, acabou mais, quando entrei aqui eu já presenciei. [...] Você sabe que o ser humano ele é podre, eu sempre disse isso... Nois se acostuma até com o que não presta, não é? E a gente, a meta aqui, até o final do mundo só tem dois lugares terríveis: um tem volta que é a cadeia e às vezes nem tem, porque aqui é um cemitério dos vivos. Só vem aqui quem gosta realmente, até os próprios familiares cansam, não é fácil você ser humilhado, tirar a roupa, é... e vários gritos, às vezes maltratam. A questão da humilhação não é apenas da revista [de corpos] porque uma vez a minha irmã tentou pegar na minha mão e o Agente bateu a porta na cara dela. De ferro. E isso pra mim foi constrangedor... Acho que a minha família não tem que pagar por nada, porque eles não fizeram nada. (informação verbal)⁷

⁷ Entrevista concedida por VIOLETA. **Entrevista IV.** [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (33 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A respeito da ressocialização, Carla (2017) acredita que o sistema não ressocializa, e segundo ela “Eles acham que a gente que é violento, mas na realidade os violentos são eles. O modo que eles olham pra gente, eles imaginam que nunca vão cair num lugar desses, mas pode cair sim.”⁸

Violeta (2017) afirma sobre o espaço prisional

Aqui não ressocializa não, nós estamos num lugar parado só usando a mente, a mente pra maldade, porque nós somos as maiores infratoras, não adianta dizer que nós não somos infratoras. Eu descobri dentro da cadeia que todo mundo tem um fraco por ta aqui dentro do crime: uns pra matar, outros pra roubar, se prostituir... Gente é absurdo, a maioria é psicopata.

Das quatro mulheres entrevistadas, apenas uma recebe visita, sendo que temos entrevistadas que estão há cinco (5) anos presas e sem nenhuma visita. A falta do lar, de casa é lembrada, e o espaço prisional sufoca. O ócio é um fator presente e desestimulador para a ressocialização, visto que, todas falam da necessidade de atividades, de trabalhos, como algo urgente para a melhoria do espaço prisional.

De acordo com Violeta (2017), ao se referir às visitas na cela traz memórias: “Recebo, quando eu quero, porque quando eu não quero não aceito as visitas. Eu mesmo acho que não precisa. Quem me visita é uma filha, tenho três filhos, e dos três eu tenho uma que me visita e traz meus dois orgulhos, né?! Que é minhas duas netas.”

Violeta (2017) fala sobre as coisas que recebe da família para se manter no espaço prisional e segundo ela

Eu era muito luxenta, mas agora eu sou acostumada com pouco. Todo sábado eu queria uma sandália das melhores que tinha e eu tinha, né?! Mas eu, pronto, só tenho essa havaiana só fico com essa havaiana, até porque se chegar... Quando vem uma pra mim eu sempre dou aquela, pode ser mais nova o que for. As pessoas não têm nada eu acho bonito quando recebe aquilo porque eu tenho, quando a gente tem, você sabe como é a gente não valoriza muito.

⁸ Entrevista concedida por CARLA. **Entrevista I.** [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (16 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Ela nos conta que acha bonito em compartilhar, pois vê a alegria da pessoa que nunca teve aquilo e afirma: “ser acostumada a ter tudo o que eu sempre quis, com muito esforço, mas sempre tive. Eu vou ser sincera, eu me orgulho de mim mesma. Eu sou muito orgulhosa de mim mesma e do meu potencial, eu me supero a cada dia.”

Estratégias de solidariedade são uma constante no ambiente observado, mesmo contrastando muitas vezes com a escassez, o que culmina na boa convivência e na ressocialização, pois há iniciativas de ressocialização no âmbito local partindo das relações interpessoais como afirma Bruna (2017) aos nos contar que a relação com as colegas de cela, Agentes Penitenciários e com a Direção, no geral é boa, pois cativa a todos, inclusive recebe até alguns produtos, como tintas de cabelo, produtos de higiene pessoal. Conta que recebe muitos conselhos da Direção, afirma Bruna (2017).

Violeta (2017), 43 anos, está cumprindo pena há 2 anos e 2 meses, recebeu uma única farda. Sobre a alimentação comenta

O Estado manda sim, mas o problema que eu acho é das pessoas que estão ganhando e estão é... Fazendo, mas não faz com amor, mas o governo manda sim carne, verdura, carne de frango, o que o pobre come normal é mandado que é frango, carne, arroz, feijão, macarrão, cuscuz, manteiga e etc, né... Principalmente a verdura, mas a minha cela a gente não cozinha desse jeito, a gente traz tudo de casa que é permitido e eles ajudam com alguma coisa que a gente pede, não tudo, tendeu?! Porque o governo às vezes ele falta muita coisa, mas o que falta a gente procura repor pra ter uma alimentação melhor.

Violeta (2017) ainda comenta sobre o recebimento de produto de higiene

Não, nada, nada. Vem de doações que às vezes as pessoas se sensibilizam e muitas presas pedem pros estudantes, das faculdades que vem fazer projeto com a gente. É assim, antigamente vinha sim, não sei o que aconteceu se o Estado cortou verba, não sei se parou por algum lugar, mas vinha sim, sempre era rôdo, vassoura, produto de limpeza e principalmente o que eu acho mais judiado, e eu tiro às vezes do meu, é uma pessoa que nunca recebeu visita tá com 9 anos aqui dentro, 8 anos, 7 anos, nunca recebeu uma visita e é muito triste, então a gente entre si, porque dentro do presídio somos uma irmandade.

Como Violeta (2017) afirma anteriormente o espaço prisional como “cemitério dos vivos” a socióloga Lemgruber (1983) publicou sua obra intitulada de “cemitério dos vivos. Análise sociológica de uma prisão de mulheres” o livro analisa o ambiente prisional, o cotidiano do espaço, as dinâmicas e a administração de uma prisão feminina, o título já denuncia o descaso com o tratamento das mulheres aprisionadas pelo Estado.

O poder de punir continua a cargo do Estado, que é feito por homens e para homens. O nosso legislativo tem menos de 10% de mulheres enquanto a população brasileira é composta por 51% de mulheres, mas os espaços públicos de poder ainda nos são negados⁹. O que vivemos é uma “indústria da punição”, conforme (DAVES E DENT¹⁰. 2003. p. 1235-1241) e mais, a atração que a prisão exerce através do tempo e do espaço, como o paradigma de maior influência para a punição nesses dois últimos séculos. Precisamos considerar a história da prisão como uma instituição colonizadora[...]

Segundo Daves (*ibid*) sobre a semelhança entre as prisões femininas ao redor do mundo e sua relação com a condição de ser mulher

Se eu fosse tentar sintetizar as minhas impressões das visitas às prisões ao redor do mundo, e na sua maioria foram visitas a prisões femininas, incluindo três penitenciárias que visitei involuntariamente, teria de dizer que elas são sinistramente parecidas. Sempre me senti como se estivesse no mesmo lugar. Não importa o quão longe eu viajasse através do tempo e do espaço - de 1970 a 2000, e da Casa de Detenção feminina em Nova Iorque (onde eu mesma estive presa) até a prisão feminina em Brasília, Brasil -, não importa a distância, existe uma estranha similaridade nas prisões em geral, e especialmente nas prisões femininas. Essa mesmice das prisões femininas precisa ser avaliada com relação ao quanto é importante para os feminismos desvencilharem-se da noção de que há uma qualidade universal que podemos chamar de *mulher*.

A crítica feita pela estudiosa Angela Daves sobre o espaço físico prisional ao redor do mundo ser idêntico nos traz reflexões com relação às particularidades da diversidade de

⁹Ver mais em <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/fiquePorDentro/temas/temas-antiores-desativados-sem-texto-da-consultoria/mulheresnparlamento/bancada-feminina>.

¹⁰ Diálogo entre Angela Daves e Gina Dente na Universidade da Califórnia, Santa Cruz. “**A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição**” Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200011

mulheres e especificidades geográficas das regiões, como no nosso caso, o clima semiárido com chuvas irregulares e temperaturas elevadas. São inexistentes as entradas de circulação de ar, como também mecanismos para amenizar o calor nas celas, algumas mulheres aprisionadas possuem ventiladores em suas “cabanas” para amenizar o calor e/ou afastar os mosquitos. No item seguinte, faremos uma contextualização histórica sobre o aprisionamento de mulheres no Brasil.

1.2 Aprisionamento e Domesticação de Corpos no Sistema Prisional Feminino brasileiro: surgimento e atualidade

No Brasil, o primeiro Código Penal foi sancionado ainda com D. Pedro I, em 1830, sendo conhecido como Código Criminal. Conforme Coelho (2005) afirma que os estabelecimentos prisionais sob a perspectiva jurídica surgiram no século XX com a consolidação do Estado Novo, sob os auspícios do Governo Getúlio Vargas, com mudanças na estrutura administrativa, em 1940 registrou-se a publicação do Decreto Lei de nº 2.848/40 (BRASIL, 1940) no qual foi instaurado o Código Penal, com novas regras para o cumprimento de penas e a elaboração de um programa para a execução penal, sendo o primeiro documento legal a tratar exclusivamente sobre a questão da mulher.

Tal Código determinava, pelo Art. 29º, em seu 2º parágrafo (*ibidem*), que: “As mulheres cumprem pena em estabelecimento especial, ou, à falta, em secção adequada de penitenciária ou prisão comum”. O estabelecimento a ser criado, além de separar mulheres de homens, deveria dar conta de operar separações entre as próprias internas por tipo de crime, condição jurídica e idade (ARTUR, 2009. p. 02).

Conforme Pasti (2016, p. 33), a necessidade de separação entre homens e mulheres no espaço prisional,

Destaca-se na defesa da separação dos estabelecimentos prisionais de acordo com o sexo dos presos o intuito de retirá-las das carceragens masculinas, por considerar-se a presença feminina uma fonte de desequilíbrio para os homens, o que perturbava a ordem nas prisões. (PASTI, 2016. p. 33)

Não existia a preocupação com abusos sexuais, com o intuito de oferecer as mulheres aprisionadas mais dignidade quanto aos locais de encarceramento respeitando suas especificidades enquanto gênero feminino, ou a condição de gestantes, lactantes. A alegação central não estava na proteção destas mulheres.

Ainda de acordo com a autora (*ibidem*, p. 34) sobre o início das penitenciárias femininas

As primeiras instituições prisionais femininas no Brasil tiveram um caráter notadamente moralizador e religioso, pois, [...], além do juízo moral que norteava a questão do encarceramento feminino, a administração dos estabelecimentos prisionais para mulheres era realizada, em geral, por freiras e irmandades religiosas, seguindo o exemplo dos países vizinhos, e as práticas eram voltadas ao ensino religioso e de tarefas domésticas, com cursos de “boas maneiras” e prendas do lar.

Em 1937, o Estado do Rio Grande do Sul adiantou-se à ordem legal e criou o Reformatório de Mulheres Criminosas, em Porto Alegre que posteriormente passasse a se chamar *Instituto Feminino de Readaptação Social*. Segundo Andrade (2011, p. 260) apesar de não ocupar edifício construído especificamente para abrigar mulheres presas, tratou-se de um “prédio senhorial” no centro da cidade. Pela primeira vez, as mulheres foram encarceradas no Brasil em espaço totalmente apartado do presídio masculino.

A respeito das particularidades da punição sobre as mulheres, Marrey Jr (*apud* ARTUR, 2009, p. 03) afirma que “A fraqueza física e a superior afetividade da mulher – palavras empregadas pelos escritores – explicam as atenuações que lhes são concedidas no regime das penas”. Estamos diante de uma suposta atenuação das penalidades, da instalação física das mulheres aprisionadas em um “prédio senhorial”, do trato direto com as presas ser função de Freiras, sem a presença imediata de Agentes Penitenciários ou Policiais.

Os presídios femininos, historicamente são construções feitas com outros propósitos e, pela necessidade são adaptadas ou não. No caso específico de nosso objeto de estudo, para receber estas mulheres que estão em conflito com a lei, a Cadeia Pública Feminina antes era a Cadeia Pública que aprisionava homens e mulheres que estavam à espera de julgamento,

porém, sua forma não foi mudada nem sua função que é de aprisionar pessoas, só que estas pessoas têm necessidades e especificidades pela condição de serem do sexo feminino.

Neste sentido, podemos citar aqui, Milton Santos (2008) que nos traz a discussão sobre *processo, estrutura, forma e função*, que são elementos fundamentais para a compreensão da produção do espaço. Para o autor (*ibidem*) *Forma* é o aspecto visível de uma coisa; *Função* sugere uma atividade esperada de uma forma, pessoas, instituição ou coisa; *Estrutura* corresponde à inter-relação de todas as partes de um todo, ou seja, o alicerce do todo; e, por fim, *Processo* é uma ação contínua progredindo com um sentido qualquer, com conceitos de tempo e mudança. As relações de gênero que estão intrínsecas na *forma* do prédio da Cadeia Feminina nos revelam um descaso e violência contra as mulheres aprisionadas.

Questões como estas tem despertado a crescente discussão sobre o aprisionamento de mulheres por diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Saúde, do Direito, da Sociologia, da Psicologia. Se nos anos 2000 eram escassos os estudos sobre presídios, hoje o tema está em destaque, pois, estudos acadêmicos, reportagens televisivas, produções jornalísticas e pesquisas oficiais do Ministério da Justiça vêm exibindo o perfil da pessoa aprisionada pelo Estado, características e problemas no cenário do cárcere.

Nos dados oficiais, em junho de 2014 foi lançado o relatório Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN MULHERES, 2014) elaborado pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) porque se percebeu a necessidade de um relatório exclusivamente sobre o Sistema Penitenciário Feminino.

Segundo o Relatório INFOPEN MULHERES (2014) ao refletir sobre o sistema carcerário feminino, evidencia-se um grande desafio: pensar em estratégias para a redução das desigualdades de gênero e a superação das diferenças que contribuem para a ineficácia do Sistema, especialmente por ser o Presídio um lugar que comporta austeridade, adversidades e desafios.

Daí o título deste TCC ter se definido a partir da voz de uma das entrevistadas, Violeta, para a qual perguntamos o que significa o “Tira, pira ou pula?”, pois já tínhamos ouvido a expressão dentro da Cadeia. Violeta (2017) nos explica essa frase

É assim, Tirar é que nem eu faço: acordar, dormir, brigar, chorar, viver. Porque tem gente que é covarde, teve uma menina aqui que queimou outra, covardia! Ela simplesmente enlouqueceu, enlouqueceu por quê? Porque ela não aceitou 20 e tantos anos de cadeia, tá entendendo? Então ela tava sofrendo por antecipação, ela não tava sofrendo dia-a-dia, então ela começou a se privar das pessoas e isso se chama covardia, e Pirar é isso. Tirar é o que eu faço, Pular é tentar fugir, ou morre numa cerca elétrica ou pega muito mais cadeia. Então tem três opções: Tira, Pira ou Pula. Quando eu cheguei aqui eu optei por tirar pela guerreira que sou, tá entendendo? Então eu não me acho menos, um dos maiores problemas feito aqui foi enfrentar a sociedade, mas com o tempo eu descobri que eu sou melhor, eu sou a sociedade encarcerada, então não tem ninguém melhor do que eu. Eu to tirando, nem pirei, nem pulei, porque pirar vai pra o Juliano Moreira ¹¹e cadeia enlouquece, viu?

Conforme depoimento da entrevistada Carla (2017), ao se posicionar sobre o espaço prisional denuncia a solidão, o medo, o separatismo de seus entes queridos como algo que está distante de ressocializar, pois se caracteriza pela ausência de direitos e da sociedade, e ao final, faz uma analogia ao espaço prisional como sendo espaço da solidão:

O primeiro dia na prisão foi um terror! Não dormi, não comi, só pensando em meus filhos, minha mãe. Comparo a prisão como espaço da solidão. Aqui é onde o filho chora e a mãe não vê. Aqui acontece 1001 coisas e ninguém faz nada. O maior medo antes de entrar na prisão e o maior medo agora é o de perder minha mãe, perder meus filhos. Meu pai está com os meus filhos porque não tem mais mainha. Ele me abandonou aqui dentro e isso não se faz. Ele não sabe o que é ser um pai, ele tá longe de ser um pai.

Assim como Carla, Bruna, Helena e Violeta (2017) também anunciam e denunciam o choque ao chegar ao Presídio como algo marcante em suas vidas, especialmente no tocante ao seu primeiro dia, quando de sua chegada. Para elas, todos os dias são um desafio, mas o primeiro dia é retratado por todas como algo extremamente ruim e de péssimas recordações. Bruna (2017)¹² resume o seu primeiro dia na prisão como “tortura”. Que o espaço é “bastante

¹¹ Juliano Moreira é o nome utilizado pelas presas para se referirem ao Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira que está situado na capital do Estado da Paraíba.

¹² Entrevista concedida por BRUNA. **Entrevista II**. [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste Trabalho de Conclusão de Curso.

diferente do que imaginava.” Que o seu maior medo era "o de morrer e que agora não tem mais medo de nada: “agora eu tô preparada pra tudo”, afirmou Bruna.

Os medos antes de entrar no Sistema são parecidos: morrer ou perder a família. Muito mais parecido é que as quatro entrevistadas, Carla, Bruna, Helena e Violeta informam agora assumirem uma ‘postura destemida’. Elas convergem no pensamento de estarem preparadas para tudo, na atualidade. A Cadeia representada por elas tem significados comuns: “Colégio” “Solidão” “Calabouço”.

Colégio porque lugar de escola, de aprendizagens, parafraseando Paulo Freire (1995), que o mundo é uma escola, que em todo lugar se aprende e que a Prisão funciona também como um espaço de construções.

Quando perguntada sobre se a prisão é diferente do que ela imaginou, Carla (2017) nos responde

Não porque eu já estive na FEBEM (Atualmente: Fundação Casa – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) e na FEBEM era uma pessoa doce, inocente que não sabia das malícias das pessoas, mas devido eu não ter tido mãe e um pai pra me dar uma sandália, uma roupa, sempre tive que me virar trabalhando em casa, nesse de trabalhar fora eu descobri quem é quem também nesses ambientes. Então é muito complicado, o que eu queria passar para os meus filhos é totalmente o contrário do que eu passei.

O primeiro dia de Helena (2017)¹³ na prisão “foi bastante apertado”, conta, pois passou um inferno, e em sua concepção “só quem pode bater na gente é o pai e a mãe, né?!” Helena denuncia que “apanhou bastante em seu primeiro dia. Imaginava que o espaço prisional era mais ou menos que nem assim, a minha casa pra eu poder viver, entendeu?!”. Para Helena (2017) seu maior medo antes de entrar na prisão era o de apanhar, e que agora “não tem medo de nada”. O presídio pra ela é “um inferno”. Conta-nos que não recebe visita e que está há cinco (5) anos presa e “nunca recebeu uma visita”.

¹³ Entrevista concedida por HELENA. **Entrevista III.** [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Bruna (2017) não recebe visita, pois é de outro estado e nos conta que “Da última vez que eu conversei com minha mãe ela foi pra júri e eu pedi pra ela não vir, porque eu vi o sofrimento da minha família, eu vi todo o sofrimento e só vindo pedrada, uma sentença muito alta.” Bruna já está presa há 5 anos e resta mais 4 anos.

Como existir e resistir neste espaço onde a punição da privação de liberdade desencadeia tantas outras privações, segregações e punições? No capítulo seguinte abordaremos sobre o espaço prisional na perspectiva das mulheres aprisionadas e a questão de gênero.

CAPÍTULO II

O ESPAÇO SOCIAL PRISIONAL FEMININO A PARTIR DA PERCEPÇÃO/SOCIALIZAÇÃO DAS MULHERES APRISIONADAS NA CADEIA PÚBLICA FEMININA DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS/PB

Entendemos que o espaço social prisional feminino necessita ser descrito por aquelas que o constroem, desta forma, as mulheres falam e percebem-se neste espaço por vezes protagonista, outras vezes, meras figurantes, expectadoras até. Vê-las construindo e destruindo o cenário a cada dia, talvez do Teatro do Oprimido, quando sem perceberem, continuam sendo a razão de tudo (FRINHANI, 2004. p. 11).

No seguinte tópico, discutiremos sobre o espaço geográfico em conformidade com o pensamento do geógrafo Milton Santos, visto que é necessária a compreensão teórica do espaço geográfico que é socialmente construído pela humanidade.

2.1 O Espaço Social, a Socialização e a Questão de Gênero no Presídio Feminino do Município de Cajazeiras – PB

De acordo com a perspectiva geográfica, em especial, do espaço geográfico socialmente construído, segundo Milton Santos (2006, p. 12) este se constitui como “um conjunto indissociável de sistemas de objeto e sistemas de ação”. Percorrer o espaço prisional feminino, um espaço que é particularmente vivido por mulheres, é procurar conhecer um universo particular e submeter-se à companhia de mulheres prisioneiras, as quais estão sujeitas em escalas variáveis a máxima conjuntura, o Estado, mas às pequenas conjunturas, o micro espaço local, a Prisão.

Ao pensarmos o espaço como um *conjunto indissociável de sistema de objeto e sistema de ação* podemos exemplificar o objeto como o próprio prédio da Cadeia Pública Feminina e as normas como características internas dos sistemas de ações, tais como, Constituição Federal (1988), Código Penal (1940) e Lei de Execução Penal (1984). O espaço

prisional dividido por duas celas maiores, e quatro celas menores. A questão da divisão por cela não foi nos explicitado, porém, percebemos que as mulheres violentas e agressoras costumam ficar separadas das outras por uma questão de segurança na solitária; já as mulheres que trabalham na limpeza ou cozinha também costumam ficar separadas, ficando nas celas menores com menos mulheres.

Ao contrário do que aponta Foucault na sua obra *Vigiar e Punir* (2011, p. 217) na quarta parte de sua obra onde trata sobre a Prisão, definida pelo autor como parte de “Instituições Completas e Austeras” em que o princípio de isolamento causando a solidão é instrumento positivo de punição e reforma do indivíduo. Segundo nossa pesquisa, o contexto atual de nossa realidade, em especial, o das mulheres aprisionadas, este princípio de punição se demonstrou/a inviável à vista da superlotação nas instituições prisionais e, em especial da Cadeia Pública Feminina do município de Cajazeiras - PB, pois nem o número de “cabanas” são suficientes para todas as mulheres aprisionadas, sobretudo, agravando, o isolamento e a solidão, ambas as ferramentas punitivas, todavia, se a presa comete alguma ação que não agrade a Direção ou os Agentes, ela vai para um outro espaço denominado “Solitária” que se torna o aprisionamento e segregamento dentro do próprio processo de prisão.

Não fomos a nenhum momento de nossas vidas prisioneiras, mas se o tivesse sido, nossa amplitude de conhecimentos e reflexões com relação à organização espacial vivenciada diariamente por àquelas mulheres aprisionadas seria mais complexa aos olhos deste Trabalho de Iniciação Científica.

Mesmo procurando nos aproximar da realidade observada, ficamos tardes, um dia todo, e até tentamos ficar alguns dias, o que não se concretizou ainda, pois intencionamos a continuidade deste estudo na Pós-Graduação, mas percebemos a cada tempo somado de vivências que há complexidades das realidades e dos espaços onde convivem pessoas privadas de muitas liberdades, mas também, um espaço onde há liberdades de expressão, a exemplo de depoimentos que informam o direito ao exercício da sexualidade e de libertação de opressão por parte dos cônjuges.

E em questão de exercer sua sexualidade trazemos o depoimento de Bruna (2017) ao afirmar

Eu não vou mentir para você, desde que eu cheguei aqui eles sabem o que eu gosto e o que eu não gosto, a direção sempre me respeitou. Já tive vários relacionamentos aqui dentro, sério mesmo, foram embora então eu não quis mais e agora eu quero ficar só, nunca fui chamada a atenção por ninguém. Todo mundo sabe que eu amo mulher, e minha mãe falou assim ‘Te amo porque você é o que você é, e eu te amo.’ Minha família fala assim ‘eu te amo, porque você é o que você é, você não imita. (informação verbal)

Carla (2017) também é homossexual e sobre relacionamentos amorosos e estratégias de convivência diz “Só tive uma discussão com a minha parceira, daí foi ela pro canto dela e eu pro meu.” E, segundo ela, é respeitado tanto pela direção quanto pelas colegas.

A sexualidade exercida, como a lesbianidade, é posta com respeito às orientações sexuais individuais, tanto pela direção quanto pelas colegas de cela. O que podemos observar é que a aceitação as liberdades sexuais entre as grades é mais real, segundo as entrevistadas, do que fora delas.

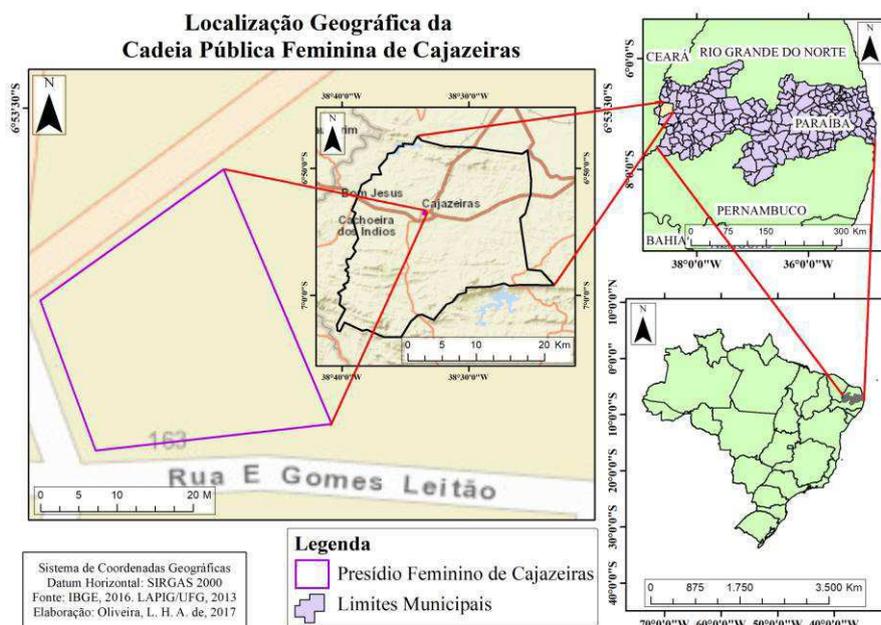
Assim como Santos (2012, p. 58) concordamos com a perspectiva de estudar o espaço nas suas relações com a sociedade, pois acreditamos que o espaço geográfico é fruto das relações dos humanos com a natureza e entre os próprios seres humanos. A Geografia constituindo-se como a ciência do presente, ou seja, orientada pela realidade moderna comporta estudos como este tendo em vista que aborda as distintas formas de ação dos sujeitos humanos e do Estado como entidade organizadora da sociedade.

A apropriação do espaço carcerário pelas mulheres aprisionadas, suas relações interpessoais, conflituosas ou harmônicas também se configuram sistemas de ações unindo-se ao objeto de estudo que é a própria prisão, no município de Cajazeiras - PB.

A lógica de estudarmos o objeto da Cadeia Feminina provém da necessidade de construirmos uma unidade, pois acreditamos que a alteração de uma parte da funcionalidade, diminuí a eficácia do que o objeto é proposto, no entanto, ao se tratar de espaço geográfico dinâmico, a cada evento a forma se recria. Assim, a forma-conteúdo não pode ser considerada, apenas, como forma, nem, apenas, como conteúdo. No nosso caso, com o evento da construção do Presídio Padrão as margens da BR 230 saída para Sousa/PB, com isso, a Cadeia Pública Feminina logrando a função de aprisionamento de mulheres pois a forma e a

função continuaram disponíveis, mas o objeto que acolheu esta ação ganhou uma outra significação, ou seja, a ressignificação do espaço prisional.

Para prosseguirmos nossa discussão apresentamos aqui a localização física espacial do Presídio Feminino no município de Cajazeiras – PB, situado na divisa do Estado, na porção Oeste (W), distante cerca de 500 km da capital do Estado, João Pessoa - PB. O município de Cajazeiras se limita, em sentido horário, com os municípios de São João do Rio do Peixe (N e E), Nazarezinho (SE), São José de Piranhas (S), Cachoeira dos Índios, Bom Jesus (W) e Santa Helena (NW). Em tal município encontra-se a Cadeia Pública Feminina estando localizada à Rua Samuel Duarte cruzando com a Rua E. Gomes Leitão, no Centro da cidade de Cajazeiras – PB (Figura 1).

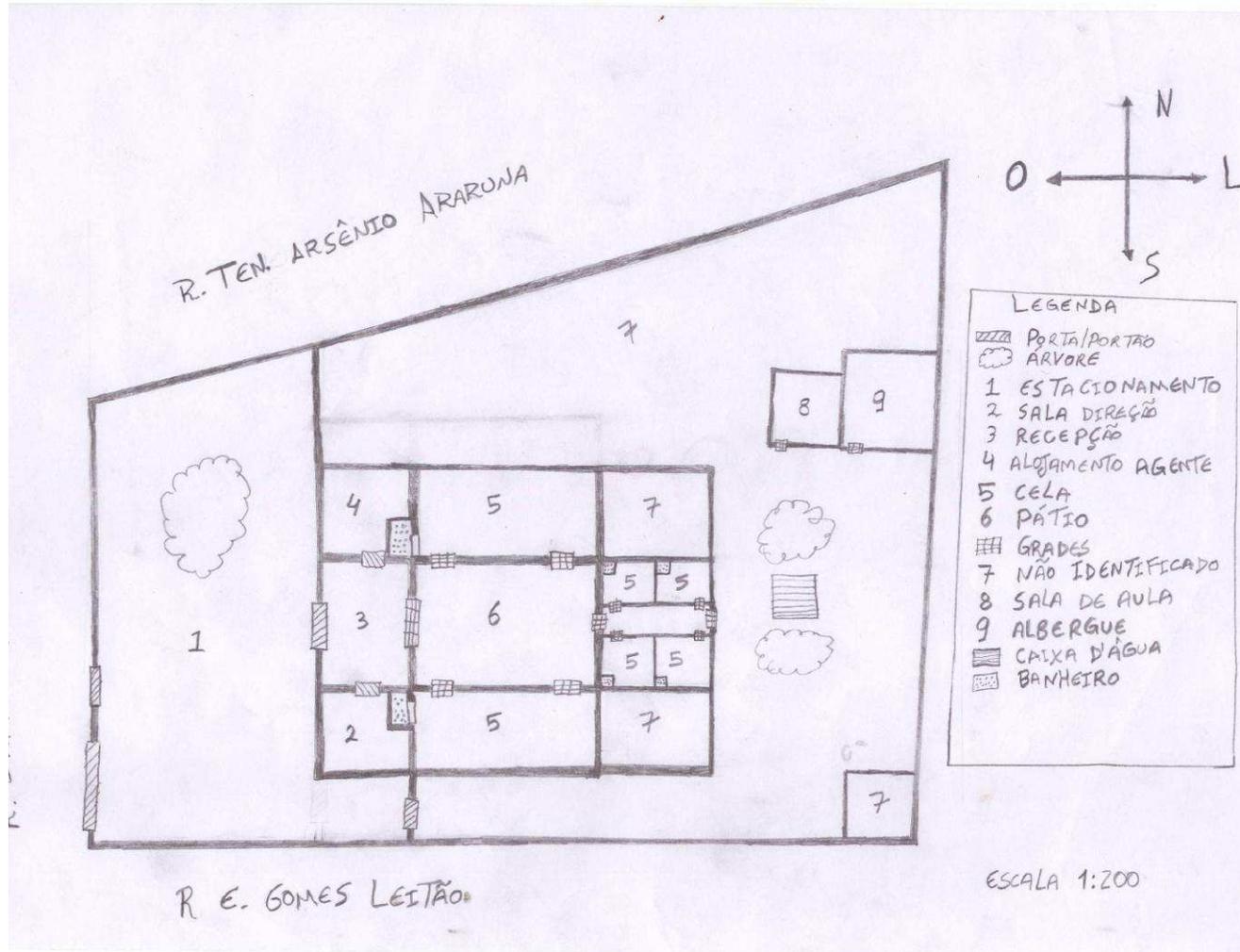


Fonte: IBGE, 2016. LAPIG/UFG, 2013. Elaboração: Oliveira, L. H. A de 2017

Ao nos debruçarmos sobre o espaço físico interno do Presídio Feminino investigado nos deparamos com uma situação que reflete a realidade brasileira: a de inadequação do espaço para um espaço de ressocialização e mais ainda, para as necessidades específicas da mulher.

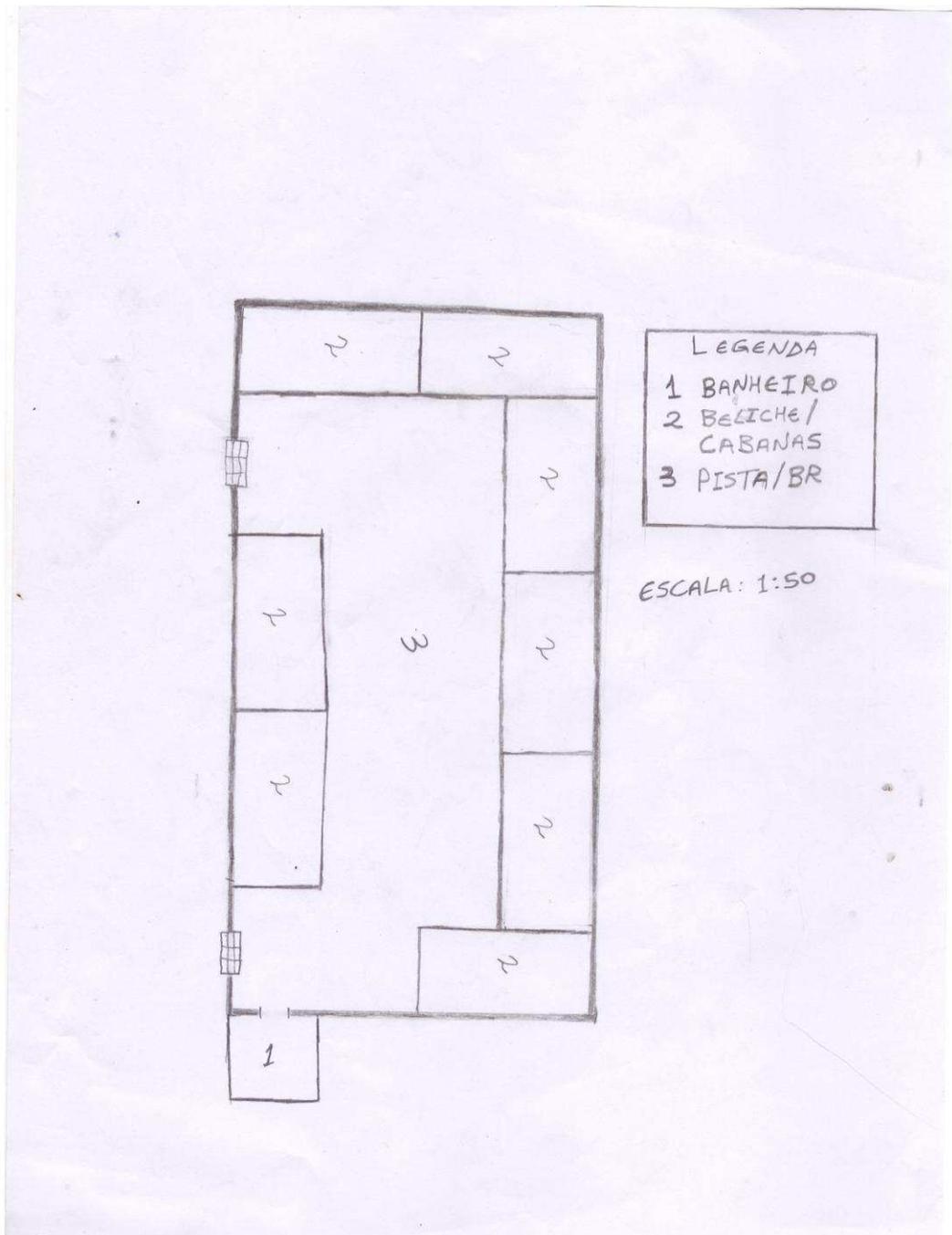
Conforme pudemos observar e vivenciar o espaço no Presídio se dá demonstrado nos croquis a seguir:

Figura 2 – Croqui do espaço interno do Presídio Feminino do município de Cajazeiras – PB



Para além do espaço total do Presídio nos debruçamos também a observar o micro espaço das celas, onde passam a maior parte do tempo e onde dividem tal espaço em meio a tantas adversidades, a exemplo do descumprimento do ordenamento legal em relação aos direitos humanos, e nestes, a negação de direitos e das diversidades dos sujeitos.

Figura 3 – Croqui do espaço interno da cela 01



A individualidade e privacidade são expressões corriqueiras nas falas das entrevistadas, tendo em vista a necessidade de espaço reservado para suas necessidades pessoais. Segundo Violeta (2017), o seu maior medo era o de ser presa porque ela se acha “meio complicada” bem como denota a preocupação com a condição de ser mulher, especialmente em espaços inadequados as suas necessidades, e afirma:

Eu sempre acho que o mais louco de ser enquadrada com 35 mulheres sem ter, até no banheiro, tem 35 ‘priquitos’ pra ir no banheiro é meio complicado, entendeu?! Já vi briga até por um balde d’água, por um pedaço de pão, por um pacote de bolacha, por um sabonete.... Se imagine num quadrado pequeno com 35 mulheres, uma conspirando contra a outra ‘que a outra é isso, que a outra é aquilo, que a outra toma banho, que a roupa dela é mais limpa’. Tem conspirações e aí você dorme na sua cabana e pode acordar no isolado (espaço da Solitária).

Nas celas existem a divisão entre espaços individuais (cabanas cobertas e divididas por um tecido simulando uma cortina), e, coletivos, a parte central da cela serve tanto para circulação quanto para dormida (para aquelas que não dispõem ainda de uma cabana), além do banheiro, quando fizemos a pesquisa, no final do ano de 2017, as celas estavam mais esvaziadas, podendo até darem o luxo de fazerem uma “cabana” de fogão e despensa de alimentos.

A definição de “Cabana”, segundo afirma Bruna (2017):

É onde a gente dorme, é onde a gente chora, é o lugar que a gente fica pedindo clamor a Deus para sair, que às vezes ninguém vê o que a gente tá passando e, a gente sufoca ali dentro focada em Deus. Você própria ajeita sua cabana. Ontem mesmo a gente reformou ela, eu e uma amiga minha que tenho aqui, ela chegou e então nós duas reformamos e tá só o ouro. A cabana é tudo que eu tenho porque você tá na pista às 5:30 da manhã lhe chamam pra você acordar. A gente já enfrentou até 32 mulheres dentro da cela, era de um jeito que você não conseguia nem chegar no banheiro.

O depoimento de Bruna denuncia o descaso das políticas públicas penais em relação à superlotação nos presídios e, por conseguinte, ao direito de cada um no tocante à dignidade humana de ter reconhecimento por parte do Estado em relação ao espaço apropriado e ressocializador, conforme determinações dos princípios legais (RODRIGUES, 2001).

Em meio às adversidades e heterogeneidade, as mulheres buscam uma organização própria que desvela dentre outras questões as noções de direitos, subjetividades das mulheres e hierarquia, violência, noções estas que se entrecruzam com a organização espacial com o intuito de habitabilidade.

Quanto à hierarquia entre as mulheres aprisionadas, Helena diz que “do meu ponto de vista, quer como se diz mandar, mas ninguém pode mandar, porque a gente estamos todas num canto só, né pra ser tudo igual?!” Então quando perguntada se ela acha que são todas iguais, responde “não, de jeito nenhum”.

Helena (2017) ainda desabafa “Eu não gosto de andar no pátio, pra falar a verdade eu tenho nojo porque foi aonde começaram a judiar comigo na hora em que cheguei aqui dentro.”

Sobre a hierarquia entre as mulheres, Bruna (2017) diz não acreditar existir, acredita em liderança, porém, é mais para o mal.

Violeta (2017) acredita que não existe hierarquia, que vê o espaço principalmente da cela como uma comunidade. Contudo, demonstra o inverso em seu depoimento acerca do seu primeiro dia presa lembrando como

um dia pavoroso, eu não gosto nem de lembrar, mas... Esse silêncio até hoje ele me incomoda, aquela sensação de ficar no calabouço e olho assim, é muito triste a entrada aqui dentro, a minha não foi tanto porque a cadeia toda silenciou, né?! Devido eu ser uma mulher que tinha um restaurante da classe média, e outra, porque eu não sou nenhuma fodida, né?! Mas com o histórico de vida que eu tenho, devido ter sido por muito tempo cozinheira no hospital e por as pessoas todas me conhecerem, foi a cadeia toda em silêncio quando eu entrei.

Sobre a existência de hierarquia entre as mulheres Carla (2017) afirma:

Eu acho que tem sim, e acho que ela é mandona e errada. Porque é assim, ela faz uma coisa, ela não quer que ninguém faça aí quando ela vai e deixa uma coisa num canto, eu simplesmente olho e digo – Fulana, tu quer ser a certinha então não faz isso não se tu não quer que ninguém faça. Porque se eu não quero que uma pessoa faça uma coisa eu não vou fazer, porque você pode e os outros não podem? (informação verbal)

Então, como Violeta (2017) já havia nos dito que possui um controle sobre a cela, perguntamos se ela acha que quando sair irá continuar a mesma organização,

Não. Quando eu cheguei aqui tinha até tapuru dentro da cela, Era podre. Tinha tapuru mesmo, elas colocavam papel de absorvente no vaso... Porque aqui tem o morador de rua, tem o viciado em droga, tem a prostituta, tá entendendo?! Tem a homossexual que não tem nada a ver, a maioria é mais limpa ainda que a verdade é essa, mas imagine esse monte de gente diferente, são costumes diferentes, costumes de comer e jogar, costume de usar roupa e jogar no chão, coisas que para nois é um absurdo, gente que não se depila, que não toma banho. Então aquilo, ela fica vendo a outra, então o que é que eu procuro fazer: lista dos afazeres, horários para dormir para acordar. (informação verbal)

Ainda continua sobre a organização, Violeta (2017)

Porque nós só estamos privadas da nossa liberdade. Se tem gente idoso na cela às 9 ou 10 horas da noite apaga a luz, quer brincar? Brinca em silêncio. Quer falar? Fala na sua cabana. Horário de som? De manhã. Horário de chamar o povo que tá na BR que tem que ter respeito? De 8 horas da manhã em diante. Se a pessoa quer acordar cedo, tudo bem, mas não é obrigada, porque quando eu entrei era jogado balde d'água na cara das presas que as outras jogavam de 6 horas da manhã. E eu disse que no dia que fizesse isso, eu ia pro isolado que eu não tinha medo. (informação verbal)

As estratégias para tornar o espaço mais habitável seria, no olhar de Violeta “Eu acho que se botassem essas mulheres pra trabalhar e elas ganhar remunerado, eu acho que isso aqui ficava sem ninguém.

A análise e compreensão no exposto pelas mulheres em suas entrevistas nos mostraram o relativo respeito entre as componentes do espaço prisional, bem com Agentes Penitenciários e com a Direção. A existência de hierarquia entre as mulheres é bastante visível nos discursos, apenas uma já conhecia o espaço de encarceramento e não estranhou muito, apenas uma dorme na BR/Pista.

Quando perguntada sobre o espaço em que dorme Carla (2017) afirma: “É apertadinho. Até um dia desses eu tava na BR (chão), elas também chamam de Pista.” Com relação a ter alguma estratégia para tornar o espaço mais habitável, ela diz “tentar, mas não tem como”. Quando perguntada se ela tem alguma sugestão para a melhoria mais urgente do espaço, comenta “Que cada pessoa aqui dentro converse com uma psicóloga, começar com uma boa conversa. Cada presa dessa tem o seu talento. Uma pra crochê, outras tem a voz linda, era pra ter aula de canto. Algo pra gente se ocupar.”

Carla (2017) responde sobre a inexistência de atividades na prisão que “não tem atividade aqui pra gente fazer, nós só distrai a cabeça jogando baralho em tempo de se viciar de vez e quando sair daqui torrar o pouco que tem.”

A vida, conforme Violeta está parada, e é o que mais sente falta, de suas coisas, de sua vida. Pois, afirma novamente “aqui é um cemitério dos vivos e é muito triste, só falar pra você ninguém nem sabe que eu fui mais presa, ninguém nem lembra. Já é dois anos que aconteceu, as crianças de 13/14 anos já tão tudo fazendo filho e deram procedência, eu não tinha um neto e agora tenho duas.”

Perguntamos o que as netas representam para Violeta (2017): “É um recomeço porque os mais velhos já sabem o que querem, mas eles precisam de mim.”

As estratégias de Bruna (2017) para tornar o espaço mais habitável se relacionam a aspectos da crença, ao diálogo, boa convivência, sociabilidades, ressocialização, dentre outras:

Procuro escolher as pessoas de Deus para mim, que tem Deus, as pessoas que tem umas boas palavras, um bom diálogo, tô ouvindo mais, tô chegando mais próxima e as pessoas que só pensam em maldade tudo, tudo tô entregando para Deus e to vivendo muito longe deles, porque eu busco a Deus, eu quero sair, eu quero me redimir, quero ter meu trabalho digno.

Dependia da minha mãe até certo tempo e ela fazia de tudo, e aqui eu tô sabendo que pelo grão de arroz você tem que dar valor, porque lá fora eu não dei.

A convivência comunitária considerando o espaço minúsculo, a superlotação e as diversidades que as caracterizam impõe regras construídas pelas próprias mulheres e estratégias de sobrevivência, conforme afirmou Bruna (2017): “Para se afastar das pessoas numa cela tão pequena e com tanta gente, você simplesmente isola elas, ignora. Então, pra você não se afundar você faz isso.”

Para Bruna, uma melhoria urgente para o espaço, seria um trabalho para ela na limpeza ou cozinha para reduzir sua pena. A questão da própria urgência por um trabalho é salientado “Os cursos é bom, mas na cozinha você chega cansada do trabalho, toma um banho, janta e vai dormir.”

As atividades de Bruna são faxinar, pois ela disse que adora faxinar, de ver as coisas limpas. Faz exercícios físicos cedinho no pátio.

De acordo com Bruna, o que ela mais sente falta é da união, paz e família, pois tinha tudo isso e não deu valor.

Helena (2017) ao ser indagada sobre em qual local dorme, afirma que ainda dorme na pista por falta de cabanas, e afirma que ganhará uma cabana de uma colega que sairá em breve e que ela deu a cabana dela.

Helena (2017) diz que uma estratégia para tornar o espaço melhor é ficar no canto dela e diz uma sugestão para melhorar o espaço “ter mais espaço assim umas coisinha melhor pra gente não tá tão assim sufocada.”

Helena (2017) nos conta que o que mais faz falta é o conforto do quarto dela, porque não dorme bem como antes, e também

Quando se acorda pra fazer faxina, tem que acordar, tem que levantar, né?! Você dormindo, você já pensou, você dormindo e tem uma pessoa “borá fulana que eu quero fazer a faxina” O sono tão gostoso, né?! O sono das 6

horas da manhã.” [...] “quando eu ficar na cabana ninguém vai fazer isso comigo, né?!”

A privacidade que não existe na vida de Helena (2017) na prisão, será a mínima quando estiver na sua cabana, pois “é pra eu tá no meu canto, ninguém mexer, ninguém puxar um pano, ninguém tirar os meus copos do canto[...]” Acrescenta que na hora do banho é um “fuzuê”, em virtude da existência de apenas um único banheiro sem divisórias (o único sanitário e o único chuveiro são juntos no mesmo quadrado) e tantas mulheres para utilizá-lo e que não gosta de tomar banho dividindo o banheiro com ninguém, pois não foi criada assim.

Sonha em quando sair da prisão de “Possuir minha casinha, se Deus quiser e viver na vida que eu já vivi, sem me aborrecer, sem levar grito, sem me humilhar, né?!”

Com relação à privacidade Carla (2017) afirma: “Aqui não tem, até dentro da cela você tá assistindo tem moído, você quer ouvir um CD que você gosta, não pode. Não tem privacidade porque você não pode ouvir aquilo que você quer.” Agora ela consegue ter um pouco de privacidade, pois a cela está com apenas 15 mulheres, no começo não tinha, porque estava muito lotado, com cerca de 35 mulheres.

Com relação ao espaço de dormir, Violeta conta que tenta ter um pouco de privacidade na sua cabana com o auxílio de lençóis bonitos pendurados estendidos. Nos conta também que ela com as colegas de cela já mandaram pintar cela, ajeitaram o banheiro e que são organizadas.

Para além da privacidade, o direito ao lazer e à prática de atividades físicas, laborais, educacionais, pois esses momentos divergem com o ócio tão presente no cotidiano prisional dessas mulheres. Para Violeta (2017) as diversões são algumas:

As meninas jogam baralho, às vezes assistir uma novela, é muito difícil... Sei não, assim, é porque eu... Pronto! Brincar, tirar onda com as amigas, eu gosto de zoar com elas, tá entendendo? ‘E aí fulana?’ Pronto, é assim minha diversão, entre a gente mesmo, tanto que quando tem castigo da gente, que no castigo tiram tudo, levam som, o ventilador, o fogão, tudo, tudo, daí a gente senta numa roda assim de noite e começa a conversar, tá entendendo? Eu começo a arriar com tudinho, eu canto, essas coisas...

A respeito de hierarquias e conflitos Violeta (2017) se considera uma liderança em sua cela e comenta que o conflito existente é entre as celas e que a solução para pacificar é a separação total entre as celas, ou seja, os horários de banho de sol são alternados. Já os confrontos entre as mulheres da mesma cela são resolvidos entre elas mesmas sem envolver direção, “porque a lei que prevalece fora do pátio é uma, dentro da cela é outra, então a gente procura não levar para o sistema porque quando eles vêm é pra esbagaçar, então a gente procura resolver entre si, até porque aqui dentro eu costumo dizer que não tem lugar bom, nós é que fizemos o lugar.” O poder de punir dentro da cela é compartilhado entre Estado e mulheres aprisionadas que exercem o domínio do espaço.

Os estudos e pesquisas acerca do espaço prisional feminino, sobre conflitos, demandas, relações de gênero dentro do sistema prisional, punições, estereótipos de gênero vem ganhando massa, pois no contexto histórico, é fato que a criminalidade feminina em paralelo com a masculina, em todos os tempos, nos mostrou sua inferioridade nos debates, institucionais e legais, pois de acordo com Perruci (1983 apud Frinhan, 2004, p. 37)

A criminalidade feminina normalmente é estudada como criminalidade em geral, e por isso a maioria dos autores não a diferencia da criminalidade masculina, não lhe dando a devida importância talvez, pela constatação de que a participação feminina na criminalidade geral é quase insignificante em relação à masculina.

Conforme os dados oficiais do *Infopen - mulheres* (INFOPEN, 2014) o Brasil possui uma população de 579.781 pessoas custodiadas no Sistema Penitenciário, sendo 37.380¹⁴ mulheres e 542.401 homens. No período de 2000 a 2014 o aumento da população feminina encarcerada no País foi de 567,4%, enquanto a média de crescimento masculino, no mesmo período, foi de 220,20%, refletindo, assim, a curva ascendente do encarceramento em massa de mulheres. O Brasil é o terceiro país com maior população encarcerada do mundo,

¹⁴ “A situação mudou já em dezembro de 2016, quando dados enviados pelo Ministério da Justiça, ao Supremo Tribunal Federal (STF) mostraram um aumento de 19,6%, passando de 37.380 para 44.721. Os dados mais atuais nos revelam um aumento de 680% da população carcerária feminina brasileira em 16 anos.” Encontrado em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/com-42-mil-presas-brasil-tem-a-4-maior-populacao-carceraria-feminina> acessado em 13/12/2017.

computadas com as pessoas que estão em prisão domiciliar no Brasil, temos o seguinte ranking: 1º Estados Unidos da América com uma população encarcerada de 2.228.424; em 2º China com 1.701.344, e em 3º Brasil com uma população encarcerada de 711.463 de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2014. p. 16)

Com quase 40 mil mulheres presas, ou seja, 7% do total da população encarcerada do Brasil, em quais locais essas mulheres se encontram? Será que depois de 80 anos desde a criação da primeira instituição de encarceramento, exclusivamente para mulheres, em 1937, no estado do Rio Grande do Sul, na capital Porto Alegre, ainda teremos a não exclusividade feminina nestes espaços?

Em conformidade com o Infopen – Mulheres 2014 (*ibid*) as mulheres em situação de prisão têm demandas, necessidades e peculiaridades que são específicas, o que não raro é agravado por histórico de violência familiar, maternidade, nacionalidade, perda financeira, uso de drogas, entre outros fatores.

Os dados levantados mostram que há 1.070 unidades exclusivamente masculinas, o que configura um percentual de 75%. Nas outras distinções, há o indicativo de 238 estabelecimentos mistos onde homens e mulheres dividem a prisão em alas separadas que correspondem a 17% do total, e 103 estabelecimentos apenas para mulheres com a porcentagem de apenas 7%, se deduzindo que a maior parte das mulheres está em estruturas mistas.

Com a descrição detalhada sobre o espaço prisional físico Souza e Neto (2017), podemos imaginar o ambiente adverso das mulheres aprisionadas na cidade de Cajazeiras/PB

São apenas quatro celas, medindo, aproximadamente quatro metros quadrados. Espaço que abriga improvisadas camas de alvenaria, com rotos colchões e nenhuma roupa de cama, um banheiro em cada recinto, fogões precários e varais que ocupam o lugar de araras e armários e onde são estendidas as poucas peças do vestuário. Além das quatro celas principais, outras duas, menores, são destinadas as presidiárias em regime de reclusão total, ou que cumprem punições por desacato, desobediência, tumultos (são celas convertidas em espécie de solitárias). As dependências da Administração são divididas em duas salas de dois metros quadrados cada, a primeira funciona como sala de espera a outra é utilizada para interrogatório das recém-detidas, revista íntima, entre outras funções da administração, se diferenciam uma da outra porque a segunda sala descrita possui um minúsculo banheiro. Este é o cenário do Presídio Feminino de Cajazeiras,

que começa a funcionar a partir do ano de 2010. O prédio, construído no final da década de 1940 e início da década de 1950, abrigava a Cadeia Pública do município, tendo como população principal, presos (homens e mulheres) que aguardavam julgamento.

As relações de gênero enraizadas em nossa sociedade percorrem ainda mais aguda nas características espaciais prisionais, pois, como reflete Cerneka 2009:

Para o Estado e sociedade parece que só existe 540 mil homens presos e nenhuma mulher nas prisões do país. Só que uma vez por mês, aproximadamente 40.000 desses presos menstruam. Às vezes alguns deles engravidam, o que complica e muito para o sistema prisional, pois há a necessidade de atendimento pré-natal, um parto seguro e escolta no hospital, bem como um lugar limpo e propício para cuidar do seu recém nascido. Sim, há mais de 40.000 mulheres detidas no Brasil, que somente agora estão sendo vistas como “não-homens” no sistema prisional, ou seja, o sistema ainda não sabe quem são e o que fazer com elas. (CERNEKA, 2009. p. 62)

Ao refletir sobre o sistema carcerário feminino, evidencia-se um grande desafio: pensar em estratégias para a redução das desigualdades de gênero e a superação das diferenças que contribuem para a ineficácia do sistema (INFOPEN MULHERES, 2014).

Sobre a desigualdade de gênero presente na sociedade, Saffioti (2015) nos diz que a raiz do patriarcado possui características fundamentadas na dominação e exploração das mulheres pelos homens com base num ciclo vicioso estabelecido pelo medo, colaborando para a conservação das diferenças físicas, possibilidades, relações estabelecidas (estudo e/ou trabalho) para mulheres e homens aprisionados pelo Estado.

Ainda sobre gênero, em concordância com Simone de Beauvoir (1967) ninguém nasce mulher: torna-se e, ainda complementamos que é tornada mulher na estrutura societária que a conforma. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino, isto é, o processo de construção do gênero tanto feminino quanto masculino é puramente construído socialmente, construção social que designa a mulher como o *outro*.

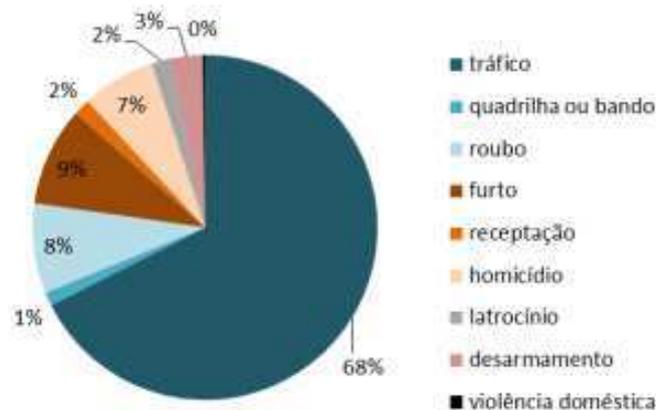
Joan Scott (1991), também considera que a assimetria entre homens e mulheres não são biológicas, mas sim, construções sociais que empregam as diferenças biológicas para legitimar a desigualdade de relações entre humanos do sexo masculino e feminino, e a ordem social naturaliza essa disparidade e faz com que ela seja reproduzida, inclusive entre as próprias mulheres, com a internalização dos papéis socialmente divididos por sexo.

O espaço geográfico é construção social em permanente processo de dinamismo e transformação, e com o estabelecimento destas relações de gênero também no ambiente prisional, por mais que a *Forma* seja para aprisionar, e a *Função* sendo para o encarceramento masculino, que historicamente foi evidenciado, o evento da prisão de mulheres fugindo de toda a concepção da reprodução histórica acerca do que é o feminino, do que é ser mulher, pois as normas de feminilidade são caracterizadas pela domesticidade, maternidade, sensibilidade, e submissão ao patriarca (SILVA, 2011. p. 18).

O perfil da mulher presa no Brasil revela que 68% dessas mulheres cumprem pena por envolvimento com o tráfico de drogas, porém sem vínculo às redes de organizações criminosas (INFOPEN MULHERES, 2014) assim, podendo concluir que até em atividades criminosas ela atua como “ajudadora” do homem, seja ele pai, marido (NASCIMENTO SILVA, SILVA, 2014). No entanto, o aumento dos índices de encarceramento feminino chama a atenção, pois também é reflexo da mulher no espaço público, ao mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2017, p.108).

Como nos mostra o gráfico 1 elaborado pelo Infopen em junho de 2014 sobre os tipos de crimes tentados/consumados por mulheres aprisionadas pelo Estado: O gráfico representa as ações delituosas pelas mulheres e como podemos observar em geral sem vínculos com violência ou requinte de crueldade.

Gráfico 1 – Tipos dos crimes tentados/consumados entre os registros das mulheres privadas de liberdade. Brasil, Junho de 2014



Fonte: Infopen, jun/2014. Departamento Penitenciário Nacional/Ministério da Justiça.

Presumimos que resgatando a apropriação do espaço geográfico prisional feminino demanda em resgatar o que cada uma constrói no subjetivo individual e coletivamente neste espaço. Compreender as sujeitas como ativas, passivas, autoras, expectadoras, do processo de desconstrução e construção de sua história, de seu espaço individual e em comunidade.

No item seguinte, faremos uma caracterização do perfil das mulheres aprisionadas na Cadeia Pública Feminina do município de Cajazeiras/PB e faremos um paralelo com o perfil nacional da mulher aprisionada.

2.2 Caracterização das Mulheres Aprisionadas da Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras – PB: o Perfil Sócio-econômico-cultural

Os profissionais do judiciário quanto do legislativo precisam conhecer melhor o perfil socioeconômico das pessoas em conflito com a lei, para assim, criar caminhos eficientes na contenção e diminuição no índice do sistema prisional. Diante da explosão demográfica nos presídios femininos brasileiros, apontado pelo Infopen (Depen, 2014) a partir do qual o perfil econômico das mulheres aprisionadas está entre a camada mais pobre da população, por

volta de 95% das pessoas que cometem crimes são formados por pessoas de baixa renda (CAMARGO, 2006).

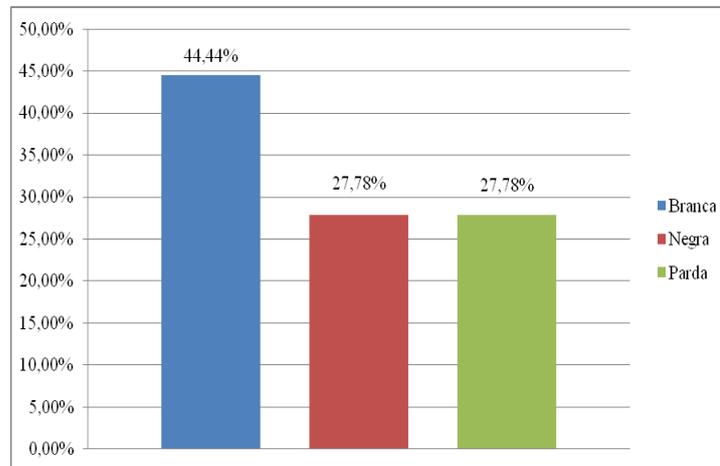
A fim de refletir e indicar meios que possam colaborar com esse entendimento, é apresentado o perfil socioeconômico das mulheres presas na Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB, no qual tivemos 18 participantes de, aproximadamente 50 mulheres que estavam aprisionadas na cadeia em regime fechado. Reunimos os resultados tabulados oriundos de um questionário com 17 (dezessete) questões (Apêndice A), pois acreditamos que o instrumento pautado na quantificação poderia nos servir para traçarmos um perfil local e também com o objetivo de fazer um paralelo com o perfil nacional da mulher encarcerada pelo Estado.

Faixa Etária

Segundo a psicóloga Estela de Tomas Zanni (s/d) conforme citada por Rocha e Lodi (2013, p.100) “A faixa etária do adulto-jovem vai dos 20 e poucos aos 30 e poucos anos. São pessoas que há algum tempo deixaram para trás a fase de transitória adolescente. Já adentraram a vida adulta e socialmente, são cobradas como tais.” Portanto, pode-se dizer que as participantes desta pesquisa são adultas jovens, já que a média de idade entre elas é de 34,66 anos. Em comparação com o perfil nacional, 50% de todas as mulheres presas estão na faixa etária de 18 a 29 anos.

Cor

O gráfico 2 nos mostra a identificação das presas com sua cor de pele: veremos que está quase proporcional a questão de mulheres que se autodeclararam brancas com 44,44% e não brancas 55,56%, (negras e pardas) fugindo da marca nacional onde a proporção de mulheres não brancas é de 67% - duas em cada três mulheres aprisionadas são negras ou pardas. E fugindo da perspectiva estadual, pois na Paraíba, de acordo com o INFOPEN (2014), 83% de todas as mulheres aprisionadas no Estado, se declararam negras, enquanto só 17% são mulheres, de cor branca.

Gráfico 2 – Cor

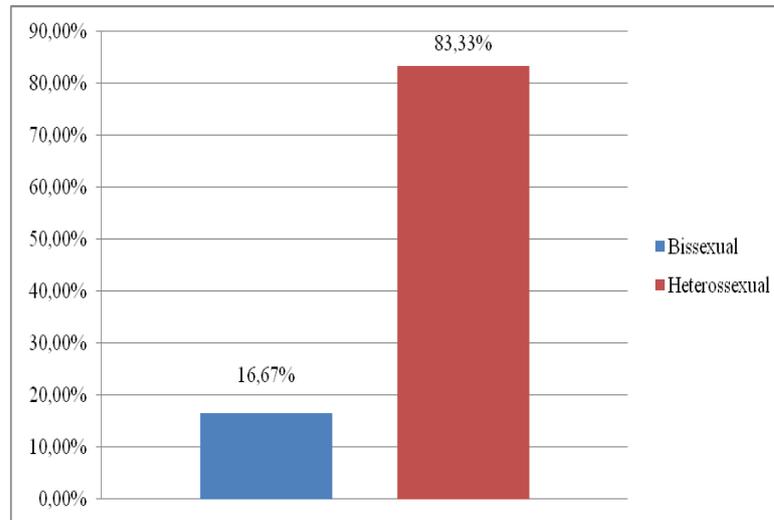
Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

Os números nacionais sobre aprisionamento de mulheres pelo Estado nos mostram que a intersecção entre cor e classe está presente, criminalizando com constância a mulher não branca e pobre.

Orientação Sexual

Não encontramos nenhuma pesquisa oficial sobre sexualidade das mulheres aprisionadas e para nós, devido ouvirmos frequentemente nas atividades propostas e exercidas pelo Projeto de Extensão “O feminino aprisionado: direitos humanos e questões de gênero” sobre a liberdade que a prisão deu para exercer sua sexualidade, para descobrir e redescobrir prazeres colocou-se uma questão sobre orientação sexual, com o intuito de conhecermos sobre a sexualidade da mulher aprisionada, já que a heterossexualidade compulsória vista como instituição política, desafiando o apagamento de outras sexualidades no pensamento feminista bem como no entendimento geral das relações de gênero da sociedade (RICH, 1980)

O gráfico 3 nos mostra uma singela aparição de outra orientação sexual que não seja a heterossexual, ou seja, em 16,67% das mulheres pesquisadas se consideram bissexuais.

Gráfico 3 - Orientação Sexual

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

Com relação ao exercício da sexualidade na prisão, Violeta pontua:

É tão complicado esse negócio de sexualidade, mas eu vejo muita coisa, porque eu sou uma pessoa que eu não sou crítica em relacionamentos. É... Tem gente que eu conheci, mulher que nunca se relacionou com outra mulher, mas a pior doença que tem no ser humano se chama carência, eu percebi aqui dentro que muitas que criticavam duas mulheres se beijando saíram gostando de outra mulher e tão levando esse relacionamento lá fora.

Concluimos sobre o espaço prisional para a sexualidade das mulheres como um espaço antagônico entre aprisionar e libertar para outras perspectivas sexuais, fugindo do padrão heterossexual.

Religião

Apenas um pequeno percentual se caracterizou pela falta de religião, o que pudemos constatar é que o apego religioso se tornou uma ferramenta para suportar os dias e acreditar num futuro mais digno e sem reincidência. Cada uma tem sua bíblia, existem grupos de orações, e nas paredes de suas cabanas – nome dado a sua cama, que com o auxílio de um lençol faz com que pareça uma cabana e tenha um pouco de privacidade - as paredes das cabanas são cheias de colagens, de papéis com orações e palavras de esperança. Vemos então

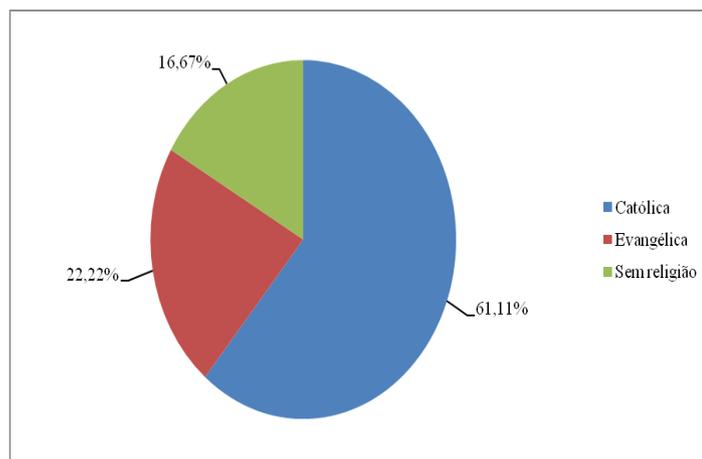
uma associação entre a importância da leitura e da religiosidade, ambas como elementos positivos na ressocialização, como aponta Bruna (2017)

Eu passo o tempo lendo, tenho uma coleção de livros e já terminei alguns: Sem Limites de Perdoar, Dores do Mundo, a bíblia. Eu me sinto bem lendo as coisas que realmente lá fora pra mim vai ter um bom progresso, porque através desses livros e histórias é que eu realmente tô vencendo e ganhando forças, porque tem história lá que realmente tem cada palavra.

Então perguntamos se Bruna viaja para fora da prisão com a leitura e a resposta é “Principalmente quando eu tô tirando o salmo às 6 da noite, reúne a cela todinha e a gente tira o terço, então ali me fortalece, entendeu?”

A seguir, apresentamos o gráfico 4 a respeito da Religião das mulheres aprisionadas com o objetivo de quantificarmos quais religiões presentes no espaço prisional feminino:

Gráfico 4 - Religião



Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

Carla (2017): “Não sou religiosa, mas aqui e acolá tira umas orações com as meninas, mas só quando dá vontade, porque não adianta todo mundo achar que eu tô fazendo uma coisa de boa vontade e Deus saber que eu to mentindo, então só faço quando dá vontade.”

Com relação à religião, Helena (2017) diz “Eu gosto como se diz, dos dois lado, né? Tanto do crente quanto do católico, porquê Deus é um só.” E sobre ser respeitada afirma “Ninguém faz como é que se diz... Ninguém diz nada não, né? Porque cada um tem uma cabeça e ninguém pode ser igual, né?”

Violeta (2017):

Não, eu acredito em Deus, acredito sim nas palavras da bíblia, eu estudei a bíblia muitos anos e leio sim, eu acredito em Deus, não acredito em padre nem em pastor que são pessoas que comem feijão e arroz igual a mim, eu acredito em Deus. Se você me mostrar o que é certo ou errado tem na bíblia, então eu medito de manhã, medito de meio-dia e às vezes a noite, peço orientação a Ele e perdão dos meus pecados, pra mim ser uma pessoa melhor, porque se você for melhor que seu próximo você é melhor pra si mesmo;

Estado civil

Com uma porcentagem de 44,44% pode-se afirmar que a cadeia pública feminina da cidade de Cajazeiras/PB é constituída por presas solteiras. Dos 55,56% restantes, 22% são casadas, 16,67% viúvas, 11,11% divorciadas, e 5,56% união estável. Segue-se o perfil nacional, a maior parte das mulheres encarceradas é solteira com um percentual de 57%, pelo estado da Paraíba esse percentual ainda é maior, subindo para 64% o número de mulheres solteiras no sistema prisional (INFOPEN, 2014).

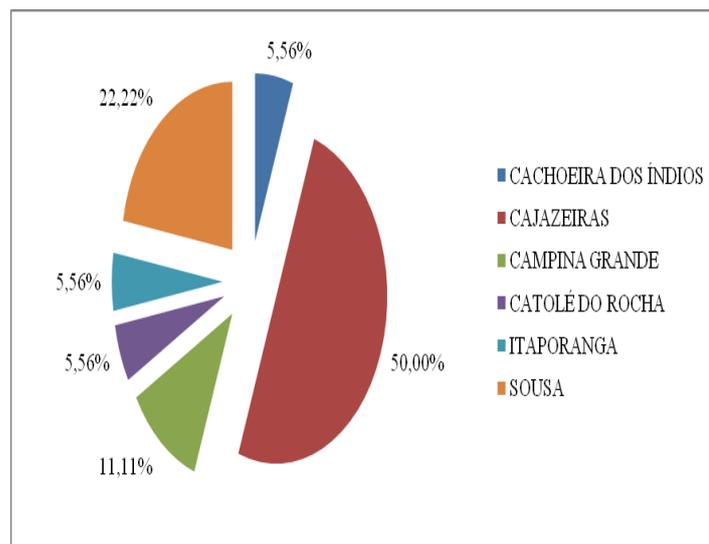
Cidade na qual residia antes da prisão

Com 50% das entrevistadas residentes na mesma cidade em que estão cumprindo suas penas, podemos constatar mais facilidade de manter vínculos familiares e de receber o auxílio da família, seja com produtos de higiene, comida e visitas aos sábados, o que se torna dificultoso e doloroso para o restante das presas oriundas de outras cidades, pois o contato com parentes torna-se escasso ou nulo, agravando a estadia no espaço prisional, visto que os

vínculos são apartados pela distância, e dificuldades financeiras, já que as mulheres aprisionadas são da classe trabalhadora¹⁵ como veremos mais a frente à renda que tinham antes do encarceramento.

O gráfico 5 nos exhibe as cidades que as mulheres aprisionadas em Cajazeiras/PB são oriundas:

Gráfico 5 – Cidade na qual residiam antes da prisão



Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

¹⁵ O conceito marxista de Classe não é um conceito sociológico, mas antes de tudo econômico. Isto é, as classes são definidas pela Economia Política a partir de seu lugar na produção, ou a partir de sua fonte de renda. Camponeses, burgueses e proletários são determinados pelas fontes de renda, terra, capital e trabalho. O conceito de classe é anterior a Marx e já é amplamente usado pela economia política do século XVIII. Mesmo o termo “luta de classes” já aparece na Enciclopédia de Diderot de 1780. Burguesia e Proletariado não são as únicas classes no capitalismo, mas é a sua luta aquela que determina a sociedade capitalista como uma sociedade de exploração do trabalho por meio de sua mercantilização. Mesmo essas duas classes protagonistas são subdivididas em diversas “camadas” de acordo com seu lugar na produção social da vida, como Marx mostra no Capítulo 23 de O capital. (ÁZARA, 2012)

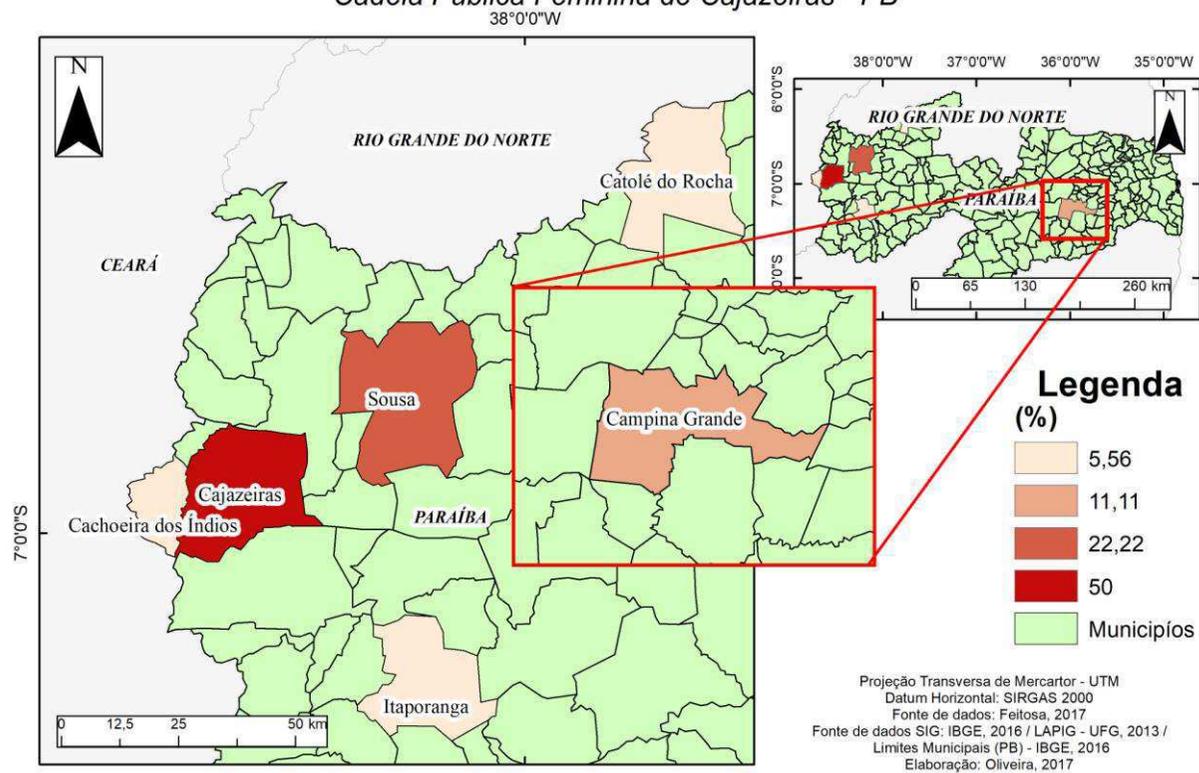
Na perspectiva das classes sociais, podem-se diferenciar, sobretudo, dois sentidos da história: o das classes dominantes e o das classes dominadas ou subalternas. Do ângulo das categorias de sexo, as mulheres, ainda que façam história, tem constituído sua face oculta (SAFFIOTI, 1987)

Vale enfatizar o entendimento adotado neste trabalho de que as mulheres não constituem uma classe, mas estão presentes em todas, já que a teoria classista permite compreender os aspectos de suas vidas e as formas que ocorrem as opressões sociais; no entanto, a teoria não logrou explicar o motivo de a condição genérica estar intrinsecamente relacionada com suas opressões, o que depreende que mulheres são oprimidas por serem mulheres, e algumas também por sua classe (LAGARDE, 2005. apud OLIVEIRA, 2017. p. 47)

Com o auxílio da entrevista semiestruturada que aplicamos para quatro mulheres, apenas Violeta é natural do município de Cajazeiras/PB. Bruna (2017) de Campina Grande, mas com a família natural do estado do Pernambuco. Helena e Carla também são oriundas de outras cidades do estado da Paraíba. Violeta ainda recebe visitas de uma de suas filhas, enquanto as outras três seguem pagando suas penas ao Estado sem vínculos familiares.

Prosseguindo, apresentamos um mapa sobre o percentual de origem por município das mulheres aprisionadas na Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras (figura 4):

Percentual de Origem por Município, das Mulheres Aprisionadas na
Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras - PB



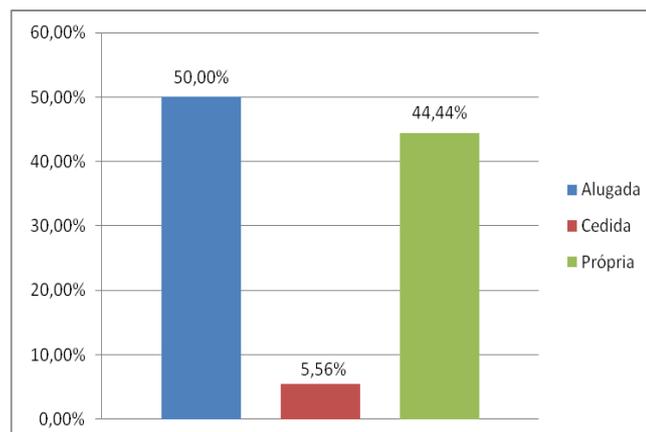
Fonte: Dados: Feitosa, 2017. Fonte dos dados SIG: IBGE, 2016/LAFIG – UFG, 2013/ Limites Municipais (PB) – IBGE, 2016. Elaboração: Oliveira, 2017.

Situação do imóvel no qual residia

Refletindo as condições financeiras das entrevistadas, em que 50% moravam em casas alugadas, e reflete o perfil nacional, apontando-se que 95% dos sujeitos presos são pobres, e mesmo que 44,44% tenham casa própria, não reflete grande coisa em suas condições financeiras e políticas. Por falta de dados ao nível nacional e estadual, ficamos impossibilitadas de fazer um paralelo neste ponto.

Apresentamos o gráfico 6 sobre a situação de moradia das mulheres aprisionadas no município de Cajazeiras:

Gráfico 6 - Situação do Imóvel de moradia



Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

A necessidade de sabermos a situação do imóvel em que moravam antes do encarceramento, se dá para comprovarmos as condições econômicas das mulheres aprisionadas.

Escolaridade

De acordo com a tabela 1, 22,22% são analfabetas, e ninguém chegou a iniciar um curso superior. Juntando os percentuais de analfabeta: 22,22%, Ensino Fundamental Completo 22,22% e Incompleto 11,11% temos 55,55% com o nível baixo de escolaridade. A taxa de analfabetismo é alta, em comparação ao nível nacional que é de 8,7% (MEC, 2012). No perfil nacional de mulheres aprisionadas, 50% das mulheres encarceradas não concluíram

o ensino fundamental, e apenas 4% são analfabetas, e 11% concluíram o ensino médio, enquanto na cadeia pública feminina de Cajazeiras/PB 27,78% concluíram o ensino médio.

Tabela 1 - Escolaridade

Escolaridade	Qtd	%
Analfabeta	4	22,22%
Ens. Fund. Completo	4	22,22%
Ens. Fund. Incompleto	2	11,11%
Ens. Médio Completo	5	27,78%
Ens. Médio Incompleto	3	16,67%
Total geral	18	100,00%

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

Com a execução de uma entrevista semiestruturada para quatro mulheres aprisionadas as quais chamaremos de Carla, Bruna, Helena e Violeta (2017).

Carla (2017) e educação: “Eu não participo porque pra estudar tem que fazer a matrícula, como eu ainda não fiz minha matrícula não posso nem acompanhar, somos privadas disso daí também... Eu acho que além da gente ta num lugar desse eles não podem privas a gente de nossos direitos.”

Bruna (2017) afirma que já fez três cursos profissionalizantes, “já fiz o SENAC, fiz o aprendizagem, o SEBRAE, já fiz três do SEBRAE, é tanto que eu me formei aqui, já tenho cinco certificados, sou a única presa que tem cinco certificados.”

Helena (2017) diz que não participa de nenhum estudo, e diz que é analfabeta.

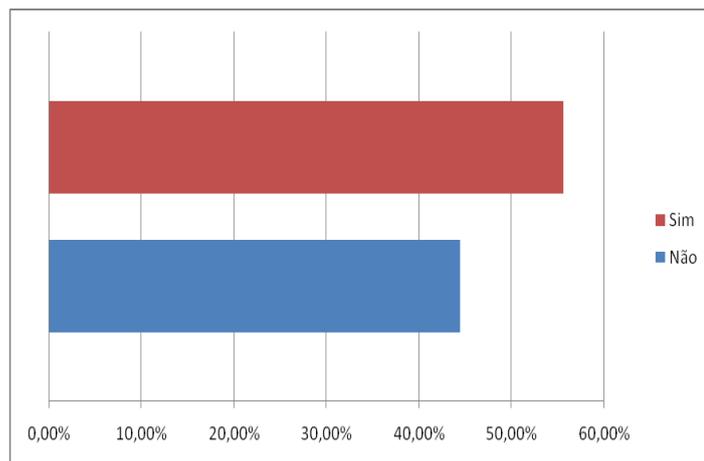
Violeta (2017) sobre o acesso a educação

Tem sim, eu tinha parado. O acesso a educação aqui são poucas as alunas se tiver duas ou três que estude nessa sala de aula é muito, porque a presa, ela não vem pra ser reeducada. Eça vem para receber a redução que é dias que contam na sua pena e da mesma forma que você tem que trabalhar e estudar, você ainda tem que lutar na justiça por aquele direito que você trabalhou, aí fica difícil.

Atividade econômica antes da prisão

Antes da prisão, 55% das mulheres aprisionadas exerciam atividade econômica, porém, muitas mulheres colocaram como profissão “do lar” e não tinham independência financeira do parceiro, então, podemos vincular as questões de violência doméstica e a continuidade no relacionamento abusivo por falta principalmente de recursos financeiros para poder se sustentar. Dado que os percentuais mais elevados sobre as vítimas de violência doméstica foram registrado entre as que possuem menor nível de escolaridade e as que recebem até 2 (dois) salários mínimos. (Data Senado – Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, 2013)

Gráfico 7 – Exercício de Atividade Econômica Antes da Prisão



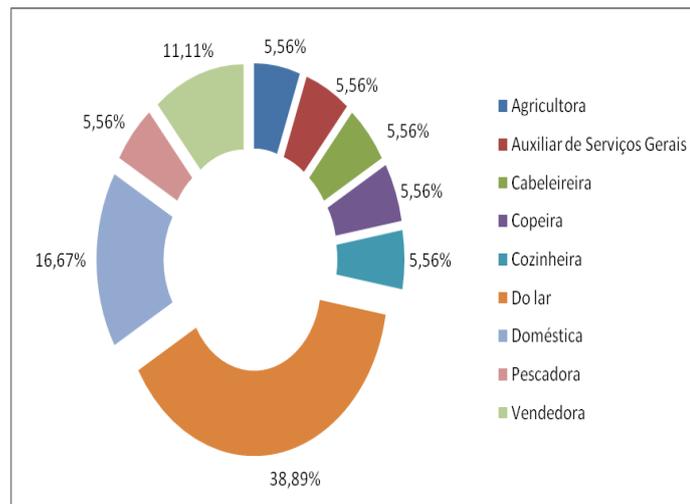
Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

Um pouco mais da metade das mulheres aprisionadas exerciam atividade econômica antes da prisão, visto que as mulheres que responderam que não exerciam atividade econômica fora de casa consideraram-se como “do lar”, mas a construção histórica sobre o trabalho doméstico e o seu desmerecimento como atividade financeira, na sociedade capitalista em que o trabalho gratificado economicamente está na esfera pública, ficando a esfera privada, ou seja, do lar para a obrigação inteiramente feminina e sem reconhecimento econômico.

Profissão/ocupação

As profissões e ocupações das mulheres aprisionadas na cadeia pública feminina de Cajazeiras/PB são diversas, mas a ocupação “do lar” nos chamou a atenção, por questões já mencionadas no gráfico 7 e que apresentaremos o gráfico 8 sobre as profissões diversas que exerciam antes da prisão, tais como: agricultora, auxiliar de serviços gerais, cabeleireira, copeira, cozinheira, do lar, doméstica, pescadora e vendedoras.

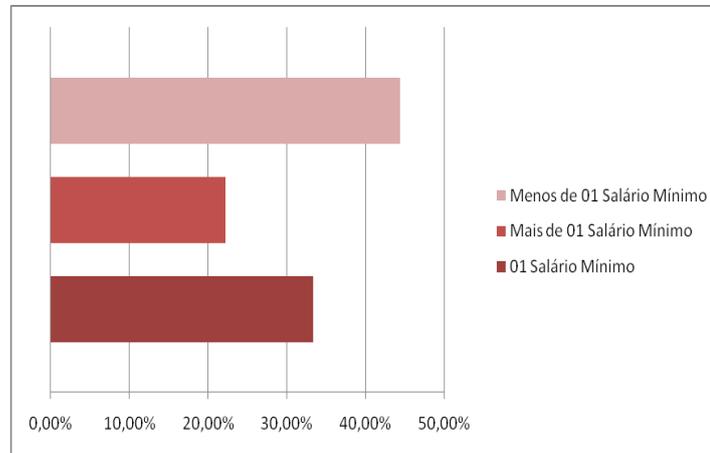
Gráfico 8 - Profissão/Ocupação



Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

Renda pessoal antes da prisão (Base de cálculo: salário mínimo vigente à época do questionário, no valor de R\$ 937,00 – novecentos e trinta e sete reais)

Entre as 55% das presidiárias que exerciam atividade econômica antes da prisão, estas recebiam renda inferior a um salário mínimo, 33% recebiam um salário mínimo e 22% mais de um salário mínimo, porém, menos de dois salários mínimos, como podemos ver no gráfico 9.

Gráfico 9 - Renda Pessoal

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

Cruzando os dados da situação do imóvel, escolaridade, exercício de atividade econômica, profissão e renda podemos concluir que o espaço prisional da Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB é composto em sua maioria por mulheres de baixa renda que estão na lista de pobreza ou extrema pobreza¹⁶.

O perfil da mulher aprisionada na cidade de Cajazeiras/PB é o de mulher adulta jovem em média 34,66 anos, não branca, heterossexual, religiosas, solteiras, mães, com baixa escolaridade, com residência em Cajazeiras/PB, que exercia atividade econômica antes da prisão em diferentes ocupações, mas que recebiam menos de um salário mínimo e que 55,56% das pesquisadas não sofreram nenhum tipo de violência doméstica por parte de seus parceiros ou familiares. Enquanto o perfil nacional prevalece o perfil de mulheres negras, com baixa escolaridade, jovens entre 18 e 29 anos, e solteiras.¹⁷ Podemos notar que a maioria dos dados de nível local e nacional coincide, no entanto, em Cajazeiras a idade das presas é superior.

¹⁶ Designação dada pelo Estado brasileiro a famílias que ganham até meio salário mínimo por pessoa; ou Que ganham até 3 salários mínimos de renda mensal total. Disponível em <http://www.caixa.gov.br/cadastros/cadastro-unico/Paginas/default.aspx> Acessado em 02/03/2018.

¹⁷ Encontramos poucas informações em documentos oficiais a respeito do perfil nacional da mulher apenada para fazer um paralelo mais rico, questões sobre violência doméstica sofrida pelas mulheres em situação de cárcere não existe ou pelo menos não foram encontradas pesquisas a respeito com dados oficiais pela autora deste trabalho. O que nos resta é o desejo por nos aprofundarmos mais neste campo que ainda é desprezado por nossos representantes públicos, por falta de políticas públicas e interesse de conhecer mais a fundo para enfim, combater realmente essa linha crescente de criminalidade e de violência contra as mulheres encarceradas em nosso país.

No próximo capítulo, apresentaremos a percepção de quatro mulheres que concederam entrevista acerca do seu olhar a respeito do cumprimento da Lei de Execução Penal. Reiteramos a não necessidade de conhecer seus crimes e acusações, pois o objetivo é apenas um: escutar as mulheres que constroem diariamente este espaço que é visto por muitos como covis de pessoas malvadas, perigosas.

CAPÍTULO III

O CONTROLE DE CORPOS E AS MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS: DO DISCURSO INSTITUCIONAL DA LEI DE EXECUÇÃO PENAL ÀS CONDIÇÕES EXPOSTAS PELAS MULHERES APRISIONADAS

A superlotação das unidades de aprisionamento de pessoas, em especial, as de mulheres em nosso país é causa motora para a decadência do sistema penitenciário, é fato que a expansão demográfica carcerária prejudica o não cumprimento da Lei de Execução Penal Nº 7.210/84 que tem o seu objetivo exposto em seu artigo 1º “A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.”

Acreditamos que a criminalidade tratada no presente Sistema Penitenciário Nacional não é combatida ou minimizada, mas gerenciada. Porém, a criminalidade não deve ser vista de forma isolada, a idéia de totalidade serve para compreendermos a estrutura social, numa concepção em que direitos básicos como saúde, educação, condições sociais de trabalho, lazer, segurança sejam também refletidas.

No presente capítulo explanaremos a respeito do controle dos corpos das mulheres aprisionadas pelo Estado com a Lei de Execução Penal, a questão da maternidade e as violências sofridas pelas mulheres aprisionadas.

3.1 Controle de Corpos: Maternidade e Violência

Em uma das visitas do Projeto de Extensão no qual participamos, tivemos a curiosidade de perguntar para uma das mulheres sobre o que acontecia com as mulheres grávidas, pois já tínhamos visto algumas mulheres grávidas, mas nunca nenhum bebê esteve presente enquanto realizávamos nossa ação extensionista.

A Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB não conta com berçário, ou alguma ala específica para suas mulheres mães e seus respectivos bebês. Então, ficamos sabendo que quando uma mulher estava perto de partear, era transferida para o Presídio Feminino de Patos - PB que fica cerca de 170 km do município de Cajazeiras - PB, pois o mesmo possui berçário, para que as mulheres aprisionadas possam ficar com os filhos até os seis (6) meses de idade para assegurar o direito da criança ao leite materno, direito esse assegurado na Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, inciso L, e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 9º e, pela Lei de Execução Penal 7.210/84 (LEP) (Brasil, 1984), a qual tem mais de um artigo referenciando sobre a estrutura dos estabelecimentos penais destinados as mulheres, deverão ser dotados de berçários, artigo 83º, e artigo 89, recomendando que a penitenciária de mulheres poderá ser provida de seção para gestante e parturiente e de creche com a finalidade de assistir ao menor desamparado cuja responsável esteja presa.

Do total de entrevistadas 88,88% das mulheres são mães. Porém, percebemos que a grande maioria dos filhos são maiores de idade, os que não são geralmente ficam na responsabilidade da avó materna. As que residem em Cajazeiras recebem as visitas nas manhãs dos sábados, o que se torna problemático para as famílias que residem em outras cidades fazerem a visita com certa regularidade.

A convivência familiar, segundo Alencastro (2015), constitui-se como um dos direitos estruturadores do Estado, uma vez que diz respeito diretamente à família, que, constitucionalmente, é considerada a base da sociedade em que vivemos, mas mulheres em situação de cárcere e seus respectivos filhos têm esse direito diminuído em vista das circunstâncias em que se encontram.

De acordo com a Projeção 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a taxa de fecundidade por mulher no Brasil, foi de 1,72 filho, em 2015, sendo inferior ao Censo de 2010, 1,86 filho por mulher, em período fértil (IBGE, 2015).

A média de filhos entre as presas pesquisadas são de 2,16 filhos. Portanto, a média de filhos entre as presidiárias do estabelecimento prisional que foi o foco da pesquisa está um pouco acima da média brasileira de filhos nascidos vivos por mulher.

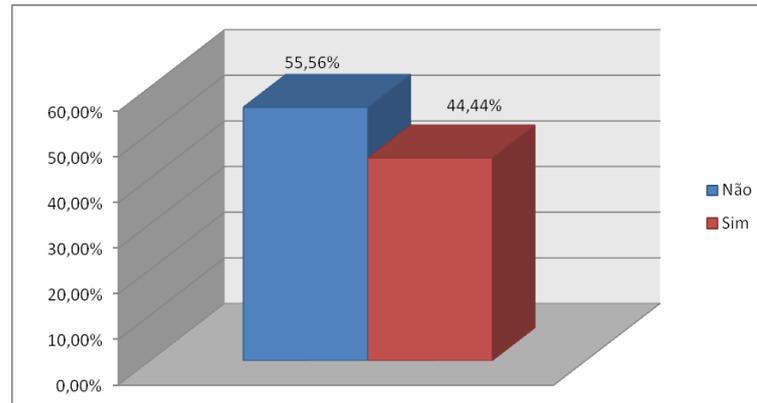
Em conformidade com Rocha e Lodi (2013. p. 103) o natural de se pensar é que na falta da mãe o filho ficará com o pai, porém, este julgamento dedutivo não se aplica ao caso das mulheres encarceradas, assim, os filhos das apenadas encontram-se nos mais diversos lugares, no caso, dos filhos menores de idade, em geral ficam na responsabilidade das avós maternas, mães das presidiárias quem mais cuidam dos netos. Inclusive, uma das mulheres enquanto respondia ao questionário disse que o filho mais novo dela tinha sido adotado sem sua permissão, um caso comum onde o Estado faz várias punições às mulheres infratoras, além de perderem a liberdade, mulheres mães, muitas vezes, perdem o direito sobre seus filhos, se caracterizando em mais uma forma de violência.

O espaço prisional para Bruna (2017) é incorporado de significados

Esse espaço aqui me deixa triste, me sufoca, porque a gente só vê grade, comandando por fulano, tudo o que você for fazer é por fulano, se você pega uma caneta essa caneta ela é aberta até chegar um final, eles abre e verifica tudo, cheira tudo, então isso eu me sinto muito mal, porque eu acho que o importante é a confiança, apesar de que eu dou confiança para não acontecer isso, mas fico mal.

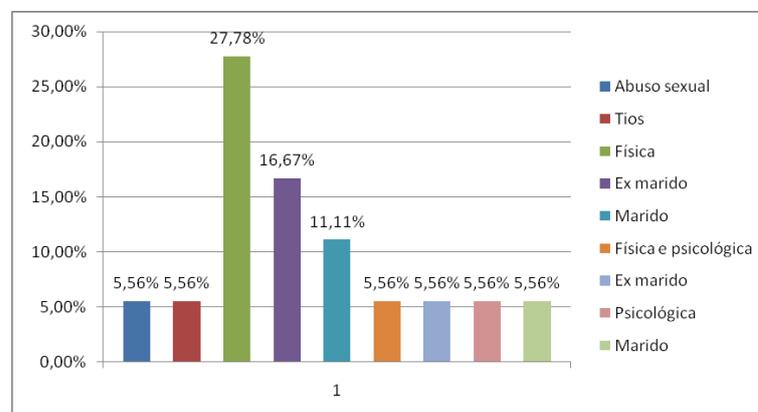
Sobre a prisão feminina, França (2013. p. 193) afirma que as mulheres socialmente construídas têm sua imagem substituída pela condição de criminosa, embora, os delitos cometidos não sejam acompanhados com requintes de crueldade. Mas não a imagem de criminosa que bota medo na sociedade, como no caso dos homens, mulheres criminosas são vistas vergonhosamente, como mulheres que transgrediram o papel da feminilidade.

Algumas das mulheres pesquisadas afirmam ter sofrido violência doméstica. Do total, 55,56% afirmaram nunca terem sofrido violência doméstica de nenhuma espécie, seja ela física ou psicológica, onde entendesse violência física as agressões ou violações no corpo, e a psicológica podendo ser moral, financeira, humilhações, ameaças, uma forma mais subjetiva de violência contra a mulher. Já 44,44% das mulheres confirmaram já ter sofrido violência física e/ou psicológica, dos teus companheiros, ex-companheiros e, até familiares homens.

Gráfico 10 - Violência Doméstica

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017

Das 44,44% mulheres que sofreram algum tipo de violência, 27,78% foram vítimas de violência físicas com 16,67% sendo o seu ex-marido o agressor e 11,11% o atual marido. Sofreram violência física e/ou psicológica por seus ex-companheiros, atuais e até parentes, como teve uma que relatou que sofreu abusos sexuais dos tios. E 5,56% sujeitas afirmaram sofrer violência psicológica do seu atual marido.

Gráfico 11 - Tipo de violência sofrida e quem praticou

Fonte: Pesquisa Direta realizada com 18 mulheres. Elaborado pela autora, 2017.

A questão da violência na vida da mulher é historicamente marcada por violências múltiplas, a própria ordem social patriarcal, prega a inferioridade das mulheres, seres humanos que são visto como *O outro* e que a alteridade não é colocada em prática para manter vigente um sistema de submissão feminina. As estatísticas brasileiras assombram, pois a cada 0,02 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal no país. A cada 2 minutos uma mulher é vítima de arma de fogo, a cada 22,5 segundos, uma mulher é vítima de espancamento ou tentativa de estrangulamento. Por mais que tenhamos uma Lei conhecida

como Lei Maria da Penha – Lei nº 11.340/2006 que cria mecanismos de coibir e prevenir a agressão ambientada na convivência familiar a nossa realidade é ver os números saltarem dia a dia.¹⁸

3.2. O Discurso Institucional da Lei de Execução Penal e as Múltiplas Violências Sofridas: O Corpo é Nosso e o Controle é Deles

A alimentação, o vestuário e a higiene, respectivamente, compõem a chamada assistência material, prevista na seção II artigo 12 (BRASIL, 1984) “A assistência material ao preso e ao internado consistirá no fornecimento de alimentação, vestuário e instalações higiênicas.” da Lei de Execução Penal e devida pelo Estado, como especificado na seção I artigo 10 “A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade.” da mesma Lei (ROCHA, LODI, 2013. p. 93)

É dever do Estado, além da assistência material, as assistências à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa (artigo 11 e inciso VII do artigo 41 que trata sobre os direitos do preso, os dois artigos da LEP) tendo como objetivo principal a prevenção do crime e o retorno à convivência em sociedade, porém o que nos foi exposto tanto pela bibliografia sobre o tema quanto pelas entrevistas é que esses direitos básicos são negados ou quando não são, são oferecidos de péssima qualidade.

As múltiplas violências sofridas pelas mulheres aprisionadas vão de refeições fornecidas a seres humanos que mais parecem lavagem para porcos; o não fornecimento dos uniformes de presidiária, ou quando fornecidos, em tamanhos desproporcionais, que são obrigatórios a todas as mulheres aprisionadas; a falta de condições de higiene; a ausência de alas para gestantes, lactantes, recém nascidos, pois todas as vezes que uma mulher fica grávida enquanto está aprisionada ou já é apreendida no período da gravidez é necessário a transferência para outro presídio em outra cidade que tenha as especificidades para a gestante e lactante e seu recém nascido, afrouxando os laços familiares já abalados pelo aprisionamento; a falta de ampliação das vagas, tornando o espaço prisional um depósito de

¹⁸ O relógio da violência ainda nos trás mais dados sobre assédio no transporte público, nas ruas e no trabalho e a compreensão sobre as diferentes violências. Disponível em <http://www.relogiosdaviolencia.com.br/#>.

mulheres, são apenas alguns dos incontáveis problemas que as mulheres aprisionadas da Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras enfrentam.

Com o intuito de confrontar a Lei de Execução Penal (BRASIL, Lei nº 7.210/1984) com a realidade exposta pelas aprisionadas na Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB apresentamos 4 (quatro) mulheres de diferentes celas sobre como se dá a assistência de material e sobre o direito da pessoa em situação de cárcere garantidas por lei:

Carla (2017) tem 20 anos e está há quatro (4) meses aprisionada e não exerce nenhuma atividade remunerada. Recebeu a farda recentemente, sobre a alimentação “tem uma menina que cozinha dentro da cela, mas não sendo, é um absurdo a alimentação que vem aqui pras presas.” Conta ainda que só recebe algum produto de higiene quando a direção do presídio faz algum evento para arrecadar tais produtos para as mulheres presas, ainda diz “do Estado vem, mas é difícil vir.”

Quando perguntado se Carla recebe auxílio jurídico do Estado, pois nos foi revelado à falta de condições para arcar com uma defesa particular, “Não. Tenho não, nenhum.”

Bruna (2017), 39 anos e está há 5 anos cumprindo a sua pena e desde que chegou que tem a sua farda. Quando perguntada sobre a alimentação, responde “às vezes a alimentação é boa, mas tem vezes que só Jesus. Comemos feijão, verdura, carne muito bem feita às vezes, mas às vezes realmente a gente não tem nem como comer, joga fora a comida.” Em relação ao auxílio jurídico do Estado Bruna afirma: “Não, de jeito nenhum.” Nos afirma ainda que não recebe nenhum produto de higiene do Estado, e o que consegue são de doações por parte da direção ou “Recebe quando a gente tem, assim, tem algum projeto, algum evento, mas ao não ter eu mesmo faço a minha bola aí dentro aí recebo, eu recebo das minhas faxinas que faço na cela no lugar de algumas meninas e em troca recebo essas coisas pra me manter.”

Violeta (2017) 47 anos e está há 2 anos e 2 meses, diz que recebeu uma única farda. Está quando perguntada se recebe auxílio jurídico do Estado ou se tem advogado particular Violeta afirma:

Não, não. Se eu tenho advogado particular? Não, porque não adianta, só adianta com o tempo do pedido, você foi sentenciada hoje em dia pagou o tempo aqui dentro, eu sou uma pessoa muito informada das coisas, procuro

me informar por meio da televisão, né, entendeu?! Antigamente tinha os arrumadinhos, mas não tem mais, agora você foi sentenciada, espera a pena que você vence, faz o pedido e vai embora, mas fora disso advogado não ganha mais dinheiro.

Violeta (2017) a respeito de trabalho dentro da Cadeia: “Não, eu exerci, mas por conta disso que eu achei que muita gente trabalha e não tem nem redução então não, eu trabalho pra cela mesmo. Cozinheiro pra cela.”

Helena (2017) tem 58 anos e está há 5 anos cumprindo pena e nos contou que a farda é a mesma desde quando chegou, nos relata também que a alimentação não é muito boa. Fala que recebe produto de higiene quando acontece algum evento promovido pela direção ou de algum projeto. Helena ao ser perguntada sobre o auxílio jurídico do Estado diz “Eu ao sei o que é, é esses que vem trazer os remédios e tudo, é isso?” Então explicamos o que é um defensor público e ela disse que não tinha.

O que podemos constatar na análise das entrevistas e do instrumento legislativo é que a Lei 7.210/84 - Lei de Execução Penal possui muitas falhas em sua aplicabilidade, e que não é uma exclusividade da Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB, é a realidade do sistema penitenciário nacional. Mesmo recebendo a atenção de tantas leis, estas muitas vezes não são cumpridas, constituindo o Estado Brasileiro em predominância de responsabilidades diante da não efetivação de suas leis. Percebemos um descompromisso e descaso.

De acordo com o Artigo 12 da já citada lei “A assistência material ao preso e ao internado consistirá no fornecimento de alimentação, vestuário e instalações higiênicas.” O que consta é alimentação precária, o vestuário é insuficiente, pois como foi dito, presas que há cinco anos estão com o mesmo vestuário, e sobre instalações higiênicas, como foi visto pelas nossas visitas é que a insalubridade predomina nas celas, ter apenas 1 (um) banheiro para cerca de 20 mulheres, inclusive para lavar roupa e utensílios das refeições além das especificidades de um banheiro.

O Artigo 15º que trata sobre a assistência jurídica que deve ser destinada aos presos e presas internados sem recursos financeiros para constituir advogado, foi visto que nenhuma conta com este suporte do Estado, a vista que comprovamos o perfil econômico das apenadas

na Penitenciária Feminina de Cajazeiras e que mais de 40% possuía renda inferior a um salário mínimo, sendo incompatível para pagar honorários de um advogado particular.

De acordo com o Art. 19º. da Lei de Execução Penal (Lei 7.210/84), referente ao ensino profissional adequado será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico em respeito à condição feminina. Mas a disponibilidade educacional e profissional, como nos apresenta as entrevistas, é escasso.

Todo o aparato de Leis que garantem direitos às pessoas privadas de liberdade pelo Estado brasileiro é ineficiente para o quadro exposto de crise estrutural não só no sistema penitenciário, mas na sociedade já que a superlotação dos presídios e a curva ascendente de criminalidade que atinge, em especial, mulheres não brancas e de baixa renda nos mostram uma sociedade excludente e um sistema penitenciário que não tem capacidade de cumprir seu papel de ressocialização, pois muitas destas mulheres aprisionadas nunca nem foram socializadas pelos direitos mínimos de educação, escolarização, emprego e renda. Por fim, trataremos as considerações finais sobre o trabalho e o aprisionamento de mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo central o de compreender em conjunto com as mulheres aprisionadas o espaço da prisão pela percepção das próprias que o compõe, em suas subjetividades e coletividades, suas organizações espaciais harmônicas e/ou conflituosas.

O espaço e gênero como categorias de análise da própria produção e organização espacial geográfica nos trouxe reflexões com relação ao encarceramento de mulheres no Brasil, em especial, no Sertão da Paraíba e, de como elas se percebem enquanto mulheres e aprisionadas pelo Estado.

Ouvir as mulheres aprisionadas, ver a atenção e o compromisso com que elas responderam os questionários e a entrevista, contando de um tudo sobre suas vivências na prisão e exaltando os laços de amizade, solidariedade, expondo suas sexualidades, seus sonhos e desejos, mas também, seus conflitos, uma hierarquia que uma delas tratou chamar de “liderança”. Conhecer de perto o poder que o Estado exerce sobre seus corpos, e o poder que umas exercem sobre as outras são subsídios imprescindíveis para a perspectiva geográfica de análise do espaço prisional, Este presente estudo vem a comprovar que essas mulheres são peças fundamentais para uma engrenagem bem maior, que é o sistema carcerário brasileiro.

A prisão como espaço de múltiplas perdas e violências, mas também de mulheres destemidas, corajosas e fortes. A pesquisa nos revelou um sistema punitivo, agressivo e violento aos direitos humanos, aos direitos das mulheres, aos direitos da Criança e do Adolescente que na prática, parece que só mulheres pobres e negras cometem crimes e que falha perversamente em suas leis de direito à dignidade humana.

Conforme o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (2013. p. 13) “Permanecer humano em condições desumanas é a mais difícil das proezas.” Ou seja, esperar que nossas mulheres sejam ressocializadas num espaço que mais desumaniza e retira todas as condições de dignidade humana, é no mínimo hipócrita da nossa parte. Apontamos a existência de outro paradoxo quando temos um sistema penal que se diz ressocializador e ele não pratica as ferramentas de ressocialização. As mulheres presas não deixaram de serem humanas, e falta à dignidade humana para o cumprimento de suas penas. A prisão faz parte do

mecanismo punitivo do Estado, lutar por direitos humanos é lutar por nós também, pois acreditamos que não estamos isentos da prisão.

Por fim, como primeiro passo no estudo científico, estamos longe de sermos conclusivas em um tema tão extenso e complexo, e cultuamos interesse em aprofundar em outros aspectos que não foram abordados neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Desejamos contribuir sobre a temática de mulheres aprisionadas com o intuito de massificar os estudos a respeito de mulheres por mulheres, para a ruptura de uma visão falocêntrica que predomina na Academia.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Paola Larroque. Mães Presidiárias e o Direito da criança e do Adolescente à Convivência Familiar. Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, aprovado pela banca examinadora composta pelos professores Dra. Caroline Vaz (orientadora), Dr. Eugênio Facchini Neto e Dra. Maria Regina Fay de Azambuja, em 11 de julho de 2015.

ANDRADE, Bruna Soares Angotti Batista de. Entre as leis da ciência, do Estado e de Deus. O surgimento dos presídios femininos no Brasil. Dissertação de Mestrado. USP, 2011.

ARTUR, Angela Teixeira. “Presídio de Mulheres”: as origens e os primeiros anos de estabelecimento. São Paulo, 1930-1950. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

ÁZARA, Helio Oliveira. O conceito marxiano de “capital como tal”: um estudo a partir do livro primeiro de O Capital - Campinas, SP : [s. n.], 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre Educação e Juventude – Conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar. 2013

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. 1988. Legislação Federal. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 20/11/2017.

_____. Conselho Nacional de Justiça. Novo Diagnóstico de Pessoas Presas no Brasil. Brasília/DF. Junho, 2014. Disponível em:
http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/diagnostico_de_pessoas_presas_correcao.pdf
 Acesso em: 02/03/2018

_____. Decreto-Lei N° 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940. Código Penal. Rio de Janeiro, RJ. Dez 1940. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 02/03/2018.

_____. Lei n° 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Legislação Federal. 1990. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.html. Acesso em 20/11/2017.

CAMARGO, Virginia da Conceição. Realidade do sistema prisional. 2006. Disponível em:
<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2971/Realidade-do-sistema-prisional>. Acesso em: 13/11/2017.

CERNEKA, Heidi Ann. Homens que menstruam: considerações acerca do sistema prisional às especificidades da mulher. *Veredas do Direito*, Belo Horizonte, v. 6 n. 11 p. 61-78 Janeiro - Junho de 2009.

COELHO, Edmundo Campos. *Oficina do Diabo e outros escritos prisionais*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DAVIS, Ângela & DENT, Gina. A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalizando a punição. **Rev. Estudos Feministas** [on-line]. Jul/Dez. 2003, vol. 11, nº2. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200011&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em 26/01/2018.

Entrevista concedida por CARLA. **Entrevista I**. [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (16 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Entrevista concedida por BRUNA. **Entrevista II**. [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E deste Trabalho de Conclusão de Curso.

¹ Entrevista concedida por HELENA. **Entrevista III**. [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Entrevista concedida por VIOLETA. **Entrevista IV**. [dez. 2017] Entrevistador: Andreia Carlos Feitosa. Cajazeiras – PB, 2017. Arquivo .mp3 (33 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G deste Trabalho de Conclusão de Curso.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FRANÇA, Marlene de Oliveira. *Prisão, tráfico e maternidade: um estudo sobre mulheres encarceradas*. João Pessoa, 213.238 f. Tese (doutorado em sociologia). Centro de ciências humanas, letras e artes, Universidade Federal da Paraíba, p. 127.

FRINHANI, Fernanda de Magalhães Dias - *Mulheres encarceradas: representando o universo prisional* / Fernanda de Magalhães Dias Frinhani. – 2004.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. [Tradução Dante Moreira Leite]. - . São Paulo: Perspectiva, 2015.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise. ET all. *Dicionário Crítica do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em https://ww2.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/. Acesso em 07/11/2017.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Disponível em <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-de-fecundidade-total.html>. Acesso em: 13/11/2017.

INFOPEN. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Departamento Penitenciário Nacional. Ministério da Justiça. Junho, 2014.

INFOPEN MULHERES. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Departamento Penitenciário Nacional. Ministério da Justiça. 2014.

LEMGRUBER, Julita. Cemitério dos vivos. Análise sociológica de uma prisão de mulheres. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

MEC – Ministério da Educação. Analfabetismo no país cai de 11,5% para 8,7% nos últimos oito anos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167>. Acesso em: 13/11/2017.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. SILVA, Joseli Maria. Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial. Ponta Grossa, Todapalavra, 2014

OLIVEIRA, Camila Belinaso de. A mulher em situação de cárcere: uma análise à luz da criminologia feminista ao papel social da mulher condicionado pelo patriarcado / Camila Belinaso de Oliveira - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

PASTI, Nayara Moreira Lisardo. Representações de gênero na aplicação do método APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados) em Itaúna – Minas Gerais / Nayara Moreira Lisardo Pasti. – Campos dos Goytacazes, RJ, 2016.

PANTEMAN, Carole. O contrato sexual. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução: Carlos Guilherme do Valle.

ROCHA, Francisco Ilídio Ferreira. LODI, Mariana. O Perfil Socioeconômico e a Realidade da Execução Penal da Mulher Internada no Presídio Regional de Araxá. Revista Jurídica UNIARAXÁ, Araxá, v. 17, n. 16, p. 91-126, ago. 2013.

RODRIGUES, Anabela Miranda. Novo olhar sobre a questão penitenciária: estatuto jurídico do recluso e socialização, jurisdicionalização, consensualismo e prisão. [s.e.] São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.

RONDELLI, E. Imagens da Violência: práticas discursivas. **Revista Tempo Social**. São Paulo, 10(2), p. 145-157, out. 1998.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. O poder do Macho. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. Gênero patriarcado violência.- 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *Espaço e Método*. – 5.ed. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Pensando o Espaço do Homem*. 5. Ed., 3. Reimpr. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e realidade* 20.2 (1991). Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia.

SENADO FEDERAL. *Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher*. Secretaria de Transparência, 2013. Disponível em:
https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf. Acesso em: 13/11/2017.

SILVA, Vera Inês Costa da. *Controlo e punição : as prisões femininas : estudo exploratório de uma antropologia feminista da prisão no contexto português*. Coimbra, 2011. 103 fl. Dissertação (mestrado em Antropologia Social e Cultural) -Faculdade de ciências e tecnologia, Universidade de Coimbra. Disponível em
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20330>. Acesso em 26/01/2018.

SOUZA, Miryan Aparecida Nascimento. NETO, Mariana Moreira. *Ocupando Mentes Encarceradas: ou de como revelar as invisíveis*. **XII Conages – XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades**. 2017

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de Questionário Socioeconômico Aplicado com as Mulheres Aprisionadas

Data de Aplicação ____/____/____

Dados Pessoais

- 1) Idade: _____
- 2) Cor/Raça
() Branca () Parda () Negra () Amarela () Indígena
- 3) Orientação sexual:
() Heterossexual () Bissexual () Homossexual
- 4) Qual a sua religião? _____
- 5) Qual o seu estado civil?
() Solteira () Casada () Separada/Divorciada () Viúva () União Estável
- 6) Tem filhos? () Sim () Não. Quantos? _____
- 7) Quem é a/o atual responsável pelos/as filhos/as? _____

Dados Socioeconômicos

- 8) Qual cidade você residia? () Cajazeiras () outra: _____
- 9) Onde você mora? () Zona urbana () Zona Rural.
Se a resposta for Zona Urbana, é () Centro ou () Periferia.
- 10) Sua casa é () Própria () Alugada () Cedida
() outros: _____
- 11) Nível de escolaridade: () Analfabeta () Ensino Fundamental Completo () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino médio Incompleto
() Ensino Superior Completo () Ensino Superior Incompleto.
- 12) Exercia atividade econômica antes da prisão? () Sim () Não
- 13) Qual a sua profissão? _____
- 14) Renda pessoal antes da prisão: () Menos que 01 salário mínimo () 01 salário mínimo
() Mais que 01 salário mínimo () Entre 02 e 03 salários mínimos
- 15) Você já sofreu violência doméstica? () Sim () Não.
- 16) Se a resposta na questão anterior for Sim, de qual espécie? () Violência Física e/ou
() Violência Psicológica, se psicológica,
qual(is)? _____
- 17) Qual a pessoa que praticou a violência com você?

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

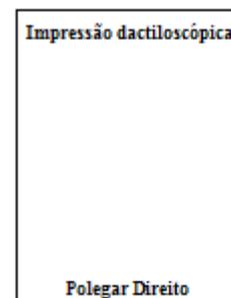
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado(a) Senhor(a), a presente pesquisa intitulada O OLHAR DAS MULHERES APRISIONADAS ACERCA DO ESPAÇO SOCIAL DO PRESÍDIO FEMININO DE CAJAZEIRAS/PB está sendo desenvolvida por Andreia Carlos Feitosa, graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação da Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo. O objetivo do estudo é compreender em conjunto com as mulheres aprisionadas a percepção das mesmas sobre o espaço prisional e como se percebem no presídio feminino de Cajazeiras/PB, tendo como lócus de investigação a Cadeia Pública Feminina de Cajazeiras/PB. Solicitamos a sua colaboração para responder aos questionários e entrevistas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande sob a forma de monografia, em eventos científicos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não individualiza sua identificação em seus resultados, primando pelo anonimato e sigilo. Com tais medidas, prevenimos desconforto por qualquer meio de exposição. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) Pesquisador(a) Responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Cajazeiras/PB, ____ de ____ de ____



Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para os(as) pesquisadores(as) Andreia Carlos Feitosa e Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, telefone: (83) 3532-2200 ou entre em contato direto na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n - Casas Populares - CEP 58900-000 - Cajazeiras – PB, Ambiente dos professores, sala 17.

Apêndice C – Entrevista semiestruturada: roteiro geral

DATA DA APLICAÇÃO ___/___/_____

Sobre o cumprimento da Lei de Execução Penal – Lei 7.210/84

- 1) Como é o vestuário, alimentação e higiene? Você recebeu farda? O que você acha da alimentação que recebe aqui? Recebe algum produto de higiene pessoal?
- 2) Você tem acesso à educação? Algum curso profissionalizante? De algum projeto?
- 3) Recebe auxílio jurídico do Estado (defensor público) ou é particular?
- 4) Sobre religião, é religiosa? Aqui na Cadeia existe algum grupo religioso que venha visitá-la? Sente que sua religião é respeitada tanto pela direção quanto pelas colegas?
- 5) Você exerce alguma atividade remunerada aqui na Cadeia? Como artesanato, ou de iniciativa privada, ou da própria instituição de detenção?

Relação interpessoal e sujeito-espaço

- 1) Como é a sua relação com as colegas de cela?
- 2) Como é a sua relação com os agentes penitenciários?
- 3) Você já teve conflitos aqui dentro? Em caso afirmativo, como foram resolvidos?
- 4) Existe hierarquia entre as mulheres encarceradas?
- 5) Como foi o seu primeiro dia aqui?
- 6) A Cadeia feminina é diferente de como você imaginava?
- 7) Qual era o seu maior medo antes de entrar aqui? E qual é o seu maior medo agora neste espaço?
- 8) Qual o termo que você utiliza para se referir a este espaço?
- 9) Com que frequência você recebe visitas?
- 10) Quem são as pessoas que te visitam?
- 11) Como é o espaço no qual você dorme?
- 12) Quais são as suas estratégias para tornar esse espaço mais agradável/habitável?
- 13) Quais são suas sugestões mais urgentes para a melhoria deste espaço?
- 14) Quais são as suas atividades preferidas dentro deste espaço?
- 15) Do que você mais sente falta?
- 16) O que este espaço representa para você?
- 17) Como você se entretém?
- 18) Como é a sua relação com a privacidade aqui?
- 19) O que você quer fazer quando sair daqui?

Apêndice D - ENTREVISTA – CARLA – I: 16'43''

Entrevistadora: Bom dia, Carla! A gente vai fazer aqui uma entrevista pra saber sua percepção sobre o espaço. Você já está há quanto tempo aqui?

Carla: Vai fazer 4 meses

Entrevistadora: Você recebeu farda?

Carla: Recebi. Esses dias eu tava usando farda.

Entrevistadora: Certo, e o que você acha da alimentação daqui?

Carla: Bom, sobre a alimentação daqui tem uma menina que cozinha dentro da cela, né?! Mas é um absurdo a alimentação que vem aqui pras presas.

Entrevistadora: Você recebe algum produto de higiene pessoal?

Carla: Não, a não ser quando Dona Paloma faz algum evento a gente recebe.

Entrevistadora: Mas do Estado?

Carla: Vem às vezes do Estado, mas é difícil vir.

Entrevistadora: E acesso a educação... Você participa de alguma aula?

Carla: Não, eu não participo porque pra estudar tem que fazer a matrícula, como eu ainda não fiz minha matrícula não posso nem acompanhar, somos privadas disso daí também... Eu acho que além da gente ta num lugar desse eles não podem privar a gente dos nossos direitos. Pronto, me privaram do direito de ver minha mãe eles não podiam ter feito isso porque foi ela era o parente mais próximo que eu tinha isso foi um absurdo. Eu tava comentando com as meninas, estudei realmente pouco, mas o pouco que eu estudei da pra mim saber eu entendo de lei, não é porque a gente somos infrator da lei que a gente não entende ela, entende sim. Porque vamos lá, aconteceu que vai fazer dois meses que mataram a minha mãe, todo mundo viu meu desespero. Dona Paloma que é a nossa diretora ela não veio aqui de forma nenhuma, passou em televisão, na radio... Dava muito bem pra ela entrar em contato com os outros juízes de lá. Porque, como é que se diz... As outras agentes viu meu desespero falando pra elas, eu pedindo pra elas procurar na internet o que aconteceu com minha mãe. Simplesmente fizeram por conta que mãe não era ninguém, a mim me deixaram sofrendo, ela me privou de ver minha mãe a ultima vez. Por causa disso, na minha opinião, se eu for alegar o que aconteceu ela pode perder o cargo dela de diretora.

Entrevistadora: Você recebe auxilio jurídico do estado? Defensor público ou tem advogado particular?

Carla: Não. Tenho não, nenhum.

Entrevistadora: Você tem religião ou é religiosa?

Carla: Não

Entrevistadora: Mas sente que é respeitada na cela por não gostar muito?

Carla: Assim, não aqui acolá eu tiro mais as meninas orações, mas só quando me dá vontade, porque não adianta eu todo mundo achar que eu to fazendo uma coisa de boa vontade e Deus saber que eu to mentindo, então só faço quando dá vontade.

Entrevistadora: Certo, você exerce alguma atividade remunerada?

Carla: Não.

Entrevistadora: E como é sua relação com as colegas de cela?

Carla: É assim, é porque no dia a dia aqui a gente sabe quem é quem e quem não é, dentro da cadeia muitas pessoas só vale o que tem, quem não tem não vale nada. Todos quer humilhar,

outros quer dizer, só tem aquele negócio se você também ficar calada aí é que gosta de falar, então eu nunca me calo com meus problemas, eu tenho que enfrentar meus problemas ele pode ser do tamanho que seja.

Entrevistadora: Como é a sua relação com os agentes penitenciários?

Carla: Graças a Deus, por onde eu sei é boa porque eu nunca fui atrás deles com briga nem com nada, não tenho esses B.O. aqui não.

Entrevistadora: E com a direção?

Carla: Mesma coisa, eu não tenho esses B.O.

Entrevistadora: Você já teve conflitos na cela?

Carla: Não, só tive uma discussão só que...

Entrevistadora: Como foi resolvida essa discussão?

Carla: Essa discussão foi ela por conta dela e eu com eu, quem mais briga mesmo só mim e a minha parceira.

Entrevistadora: Tu tem uma parceira aqui?

Carla: É, Luciana.

Entrevistadora: Tu acha que existe algum tipo de hierarquia entre as mulheres que estão presas aqui?

Carla: Acho que sim.

Entrevistadora: Quem quer mandar, quem lidera...?

Carla: A mandona é mandona e errada, você conhece ela muito bem. É porque assim, ela faz uma coisa, ela não quer que ninguém faça aí quando ela vai e deixa uma coisa num canto simplesmente eu olho e digo “ei fulana, tu quer ser a certinha e ser aquela então tu não faz isso não se tu não quer que ninguém faça” porque se eu não quero que uma pessoa faça uma coisa eu não vou fazer, porque você pode e os outros não pode?

Entrevistadora: E a questão do seu relacionamento aqui ele é respeitado pelos agentes, pela direção?

Carla: É, é. Porque até então a gente se respeita muito, só que é aquele negócio eu falo pra ela “tudo demais é veneno” aí quando a gente briga ave maria, você tá num lugar desse aí lá vem as aflições, vem uma pessoa num canto na cabeça dela aí vem outra pessoa noutro canto na minha, aí eu falo “fulana adianta de que? Você vai e conta os nossos problemas pras outras pessoas elas vão resolver? Não, pois pronto, é mais fácil se ajeitar fiar com outra pessoa e aí não vai dar em nada, porque você vai querer voltar pra mim e eu não quero mais voc.” Aí ela diz “É mesmo.” E eu digo “Olhe você nem é criança nem eu não sou não, mas né assim não se a gente sentar e conversar eu acho que resolve ou se ainda ta de cabeça quente você vai pra o seu canto e eu vou pro meu pra esfriar.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro dia aqui?

Carla: Ix, foi um terror. Não dormia, não comia, só pensando em meus filhos, minha mãe. Via aquele homem diretamente, se eu fechasse os olhos era mesmo que eu ta vendo ele na minha frente, passei uns trancos pra dormir.

Entrevistadora: Você não chegou a apanhar aqui?

Carla: Não.

Entrevistadora: Aqui é diferente do que você imaginava?

Carla: Não porque eu já tive na FEBEM e tudo mais, foi mais estranho na FEBEM e na FEBEM ainda era um menino doce, inocente que não sabia das malícias das pessoas, mas

devido eu não ter tido uma mãe e um pai pra me dar uma sandália, uma roupa, sempre ter que me virar trabalhando em casa, nessa de trabalhar fora, eu descobri quem é quem também nesses ambientes. Então é muito complicado, o que eu queria passar para os meus filhos é totalmente o contrário do que eu passei.

Entrevistadora: Qual era o seu maior medo antes de entrar aqui?

Carla: Perder minha mãe. Perdi meus irmãos, meu irmão foi matado, meus tios também foi matado. Se não tiver da parte dela digamos uns 7 tios, muita gente viu da parte de mainha.

Entrevistadora: E qual seu medo agora?

Carla: Meus filhos. Meu pai não porque ele me abandonou aqui dentro, ele só ta com meus filhos por tá, porque meus filhos não tem mais mainha. Ele me abandonou aqui dentro isso não se faz não... Ele não sabe qual é o verbo ser um pai, ele ta longe de ser um pai.

Entrevistadora: Qual termo que você utiliza pra chamar esse espaço? Além de prisão, cadeia.

Carla: Solidão. Aqui é onde o filho chora e a mãe não vê. Aqui acontece 1001 coisa e ninguém faz porra de nada. Aqui tem muita violência. Foram 4 pra bater naquela menina da nossa cela que nem a gente já contou pra vocês.

Entrevistadora: Você acha que o sistema ressocializa?

Carla: Não, eles acham que a gente somos os violentos, mas não na realidade os violentos são eles. O modo que eles olham pra gente, eles imaginam que nunca vão cair num lugar desses, mas pode cair, pode cair sim.

Entrevistadora: Você recebe visita?

Carla: Tenho visita de ninguém.

Entrevistadora: Como é o espaço que você dorme?

Carla: É apertadinho, você já viu o tamanho daquelas CABANAS, até um dia desses eu tava na BR (chão), elas também chamam de PISTA, mas é como eu to te dizendo, é embaçado.

Entrevistadora: Tem alguma estratégia pra tornar esse espaço mais agradável?

Carla: De ter eu tenho, só que não tem como, né?! Porque eu gosto muito de colorir e sou meia chegada a artesanato, sempre gostei, tinha aula de violão quando tava na FEBEM, lá em jp a casa educativa, que eu peguei o tráfico de drogas e a tentativa de homicídio, mas não era meu a tentativa nem o tráfico, era do meu irmão, me assumi porque a mulher dele tava grávida pra ele não ir pra cadeia, desisti de estudar de tudo pra que ele pudesse ver a filha dele nascendo.

Entrevistadora: Tem alguma sugestão de uma melhoria mais urgente?

Carla: Mais urgente?! Que cada uma pessoa aqui dentro conversar com uma psicóloga, começar com uma boa conversa. Cada uma presa dessa tem o seu talento, cada uma. Uma pra crochê que nem a menina já faz os crochê dela, mas vamos lá, outras tem a voz linda, linda, era pra ter aula de cato. Não é porque isso é uma cadeia que não pode, pode sim o governo solta verba pra essas coisas, agora eu acho assim que a diretora daqui tem que correr atrás de um serviço pras presas. Pronto, to presa eu não posso trabalhar...

Entrevistadora: Quem disse que você não pode trabalhar?

Carla: Aqui dentro não tem trabalho, vamos lá, os meus filhos podem ta passando necessidade, já vai fazer 4 meses que eu to aqui eu vou pra júri posso ser condenada, era pra o que, devido eu não tá trabalhando, que nem na cadeia masculina o governo dá o salário...

Entrevistadora: Tu acha que tem uma diferença entre a cadeia masculina e a feminina?

Carla: Tem, tem porque o governo dá o salário dos pais pras mulheres com as crianças e nós que somos mães e estamos aqui? E nossos filhos entram aonde nessa história?

Entrevistadora: Quais suas atividades preferidas aqui?

Carla: Nenhuma aqui, não tem atividade aqui pra gente fazer, nós só distrai a cabeça jogando baralho em tempo de se viciar de vez e quando sair daqui torrar o pouco que tem.

Entrevistadora: Do que você mais sente falta?

Carla: Meus filhos, minha mãe, minha casa nem tanto, Sinto faltas das coisas que eu não vou mais ter, os meninos não, os meninos eu ainda vou ter. O tempo que eu to passando aqui, eu não vou recuperar.

Entrevistadora: O que aqui representa pra você?

Carla: Começando pelo estado da Paraíba, enquanto vida eu tiver eu não piso mais na Paraíba.

Entrevistadora: Quando tu sair daqui quer ir embora da Paraíba?

Carla: Quero porque eu vim pra fazer uma simples visita, acabei com a minha vida. Muitas pessoas falaram na delegacia “eita, pra que tu veio tu é tão trabalhador” aí eu falei “se eu soubesse que isso ia acontecer...”, mas ou era eu ou era minha mãe naquele momento, eu não tive escolha, ele tava drogado né, eu tava com duas crianças pequena dentro de casa, igualmente ele queria fazer com minha mãe podia querer fazer comigo, com minha mulher, meus filhos e aí?!

Entrevistadora: Como é a relação com a privacidade aqui?

Carla: Demais, aqui dentro é que não tem, até dentro da cela você ta assistindo tem moído, você quer ouvir um CD que você gosta, você não pode ouvir. Não tem privacidade porque você não pode ouvir aquilo que você quer, então eu acho assim, você ta num lugar desse, você pode fazer o que você quiser, aqui ninguém manda em ninguém, não tem essa de dona de cela, é porque as pessoas concedem, a pessoa vai falar uma coisa os outros ficam calado, não retira, acha que ficar calado vai resolver, vai não, vai não, porque toda vez que fica caldo sempre vai ta ali, ali. Duma hora pra outra você vai explodir, aí é pior, então ou fala nessa hora ou se cala pra sempre, eu penso assim, não sei se é porque eu não engulo nada de ninguém.

Entrevistadora: E o que você quer fazer quando sair daqui? O que você pensa, o que passa pela sua cabeça?

Carla: Ixx... Eu penso em matar todos que mataram a minha mãe, não vou mentir. Deus me perdoa. Assim, quando eu saísse daqui eu queria cuidar dos meus filhos, da minha mãe... mas é aquele negócio, olha o que fizeram comigo só me deram mais um motivo pra violência, apesar que violência gera violência, foi covardia ela tava com uma criança dentro de casa porque não esperaram sair?! Mas ta bom, aqui se faz aqui se paga, se eu não cobrar outra pessoa vai lá e cobra. Andreia, Deus ele não falha não, Deus é justo.

Entrevistadora: Eu vou fazer uma pergunta que não ta aqui, mas e você se trata no masculino ou no feminino?

Carla: Masculino.

Entrevistadora: A questão de identidade de gênero tu já ouviu falar e se considera alguma coisa?

Carla: Eu sou masculino, pronto, antes de eu pegar aqui eu não tinha nenhum B.O., eu ia mudar meu nome, ia colocar Alex Alejandro só que agora com o B.O. já não pode mais mudar o nome.

Entrevistadora: Eu não sabia que não podia...

Carla: Pode não, só quem não tem B.O. na justiça.

Entrevistadora: Pois então pronto as perguntas acabaram, muitíssimo obrigada!

Carla: Obrigada voc Andreia! Deixa eu fumar...

Apêndice E - ENTREVISTA – BRUNA – II: 19'10''

Entrevistadora: Bom dia, Bruna!

Bruna: Bom dia!

Entrevistadora: Queria fazer umas perguntinhas pra você...

Bruna: Pois não

Entrevistadora: Quando você entrou aqui recebeu farda?

Bruna: Recebemos.

Entrevistadora: E o que você acha da alimentação?

Bruna: Olha às vezes realmente a alimentação é muito boa, mas tem vezes que só Jesus.

Entrevistadora: Qual o tipo de alimento vocês costumam mais comer aqui?

Bruna: Feijão, às vezes vem bastante verdura, uma carne muito bem feita as vezes, mas s vezes realmente a gente não tem nem como comer, joga fora a comida.

Entrevistadora: Você recebe algum produto de higiene?

Bruna: Recebe quando a gente tem, assim, tem algum projeto, algum evento, mas ao não ter eu mesmo faço a minha bola aí dentro aí recebo.

Entrevistadora: Certo do pessoal do estado você não recebe?

Bruna: Não, eu recebo das minhas faxinas aqui tudinho.

Entrevistadora: Você tem acesso a educação aqui? Algum curso profissionalizante?

Bruna: Sim, já fiz três. Já fiz o SENAC, fiz o Aprendizagem, o SEBRAE, já fiz três do SEBRAE, é tanto que eu me formei aqui, já tenho 5 certificados, sou a única presa que tem os 5 certificados.

Entrevistadora: Participa de algum projeto?

Bruna: Todos eles eu participo, não tem um, principalmente o que teve a missa eu coloquei uma colega minha pra ser oratória e o pessoal dizia “não a gente quer a menina de sempre” então todos os anos eu que sou a oratória, eu que peço obrigado por tudo pela cadeia.

Entrevistadora: Recebe auxílio jurídico do Estado, nem particular?

Bruna: Não, não de jeito nenhum. Porque o meu caso é assim no júri só se anulasse e eu fizesse outro júri, eu correria atrás de outro júri, porque o meu foi crime qualificado.

Entrevistadora: Certo, sobre religião, existe algum grupo religioso que venha como projeto?

Bruna: Tem, tem. Agora no dia 24 teve a católica e sempre vem assim, particular por conta deles mesmo todo domingo vem às evangélicas.

Entrevistadora: Você é religiosa?

Bruna: Com certeza.

Entrevistadora: E sua religião é respeitada?

Bruna: É respeitada, geral.

Entrevistadora: Você exerce alguma atividade remunerada aqui dentro?

NÃO QUIS RESPONDER

Entrevistadora: Como é a sua relação com as colegas de cela?

Bruna: Assim, no meu caso foi muito complicado, porque como crime qualificado então venho lutando muito pelo meu espaço de convivência, então eu cativei todas elas em geral das celas, então o meu convívio é eu ficar na minha de boa. Às vezes pegam mais uma pessoa que é mais fraca, por fulaninha eu me envolvo muito não vou mentir, porque ela não tem defesa, tendeu e ela trabalhou na minha casa 10 anos, então ela veio comigo não vou mentir pra você,

ela é a única pessoa que eu me envolvo mesmo, que eu defendo com unhas e dentes é ela, porque ela não tem defesa é uma mulher de 58 anos, então eu realmente faço muita coisa por isso.

Entrevistadora: Você sabe que a nossa intenção não é saber do crime que você cometeu e isso não interessa pra cá.

Bruna: Não, eu sei.

Entrevistadora: E como são suas relações com os agentes penitenciários?

Bruna: Cada espaço eu respeito, então eu só chego a eles quando eu preciso e eu faço de tudo assim pra não precisar deles, mas sempre vem um “Cris tá precisando de alguma coisa?”, porque eu vejo assim através até delas que eu sou querida e digo “não, num tô não” “se precisar pode vir”, às vezes, eu recebi já tintas, produto de higiene e eu fico surpresa assim porque quem eu não esperava sempre cede pra mim, então eles agentes penitenciários também quando tem um evento assim como a missa, eu não imaginava, eu coloquei uma pessoa também que é super sábia e disse “não, não, eu não vou”, então e vou colocar você mesmo os agentes vieram até mim e disseram “eu quero você, você quem vai ser a oratória, você é quem a muitos aos participa de tudo”. É tanto que eu tirei até a leitura missa.

Entrevistadora: E com a direção?

Bruna: Com a direção, graças a Deus, dona Paloma é uma pessoa que me dá muito conselho, ela conversa muito, já também me trouxe muitas roupas, ela sempre me dá atenção, então não tem o que dizer da direção.

Entrevistadora: Você já teve conflitos aqui dentro?

Bruna: Já. Fortíssimos, principalmente com um agente penitenciário. Foi uma polemica porque fui à única presa que enfrentou e a única presa que tirou ele da comarca pequena foi eu.

Entrevistadora: Então você resolveu assim...

Bruna: Lutando, porque a falta de respeito entendeu?! As palavras verbalmente... Então eu lutei por isso e consegui.

Entrevistadora: Você acha que existe hierarquia entre as presas?

Bruna: Não.

Entrevistadora: Tem uma que manda, uma que obedece...

Bruna: Não, eu acho assim, que tem a liderança, mas você vai se você quiser, a liderança é mais pra o mal de cobrar aquela, então eu não vou nessa eu fico mais na minha, é tanto que eu não sou de cobrar, eu sou de chegar chama aí por favor o agente penitenciário ou a agente, tá passando isso e isso a senhora pode resolver? É agora... Porque eu não quero me afundar, Andreia eu tenho ainda 4 anos.

Entrevistadora: Já tá aqui há quanto tempo?

Bruna: Cinco, fechado.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro dia aqui?

Bruna: Tortura.

Entrevistadora: Esse espaço é diferente do que você imaginava?

Bruna: Demais.

Entrevistadora: Qual era o seu maior medo antes de entrar aqui?

Bruna: De morrer, porque às vezes nesse meu caso eu levo até de inocente, mas eu me envolvi com pessoas que eu tanto não podia me envolver porque minha família não queria,

então aproveitou o momento que eu realmente assim cheguei a um ponto de cheirar cocaína, então acho que foi um momento de covardia que usaram, então tudo meu eu quero agora a partir de hoje tudo lúcido, tudo lúcido, tudo lúcido...

Entrevistadora: E qual o seu maior medo agora?

Bruna: Eu não vou mentir pra você, agora eu to preparada pra tudo, antes eu tinha a 2 anos atrás agora eu não tenho medo de nada, porque uma lição imensa, a lição que você fica passada, 90% foi covardia, então de covardia eu to fugindo, eu to me isolando praticamente, to mais na minha cabana, só mais comigo porque há covardia.

Entrevistadora: O que é cabana?

Bruna: É onde a gente dorme, é onde a gente chora, é o lugar que a gente fica assim pedindo clamor a Deus pra sair, que às vezes ninguém ver o que a gente ta passando e a gente sufoca ali dentro focada em Deus.

Entrevistadora: Tem algum termo que você usa pra chamar esse lugar? Além de cadeia...

Bruna: Tenho, o que até hoje eu levo em mim “o colégio”.

Entrevistadora: Você recebe visita?

Bruna: Não, porque da última vez eu conversei com a minha mãe ela foi pra o júri e eu pedi pra ela não vir, porque eu vi o sofrimento da minha família, principalmente meu irmão da polícia federal, minha irmã de 28 anos, então eu vi todo sofrimento ali só vindo pedrada, uma sentença muito alta, então eles sofreram muito minha mãe deu infarto, minha família de Petrolina, eu sofri muito, então eu prefiro ela me ver depois que eu vou morar aqui.

Entrevistadora: Você é de qual cidade?

Bruna: Petrolina, Pernambuco.

Entrevistadora: E veio parar aqui na Paraíba?

Bruna: Porque lá eu fazia enfermagem, em Campina Grande, eu era auxiliar. Meu pai e minha mãe era quem bancava pra mim, minha mãe pega de 9h pro Banco do Brasil até 14h, de 14h40 até 19h da noite ela trabalha na Embrapa, então ela tem uma vida bem sucedida, o que ela queria pra os filhos era estudar, então eu imagino assim porque eu já ia fazer o completo o técnico auxiliar e não quis.

Entrevistadora: E como é o espaço que você dorme?! Você já falou na cabana...

Bruna: É porque assim, você própria que ajesta sua cabana, então pra mim ali ontem mesmo a gente reformou ela, eu e uma amiga minha que eu tenho uma amigona massa, ela chegou e então nós duas reformamos a cabana, tá o ouro. Então o que eu falei pra ela “isso aqui é tudo que eu falo pra Deus” então eu tenho que pedir obrigado tudo a Deus até eu sair, porque é triste você ta na pista 5h30/6h lhe chama pra você levantar.

Entrevistadora: O que é pista?

Bruna: É onde fica o chão, a gente já enfrentou até 32 pessoas na cela 10 que você não poderia nem chegar no banheiro, aí aquilo chama a pista.

Entrevistadora: E você tem alguma estratégia pra tornar esse espaço mais agradável?

Bruna: Tenho sim, porque eu tô escolhendo as pessoas de Deus pra mim, que tem Deus, as pessoas que tem umas boas palavras, um bom diálogo, tô ouvindo mais, tô chegando mais próxima e as pessoas que só pensam mesmo em maldade tudo, tudo tô entregando a Deus e tô vivendo muito longe deles, porque eu busco a Deus, eu quero sair, eu quero assim me redimir, quero ter meu trabalho digno. Dependia da minha mãe até certo tempo e ela fazia de

tudo, e aqui eu to sabendo que pelo grão de arroz você tem que dar valor, Andreia e eu não dei.

Entrevistadora: Como é que você consegue se afastar das pessoas numa cela tão pequena?

Bruna: Você simplesmente isola elas, ignora, então pra você se afundar você faz isso, porque eu já passei por dois testes quase que eu me afundaria aqui e quem chegou em mim foi uma mãezona pra mim que é Dona Paloma “eu te adoro, eu fico triste, eu choro quando vejo você no isolado”, eu peguei aqui já 3 isolado e já tem o que?! 2 anos e meio aqui que eu não sei o que um isolado e é triste isso pra ela porque ela diz o que “você sabe o que eu fiz pra aceitar vocês aqui”, tudo ela chega a mim nessa cadeia, tudo a opinião é minha, então eu pedi a ela muito obrigado por tudo.

Entrevistadora: E quais são suas sugestões mais urgentes pra melhoria desse espaço?

Bruna: Não vou mentir pra você tem umas pessoas aí saindo e eu já falei pra ela um trabalho de ou correria ou pra cozinha, minha sentença cai rapidinha entre 1 ano passa rápido, então se eu pegar esse trabalho entre dois anos cai e eu saio rápido, no lugar de eu sair 2022 eu vou sair 2020, então o que eu to fazendo é lutar...

Entrevistadora: O mais urgente pra você é um trabalho?

Bruna: Um trabalho, porque cursos é bom, é bom, mas eu não vou mentir pra você se torna cansativo porque só é aquela horinha e a cozinha não, você chega cansada vai tomar um banho, dormir, jantar e pronto. Pra mim é fundamental um trabalho, é fundamental pra mim rápido.

Entrevistadora: Quais são suas atividades preferidas aqui dentro?

Bruna: Eu gosto... Não vou mentir pra você eu adoro fazer uma faxina, gosto de ver as coisas limpas, atividade eu acordo de manhã cedo 7h30 já to andando na quadra fazendo meu exercício, gosto de atividade de fazer com uma colega que a gente faz sempre exercício também na cela que é Bruna, então acho que pra mim o que eu to precisando mesmo é esse trabalho, Andreia, emergência.

Entrevistadora: Do que mais você sente falta?

Bruna: Te juro, união, paz e família, que tudo isso eu tinha e não dei valor, minha secretaria vai falar pra vocês quem era Cris.

Entrevistadora: O que este espaço representa pra você?

Bruna: Esse espaço aqui pra mim me deixa triste, me sufoca, porque a gente só vê grade, comandando por fulano, tudo que você for fazer é por fulano, se você pega uma caneta essa caneta ela é aberta até chegar um final, eles abre verifica tudo, cheira tudo, então isso eu me sinto muito mal, porque eu acho que o importante é a confiança, apesar que eu dou confiança pra não acontecer isso, mas fico mal.

Entrevistadora: E dá pra ter privacidade aqui?

Bruna: Não, nem assim, você nem imagina assim nem um pingo, porque tai saiu uma do isolado já vai encher a cela de novo, não espaço, já tavam organizando uma coisa lá pra ela, uma cabana, não tem espaço, porque cada cabeça é uma coisa totalmente diferente, cada cabeça... Então pra mim tudo que eu quero é sair daqui e se redimir e dar confiança a minha família, de quem eu gosto, de quem eu amo de verdade, então eu quero dar confiança.

Entrevistadora: Então você já respondeu a penúltima questão que é o que você quer fazer quando sair daqui?

Bruna: Um trabalho digno, dar confiança a minha família, vir visitar como sempre vinha em Campina Grande, então minha mãe falou pra Dona Paloma e disse “olhe, diga a Cristina que tenha paciência, diga a ela que só Salmo 40 que é paciência” e tem dia que eu não tenho, Andreia, tem dia que eu to naquele modelo e você hoje me encontrou e nem parece pesada assim, te juro, verdade. Eu tava daquele jeito, eu disse “ai, meu Deus, a gata veio hoje, mas não tem problema não eu vou demonstrar diferente”, mas tu precisa ver logo desde cedo estresse, chorei muito, to daquele modelo hoje, mas não desconto em ninguém.

Entrevistadora: E como você passa seu tempo?

Bruna: Eu tenho uma coleção de livros aí eu começo ler, um livro que eu já terminei Sem Limites de Perdoar já li, Dores do Mundo já li, aí tem Juliana I, Juliana II, aí tem outros livros também, eu tenho assim uma coleção aí vou lendo, vou lendo... “Como acha bom essa menina nessa cabana, sai um pouquinho eu fico agoniada” aí vem Patrícia “Poxa, boy sai”, eu “Não, me deixa aqui à vontade”, então eu me sinto bem lendo as coisas que realmente lá fora pra mim vai ter um bom progresso, porque através desses livros e essas histórias é que eu realmente to vencendo e ganhando forças, porque tem história lá que realmente tem cada palavra, porque assim e tem a minha Bíblia Sagrada...

Entrevistadora: Você consegue viajar pra fora daqui lendo?

Bruna: E principalmente quando eu to tirando Salmo 18h da noite reúne a cela todinha e a gente tira o terço, então ali me fortalece, entendeu?! Tem aquela história que fala assim “você pensa que você é o mais fraco, mas você que é o mais forte” então eu prefiro ser o último do que ser o primeiro, então quero ser sempre o último, porque Deus olha sempre assim pra mim nas minhas orações “oxe, boy você sempre deveria ser na frente, até na fila você é a última pode observar” eu disse não, porque eu gosto de ser a última e eu gosto de ser muito uma pessoa assim, eu sou muito humilde e eu observei essa semana passada minha amiga disse assim pra mim “Cris, tu já observou que as pessoas tem inveja de você?” Eu disse “Porque eu tenho o dom de Deus, eu recebo o poder de Deus, porque Deus que me fortalece aqui dentro”, cinco anos é cinco anos, então elas dizem assim, eu faço as coisas elas dizem “nossa como eu queria fazer o que você faz, misericórdia, misericórdia” “nossa como você é guerreira, misericórdia, misericórdia” tente ser guerreira como eu, tente lutar como eu, tente orar como eu, tente rezar como eu, tente ser espontânea como eu.

Entrevistadora: Uma última questão só pra fechar que não tá aqui na minha folhinha de perguntas, mas eu quero muito saber não de você, mas de todas as outras que eu entrevistar, que é em questão a sexualidade?

Bruna: Eu não vou mentir pra você, desde que eu cheguei aqui eles sabem o que eu gosto e o que eu não gosto, então Dona Paloma chegou pra mim bateu logo a tecla “aceito todo mundo”, você é uma pessoa que a gente percebe que respeita e respeito mesmo espaço, tendeu?! Não vou mentir pra você já tive vários relacionamentos aqui dentro, sério mesmo, foram embora então eu não quis mais e agora eu quero ficar só, mas ela nunca me chamou atenção, todo mundo sabe que eu amo mulher, pronto... Então, minha mãe falou assim “te amo porque você é o que você é, eu te amo”, minha família fala assim “eu te amo, porque você é o que você é, você não imita”, você não imagina, então as pessoas me admiram aqui por isso, porque eu sou o que? “ah, gosto, adoro, não ligo pra discriminação”, sou bem recebida de todas as celas, chegam pra mim e diz “boy, vem cá – na visita – toma isso

pra você! – eu nem espero – fiz uma torta de chocolate”, “boy, você já almoçou? – já – boy, chegou uma menina nova aí...”, não, eu não quero, eu quero ficar só.

Entrevistadora: MUITÍSSIMO obrigada!

Bruna: Por nada, e eu peço obrigada a você, por ter me ouvido e essa entrevista pra mim foi muito importante, porque cada dia as pessoas me conhecem e eu queria que você me conhecesse através de uma entrevista. Eu pedia tanto a Deus pra você me conhecer melhor nessa entrevista porque eu ia abrir o jogo, não tenho receio eu adoro mulher, eu amo mulher.

Entrevistadora: Obrigada!

Apêndice F - ENTREVISTA – HELENA – III: 15'43''

Entrevistadora: Bom dia, Helena!

Helena: Bom dia!

Entrevistadora: Sobre seu vestuário, to vendo que você ta com a farda então você recebeu a farda quando entrou aqui?

Helena: Com certeza.

Entrevistadora: Essa é a primeira desde quando você entrou?

Helena: Desde quando a gente entrou, que a gente chegou, que ela entregou a farda é essa.

Entrevistadora: Faz quanto tempo que você ta aqui?

Helena: Vai fazer 5 anos dia 13 de Fevereiro.

Entrevistadora: Certo. E o que você acha da alimentação daqui? Da comida?

Helena: Não é muito boa não.

Entrevistadora: Você acha que deveria ser melhor?

Helena: Com certeza.

Entrevistadora: Recebe algum produto de higiene pessoal?

Helena: Recebe.

Entrevistadora: Da administração ou do Estado?

Helena: Do Estado, né?

Entrevistadora: Certo, recebe o que?

Helena: Desodorante, pasta, sabonete, a escova, creme.

Entrevistadora: E você tem acesso a educação aqui?

Helena: Não, eu não estudo.

Entrevistadora: Não estuda nem fez nenhum curso, nada, né?!

Helena: De jeito nenhum.

Entrevistadora: E participa de algum projeto?

Helena: Toda vez quando vem pra cá eu vou pra tudinho.

Entrevistadora: Tu recebe auxílio jurídico do Estado que é o Defensor Público?

Helena: Eu não sei o que é, esses que vem trazer os remédios e tudo, é isso?

Entrevistadora: Não, esses são os de saúde, mas o Defensor Público é o que olha o seu processo...

Helena: Recebe, é que olha o processo, né?! Chama a gente quando tem precisão pra ir pra conversar com a diretora, né?!

Entrevistadora: Aham, certo. Você é religiosa?

Helena: Eu gosto como se diz dos dois lados, né?! Tanto do crente como do católico, porque Deus é só um só.

Entrevistadora: Tem algum grupo religioso que vem visitar vocês?

Helena: Tem, do católico vem, dos crentes vinham, mas não vem mais, só vem agora só um de 15 em 15 dias.

Entrevistadora: E você é respeitada pela sua escolha de religião?

Helena: É, ninguém faz como é que se diz... ninguém diz nada não, né?! Porque cada um tem uma cabeça e ninguém pode ser igual, né?! Isso aqui não é.

Entrevistadora: Exerce alguma atividade remunerada aqui?

Helena: Como assim?

Entrevistadora: Você faz alguma atividade que você recebe dinheiro?

Helena: Não.

Entrevistadora: Como artesanato...

Helena: Num tem!

Entrevistadora: Como é sua relação com as outras colegas de cela?

Helena: Quando elas tão, todas tão como é que se diz... tudo brava tudinho assim, né?! Aí eu tenho que agir da minha maneira, ninguém é santo, né?! Mas eu não bato em ninguém, eu como se diz, quando tão tudo dormindo assim eu não fico agitando ninguém, agora se me agitar tem uma coisa, viu?! É o dia todinho eu falando. Pronto, bater eu não bato não, mas falar, minha filha, só Jesus...

Entrevistadora: E como é sua relação com os Agentes Penitenciários?

Helena: Eu gosto de tudinho, eu nunca enfrentei nenhum. Primeiramente Deus e segundo eles, né?! Eles aqui dentro.

Entrevistadora: E seu relacionamento com a Direção?

Helena: Não, todo mundo quer bem. Quando eu preciso eu vou, falo com Dona Paloma ou falo com eles tudinho, né?! Medo eu não tenho de ninguém, só tenho medo dos castigos de Deus.

Entrevistadora: Você já teve conflito aqui dentro?

Helena: Como assim?

Entrevistadora: Conflito entre as presas, com você e outra colega de cela?

Helena: Já.

Entrevistadora: E como foi que você resolveu?

Helena: Chamei a direção, só foi isso.

Entrevistadora: No diálogo, conversando...

Helena: Conversando. Porque eu sou daquele que não manda recado, eu vou.

Entrevistadora: Você acha que existe hierarquia entre as presas? Entre vocês, que uma manda e outra obedece, ou uma lidera.

Helena: Uma quer subir, né?! E deixar a outra no chão, mas não pode. Né isso?!

Entrevistadora: É, mas você acha que existe aqui, alguém que quer mandar, alguém que quer liderar?

Helena: Do meu ponto de vista, quer como se diz mandar, mas ninguém pode mandar, porque nós estamos todas num canto só, né pra ser tudo igual?!

Entrevistadora: Mas tu acha que são tudo igual?

Helena: Não, num acho de jeito nenhum.

Entrevistadora: Como foi seu primeiro dia aqui?

Helena: Quando eu cheguei?

Entrevistadora: O primeiro dia.

Helena: Foi muito aperrado.

Entrevistadora: Foi, por quê?

Helena: Por quê? Passei inferno, só quem pode bater na gente é o pai e a mãe, né?!

Entrevistadora: Nem eles.

Helena: Pode, eu acho que eles podem. Quando a gente merece mesmo, quando não merece vai dar conselho, né?! Se não obedecer com conselho pronto, mas bater não é justo não.

Entrevistadora: Esse espaço é diferente do que voc imaginava de como seria um presídio feminino?

Helena: Eu imaginava que fosse assim, mais ou menos que nem assim, a minha casa pra eu poder viver, entendeu?! Com meus filhos, mas esse aqui foi diferente.

Entrevistadora: Muito?

Helena: Muito, muito.

Entrevistadora: Qual era o seu maior medo antes de entrar aqui?

Helena: Antes?! Era de bater em mim, de apanhar aqui.

Entrevistadora: E qual é o seu medo agora?

Helena: De nada. Eu não tenho medo de nada, digo pra você depois que eu to aqui dentro eu só tenho medo dos castigos do senhor, porque ninguém é mais do que ninguém aqui dentro.

Entrevistadora: Verdade. Você tem algum termo, alguma palavra que você usa pra chamar todo esse espaço? Além de cadeia, de presídio, tem outro nome?

Helena: Daqui de dentro? Quando ta com raiva ou quando ta tudo numa boa? Quando ta com raiva isso é um inferno.

Entrevistadora: E quando ta tudo de boa?

Helena: Pronto, Jesus é maravilhoso naquela hora que ta tudo bom, ele sempre é maravilhoso, né?! Mas quando me aperreia eu grito logo “isso é um inferno! Pra que eu vim pra aqui?!”. Agora Deus sabe como eu vim, né?! Porque se tivesse, como se diz, os outros tivessem me mandado comprar a seboseira que mandaram, jamais ia permitir, né?!

Entrevistadora: Foi enganada?

Helena: Claro, né minha filha?! Mandaram comprar, eu trabalhava 10 anos dentro da casa dela, da de Cristina, né?! Que você conhece Cristina muito bem.

Entrevistadora: Ela me contou.

Helena: Pois pronto, aí um inseto que tem aqui dentro foi e mandou pra fazer o mal a 4 crianças, né?! Porque eu sou mãe de quatro, você acha que eu pegaria uma coisa “Toma fulana, vai fazer isso”, não de maneira alguma, né isso?! E a gente vai nisso, mas com fé em Jesus eu vou sair.

Entrevistadora: Vai. Você recebe visita?

Helena: Não, só a de Deus.

Entrevistadora: Nesses cinco anos nunca uma visita?

Helena: Nunca, nunca.

Entrevistadora: A senhora é de Campina?

Helena: Campina Grande cidade que eu amo, eita Deus quando eu voltar pra lá de novo...

Entrevistadora: Eu quero ir em Campina quando você sair daqui, viu?!

Helena: Você vai mesmo?! E você não conhece não?

Entrevistadora: Conheço, mas eu quero ir lá lhe ver.

Helena: É, Deus proverá que nós volta pra lá, né?!

Entrevistadora: Como é o espaço que a senhora dorme?

Helena: Eu por enquanto to dormindo no, como se diz, na pista. A minha colega Neide, ela vai sair se Deus quiser agora em Janeiro e ela me deu a cabana dela. Eita, glória a Deus, eu amo ela.

Entrevistadora: Tem alguma estratégia pra tonar esse espaço melhor e mais habitável?

Helena: Tem, como se diz, de ela sair e eu ficar só no meu canto, né?! Ninguém vir dizer saia, saia de perto porque aqui não pertence, né?! Porque eu sou desse jeito, você olhe não tem essas duas canetas, você dá essas duas canetas pra mim diz “olhe, Maria, isso aqui é seu”, é meu, eu posso emprestar, mas eu fico com pena. Se é um defeito ou uma qualidade, é um defeito?

Entrevistadora: Depende. E você tem uma sugestão pra tornar esse espaço melhor? Alguma sugestão mais urgente?

Helena: Era como se diz assim, fazer mais, ter mais espaço assim umas coisinha melhor pra gente não tá tão assim sufocada, né isso?!

Entrevistadora: Aquele pátio ali muito pequeno, né?!

Helena: Eu não gosto de andar nesse pátio. Digo a você, pra falar a verdade eu tenho nojo.

Entrevistadora: Por quê?

Helena: Porque foi aonde começaram a judiar comigo na hora que eu cheguei aqui dentro. Não tem aquele velho ditado “Quem dá esquece, quem apanha se lembra”?

Entrevistadora: Então quais são suas atividades preferidas?

Helena: Daqui de dentro, de trabalhar, de que?

Entrevistadora: De tudo, o que é que você gosta mais de fazer assim? Assistir televisão, caminhar dentro da cela...

Helena: Não, televisão só assisto porque é aqui dentro, som alto eu não gosto, televisão tinha em casa eu ligava só por ligar pra o menino que tinha lá, um menino chamado Ralf, mas era um animal, porque ele só comia, só dormia, só bebia se fosse no tapete com a televisão ligada na frente dele. Parecia uma criança, armaria to com saudade do meu Ralf.

Entrevistadora: Do que você mais sente falta?

Helena: Das minhas coisas, pra te falar bem do meu quarto, porque eu não to dormindo como eu dormia, né?! Quando se acorda pra fazer faxina, tem que acordar, tem que levantar, né?! Você ta dormindo, você já pensou, você ta dormindo e tem uma pessoa “bora fulana que eu quero fazer a faxina”, o sono tão gostoso, né?! O sono das 6h ou 7h...

Entrevistadora: É o melhor...

Helena: É o melhor, né?! Quando eu ficar na cabana ninguém vai fazer isso comigo, né?! Porque depois que eu passar o pano, pronto só acordo na hora do ponto, ninguém tem o direito de dizer assim “levante!”.

Entrevistadora: Então sua atividade preferida aqui é dormir?

Helena: É, dormir, não tem o que fazer, né?!

Entrevistadora: Porque passa o tempo...

Helena: E se fosse por mim era dormi sem zoada, porque eu não gosto de zoada assim quando eu to dormindo. Eita que eu pego ar, viu?! Fico assim daquele jeito...

Entrevistadora: O que é que aqui representa pra senhora?

Helena: Não tem nada bom, só a palavra de Deus, nada bom, só Deus e pronto.

Entrevistadora: A senhora quando sair daqui quer esquecer daqui?

Helena: Com certeza, eu venho pagar meu albergue, em nome de Jesus, todo santo dia. A maior alegria que eu tenho, vou falar a você é quando vocês chegam.

Entrevistadora: Obrigada! Quando a gente do projeto vem, né?!

Helena: Com certeza.

Entrevistadora: E como que você se diverte aqui, não tem nada que a senhora faça pra se divertir? Conversar...

Helena: Ah, conversar, conversar eu converso, mas não chega como se diz ao ponto de quando vocês chegam, entendeu?!

Entrevistadora: Uhum, entendi.

Helena: Porque quando vocês chegam, principalmente aquela coroa, eita como eu gosto dela!

Entrevistadora: Mariana...

Helena: Pode falar pra ela que eu gosto dela é muito. E aí faz o seguinte, porque ta todo mundo ali com vocês conversando, ta tudo assim, eu me sinto assim num canto que seja melhor, né?! Aí quando vocês saem, aí começa aquele bláblá blá bláblá um enxame de abelha, né?! Que eu chamo um enxame de abelha.

Entrevistadora: Tem privacidade, a senhora consegue ter privacidade?

Helena: Como assim?

Entrevistadora: Ta num lugar só seu, se sentir dona daquele espaço e que ninguém lhe perturbe...

Helena: Naquela cabana, né?!

Entrevistadora: Ou na cabana, ou de qualquer espaço...

Helena: Pronto, eu me sinto como se diz não é meu não porque é do governo, o da gente é a casa da gente, né?! Com certeza, mas é pra eu ta no meu canto, ninguém mexer, ninguém puxar um pano, ninguém tirar meus copos do canto...

Entrevistadora: Isso existe?

Helena: Na minha existe, porque se não existir é mais diferente, porque eu não bulo na de ninguém, né?!

Entrevistadora: Na hora do banho, tem privacidade também?

Helena: Na hora do banho é agoniado, né, porque eu não gosto de tomar banho mais ninguém, eu não fui criada tomando banho mais ninguém, aí pronto é assim aquele fuzuê, sabe?! Mas é tanto que eu fiquei assim agora, acostumada não só levando, n'?! Porque ninguém se acostuma com o que não presta.

Entrevistadora: Verdade. E o que a senhora quer fazer quando sair daqui?

Helena: O que eu quero?! É possuir a minha casinha, se Deus quiser e viver na vida que eu já vivi, sem me aborrecer, sem levar grito, sem me humilhar, né?! Você sabe que humilhação é triste... pronto é isso que eu quero.

Entrevistadora: A senhora tem mais alguma coisa pra colocar? Dizer pra mim sobre aqui...

Helena: Eu não gosto, né?!

Entrevistadora: Não gosta de jeito nenhum?

Helena: De jeito nenhum, eu terminei de falar pra você que eu só me sinto bem quando vocês entram.

Entrevistadora: MUITÍSSIMO obrigada, agradeço por essa entrevista.

Helena: E mande um abraço pra coroa de lá!

Apêndice G - ENTREVISTA - VIOLETA – IV: 33’35”

Entrevistadora: Bom Dia, Violeta!

Violeta: Bom dia!

Entrevistadora: Você ta aqui há quanto tempo?

Violeta: 2 anos e 2 meses.

Entrevistadora: Recebeu farda?

Violeta: Sim

Entrevistadora: Só uma farda nesse tempo todinho?

Violeta: Só uma farda.

Entrevistadora: E o que você acha da alimentação que é disponibilizada pra vocês?

Violeta: Não podemos dizer vem sim o Estado manda sim, mas o problema que eu acho é das pessoas que estão ganhando e estão é... Fazendo, mas não faz com amor, mas o governo manda sim carne, verdura, então carne, frango, o que o pobre come normal é mandado, que é frango, carne, arroz, feijão, macarrão, cuscuz, manteiga e etc, né... Principalmente a verdura, mas a minha cela a gente não cozinha desse jeito, a gente traz de casa que é permitido e eles ajudam com alguma coisa que a gente pede, não tudo, tendeu?! Porque o governo às vezes ele falta muitas coisas, mas o que falta a gente procura repor pra ter uma alimentação melhor.

Entrevistadora: Com certeza. Você recebe algum produto de higiene pessoal?

Violeta: Não, nada, nada. Vem de doações que às vezes as pessoas se sensibilizam e muitas presas pedem pros estudantes, como os da Santa Maria. É assim, antigamente vinha sim, não sei o que aconteceu se o Estado cortou verba, não sei se parou por algum lugar, mas vinha sim, sempre era rodo, vassoura trazendo, produto de limpeza e principalmente o que acho mais judiado, você mesmo sabe que eu tiro às vezes do meu, é uma pessoa que nunca recebeu vista ta com 9 anos aqui dentro, 8 anos, 7 anos, nunca recebeu uma visita e é muito triste, então a gente entre si, porque você sabe que dentro do presídio somos uma irmandade...

Entrevistadora: Você acha quem uma rede de solidariedade?

Violeta: No fim mesmo a gente vive em uma família, no fim de tudo a gente vive em família, porque uma família quer dizer com brigas, com discussões, mas também com harmonia, né?! E a maioria que em duas, quem tem doa a quem não tem, eu dôo sim, quando vem produto de higiene que as pessoas fazem campanha e vem eu sempre dôo, acho que você até já presenciou, eu sempre dôo aquela que eu acho que necessita mais que eu.

Entrevistadora: Você tem acesso a educação aqui?

Violeta: Tem sim, eu tinha parado. O acesso a educação aqui são poucas as alunas se tiver duas ou três que estude nessa sala de aula é muito, porque a presa ela não vem pra ser reeducada ela vem pra receber a redução que é dias que contam na sua pena e da mesma forma que você tem que trabalhar ou estudar, você ainda tem que lutar na justiça por aquele direito que você trabalhou, aí fica difícil.

Entrevistadora: Fez algum curso profissionalizante aqui dentro?

Violeta: Não, eu tenho vários cursos, mas lá fora, mais de alimentação, aproveitamento, gastronomia, mas aqui não.

Entrevistadora: Recebe auxílio jurídico do Estado? Defensor Público?

Violeta: Não, não.

Entrevistadora: Advogado particular?

Violeta: Sim, se eu tenho advogado particular?! Não, porque não adianta, só adianta com o tempo do pedido, você foi sentenciada hoje em dia pagou o... Aqui dentro eu sou uma pessoa muito informada das coisas, procuro me informar por meio da televisão, né, entendeu?! Então eu acredito que a educação, a como é que se diz, antigamente tinha esses arrumadinhos, mas não tem mais, agora você foi, é sentenciado, espera a pena que você vence, faz o pedido e vai embora, mas fora disso advogado não ganha mais dinheiro.

Entrevistadora: Você é religiosa?

Violeta: Não, eu acredito em Deus, acredito assim nas palavras da Bíblia, eu estudei a Bíblia muitos anos e leio sim, eu acredito em Deus, não acredito em padre nem em pastor que são pessoas que comem arroz e feijão igual a mim, eu acredito em Deus. Se você me mostrar o que é certo e o que é errado tem na Bíblia, então eu medito de manhã, medito de meio-dia e as vezes a noite, peço orientação a Ele e perdão dos meus pecados, pra mim ser uma pessoa melhor, porque se você for melhor que seu próximo você é melhor pra si mesmo.

Entrevistadora: Você exerce alguma atividade remunerada?

Violeta: Não, eu exerci, mas por conta disso que eu achei que muita gente trabalha e não tem nem redução então não, eu trabalho pra cela mesmo.

Entrevistadora: Cozinheira da cela...

Violeta: É sim.

Entrevistadora: E como é sua relação com as colegas de cela?

Violeta: Não adianta negar, né?! Eu possuo um controle muito grande, não adianta dizer... eu sou igual uma mãe, mas aquela mãe rigorosa, amorosa e rigorosa, então eu procuro tratar elas com disciplina, como você sabe a cela mais elogiada na disciplina é essa, mais organizada, carismática, não tem covardia, você sabe que esse lugar é de covardia e traição, aí eu procuro pelo menos aonde eu tiver, ao meu redor, não ver nenhum tipo de injustiça, dentro da cela... ta entendendo?! Eu evito briga, quando uma fala um pouco alterada eu me calo. Se vocês falam chefe de cela, talvez eu seja isso eu só não assumo, né?!

Entrevistadora: E como é sua relação com os agentes penitenciários?

Violeta: Respeito, né?!

Entrevistadora: E com a direção?

Violeta: Respeito também. Eu sou a pessoa menos presente, eu sou mais ausente, eu acho que fora da minha cela eu já acho que to fora de casa, porque eu acredito que lá dentro a gente, é... No pátio a gente somos só mais uma, eu sempre costumo dizer que somos só mais um número, tendeu?! Mas lá dentro já é diferente, lá dentro nós somos uma família, com brigas, com as divergências, mas com animação, então eu procuro ser muito... Minha mãe tem um ditado de dizer que quem não é visto não é lembrado, então...

Entrevistadora: E a questão de conflito aqui dentro?

Violeta: É de celas, né como você sabe...

Entrevistadora: E resolve como esses conflitos?

Violeta: É com separação, né...

Entrevistadora: Segrega mais ainda.

Violeta: É separação ou então troca de cela. Já ta com dois anos e pouco que eu to aqui, mas eu acho que nenhuma presa me tirou do sério e se tirou foi resolvido entre nós, porque você sabe a lei que prevalece fora do pátio é uma dentro da cela é outra, então a gente procura não levar pra o sistema porque quando eles vêm é pra esbagaçar, então a gente

procura resolver entre si, até porque aqui dentro eu costumo dizer que não tem lugar bom, nós é que fizemos o lugar.

Entrevistadora: Existe hierarquia entre vocês?

Violeta: Não.

Entrevistadora: Você acha que isso aí é mais uma comunidade?

Violeta: Mais família, eu já falei... não.

Entrevistadora: E como foi o seu primeiro dia aqui?

Violeta: Pavoroso, eu não gosto nem de lembrar, mas...

Entrevistadora: Pode me contar um pouquinho?

Violeta: Esse silêncio até hoje ele me incomoda, aquela sensação de ficar no calabouço e olho assim, é muito triste a entrada aqui dentro, a minha não foi tanto porque a cadeia toda se silenciou, né?! Devido eu ser uma mulher que tinha restaurante da classe média, é outra porque eu não sou nem uma fodida, né?! Mas com o histórico de vida que eu tenho, devido e ter sido por muito tempo cozinheira no hospital e por as pessoas todas me conhecerem, foi a cadeia toda ficou em silêncio quando eu entrei. Mas quando ela abriu, minha filha, a primeira coisa que eu vi... Aquele buraco, sem ter nada, aquele vazio e aquele escuro, eu disse “meu Deus do céu, mas eu sou uma guerreira, eu vou enfrentar, confiei em mim. Sem ventilador e eu já sou muito calorenta, sem, sem condições nenhuma...”

Entrevistadora: E aqui já é muito quente, né?!

Violeta: Como eu disse um buraco, né?! Não tinha um vaso sanitário, tinha um cano preto pra tomar banho, aquela água mal cheirosa, aquela garrafa fedorenta e aquela sujeira...

Entrevistadora: Você chegou a apanhar?

Violeta: Não, de forma nenhuma. Eu não fui em nenhum momento, eu nunca fui desrespeitada por nenhum agente aqui dentro. Já vi...

Entrevistadora: Mas você sabe que acontece?!

Violeta: Já vi muito, já vi muito. Já vi muitas levar murro, já vi muitos mandar calar a boca, ser algemada meio dia em ponto, já vi muita coisa. Já ouvi gritando “Vagabunda! Cala a boca, vagabunda!”, já vi muito aqui dentro, não nego e alo na frente de qualquer um, mas comigo... Eu não sei se, não adianta enganar você sabe que eu to aqui por associação ao tráfico, tráfico de drogas e você sabe que a nossa família é muito maior, ta entendendo?! Queira ou não queira nós somos uma irmandade, é, se mexer com um mexe com tudinho e se qualquer um tivesse feito comigo eu não hesitaria não, eu não hesitaria de fazer qualquer coisa na vida, então eu sempre deixei bem claro: eu respeito a todos pra ser respeitada. Mas se você quer saber se há, se eu já presenciei? Sim, acabou mais, mas quando eu entrei aqui eu já presenciei.

Entrevistadora: Esse espaço é diferente do que você imaginava?

Violeta: Agora? Você sabe que o ser humano ele é podre, eu sempre disse isso a você, nós se acostumamos até com o que não resta, não é?! E a gente, a meta aqui, até o final do mundo só tem dois lugares terríveis: um tem volta que é a cadeia e às vezes nem tem, porque aqui é um cemitério dos vivos. Você sabe que quem vem aqui você vê muitos casos, só vem aqui quem gosta realmente, até os próprios familiares cansam, não é fácil você ser humilhado, tirar sua roupa, é... E vários gritos, às vezes maltratam. O que eu cheguei na direção e eu deixei bem claro que eu suportaria tudo, até ir pra Natal, mas não maltratassem meus filhos nem minha

família, porque eles não fizeram nada, simplesmente fui eu quem fiz, então eles não mereciam passar por isso...

Entrevistadora: Sofrer essa humilhação, né?!

Violeta: Não, minha mãe nunca veio...

Entrevistadora: Mas a humilhação que eu falo é a questão da revista.

Violeta: Também, mas né só isso não. É muitas coisas que às vezes a minha irmã tentou pegar na minha mão e o agente bateu a porta na cara dela, de ferro e isso pra mim foi constrangedor, eu sai chutando o pátio, sai chutando tudo e podia me botar, me jogar que eu não tenho medo ta entendendo?! Só que isso aí, acho e minha família não tem que pagar por nada, porque eles não fizeram nada. Às vezes quando chega uma pessoa revoltada que nem várias companheiras de cela, eu digo a elas “não pense muito na sua família não, porque eles não tem culpa de nada”

Entrevistadora: Qual era seu maior medo antes de entrar aqui?

Violeta: De vir presa, eu já tinha parado de mexer com droga já quando eu entrei aqui dentro, porque eu tinha medo, medo, medo porque eu sou uma pessoa muito difícil e ao mesmo tempo sou fácil demais. Eu sou difícil no ponto que eu não gosto de chão, eu não gosto de multidões, eu tenho aquela...

Entrevistadora: Aquela fobia.

Violeta: Eu sou calorenta, eu sou estressada, eu sou chata, né?! Aí eu sempre acho que o mais louco de ser enquadrada com 35 mulheres sem ter, até no banheiro, tem 35 priquito pra ir no banheiro é meio complicado, entendeu?! Eu já amanheci dia de ver, eu já vi muita coisa, cheguei ver duas mulheres tava brigando e simplesmente – até eu to escrevendo um negócio, eu escrevi ontem – por um balde de água. Por um pedaço de pão um entrega o outro, por um pacote de bolacha, por um sabonete, é o que eu mais acho na cadeia é um hábito, ta entendendo?

Entrevistadora: As pessoas que formam...

Violeta: Imagine, imagine você ta num quadrado, acho que ali tem quantos metros mais ou menos, um quadrado ali de uns 20x10m, é isso?

Entrevistadora: É menos.

Violeta: Com 35 mulheres, uma conspirando contra a outra: “Que a outra é isso, que a outra é aquilo, que a outra toma banho, que a roupa dela é mais limpa”. As conspirações...

Entrevistadora: Os fuxiquinhos...

Violeta: Você dorme na sua cabana e pode acordar no isolado, você jura que todo mundo ta a seu favor e ninguém dá uma palavra, viu?! Esse negócio aí se chama conspiração, você jura que a pessoa é sua amiga e porque a pessoa deu uma balinha de maconha... Que a verdade, você sabe que nos presídios não adianta dizer que existe não, se vende, se vende porque não tem, se vende porque precisa, se vende porque é viciado, porque não é nada que nem áa fora não, aqui tu é um noiado, eu nunca tinha visto um noiado de maconha e aqui dentro da cadeia tem, dentro dos presídios tem de fazer qualquer coisa por aquilo ali, até matar uma pessoa...

Entrevistadora: Qual é o seu medo agora?

Violeta: Medo?

Entrevistadora: Qual é o seu maior medo agora?

Violeta: Acho que não tenho mais não. Acho que eu sou destemida de tudo agora, tenho mais medo de nada, de nada.

Entrevistadora: Qual o termo que você utiliza além de presídio, cadeia, encarceramento tem algum termo?

Violeta: Não entendi, faça de novo a pergunta.

Entrevistadora: Tem algum termo que você utiliza pra tratar esse lugar? Além de cadeia, prisão...

Violeta: Calabouço.

Entrevistadora: Você recebe visita?

Violeta: Recebo, quando eu quero, porque quando eu não quero não aceito as visitas. Eu mesmo acho que não precisa.

Entrevistadora: Quem são as pessoas que geralmente te visitam?

Violeta: Minha filha, de três eu tenho uma que vem e meus dois orgulhos, né?! Que é minhas duas netas. Mas eu tomei uma decisão agora pra esse ano que vai entrar que eu vou querer esses 4 meses que eu vou embora, que é os piores que você fica esperando, né?! De dois anos e tanto eu não quero, quero visita de ninguém não, quero só que venha deixar minhas coisas na porta quando eu precisar, porque chega um ponto aqui dentro que você não precisa de muita coisa não, você se acostuma com o que você tem: com pouco. Eu to me acostumando, eu era muito luxenta, mas agora eu sou acostumada com pouco. Todo sábado eu queria uma sandália das melhores que tinha e eu tinha, né?! Porque eu mesmo aqui dentro eu sou danada, eu procuro me movimentar, entendeu?! Mas eu, pronto, só tenho essa havaiana só fico com essa havaiana, até porque se chegar...

Entrevistadora: De oncinha, olha a unha dela feita.

Violeta: Com certeza, terminei agora, por isso que eu quase não vinha. Quando vem uma havaiana pra mim eu sempre dou aquela, pode ser mais nova o que for, kenner, eu já dei kenner, já dei essas sandálias que elas acham pra elas, já pensou eu sou assim. As pessoas que não tem nada eu acho bonito quando recebe aquilo porque eu tenho, quando a gente tem, você sabe como é, a gente não valoriza muito.

Entrevistadora: Você gosta de dividir, compartilhar?

Violeta: Eu acho bonita a alegria daquela pessoa que nunca teve aquilo e possuir, ta entendendo?! Talvez eu fique olhando assim, sabe?! É porque eu sou acostumada a ter tudo que eu sempre quis, com muito esforço, mas sempre tive. Mulher, eu vou ser sincera pra você, eu me orgulho de mim mesma. Eu sou muito orgulhosa de mim mesma e do meu potencial, eu me supero a cada dia.

Entrevistadora: Como é o espaço que você dorme?

Violeta: A gente, como você já entrou na cela você sabe como é, por incrível que pareça a gente procura ter um pouquinho de privacidade, então a gente como é cada uma na sua coisa e sua cama, a gente procura dividir com lençóis bonitos, a gente enfeita, já pintamos cela, ajeitamos o banheiro, você sabe que o banheiro é mais limpo que em muitas casas, mas é com muito esforço...

Entrevistadora: E organização!

Violeta: Meu problema e que muita gente não tem coragem de dizer a mim as coisas é porque eu não sou falsa.

Entrevistadora: Tu acha que quando você sair vai continuar essa mesma organização?

Violeta: Não, quando eu cheguei aqui tinha tapuru dentro da cela. Era podre. Tinha tapuru mesmo, elas colocavam o papel de absorvente... Porque aqui tem o morador de rua, entenda tem o viciado em droga, tem a prostituta, ta entendendo?! Tem a homossexual que não tem nada a ver, a maioria é mais limpa ainda que a verdade é essa, mas imagine esse monte de gente que você... São classes sociais diferentes, são costumes diferentes, costumes de comer e jogar, costumes de usar a roupa e jogar no chão, coisas que pra nós é um absurdo, gente que não se depila, que não toma banho. Então aquilo, ela fica vendo a outra, então o que é que eu procuro fazer: listas dos afazeres, horários pra dormir, horários pra acordar...

Entrevistadora: Você é muito organizada...

Violeta: Não, eu sou sincera. Porque nós só estamos privadas da nossa liberdade. Se tem gente idoso na cela 21h/22h apaga a luz, quer brincar? Brinca em silencio. Quer falar? Fala na sua cabana. Horário de som? De manhã. Horário de chamar o povo que ta na BR que tem que ter respeito? De 8h em avante. Se a pessoa quer acordar cedo tudo bem, mas não é obrigada, porque quando eu entrei era jogado o balde d'água na cara das presas que as outras jogavam 6h da manhã. E eu disse que no dia que fizesse isso, eu ia pra o isolado que eu não tinha medo. Eu acho que tem que respeitar é quem não tem, quem tem já não precisa de tanto respeito.

Entrevistadora: Quais são suas estratégias pra tornar aqui melhor, mais habitável pra aguentar?

Violeta: Eu acho que com os profissionalizantes, né?! Acho que se botassem essas mulheres pra trabalhar e elas ganhar, remunerado. Eu acho que isso aqui ficava sem ninguém. E outra, aquelas cadeias não era pra dar feira nem nada, as cadeias podia dar um pensão simples pra se manter e tudo bem, que a maioria é mãe e pai, mas poderia sair daqui reeducando.

Entrevistadora: Você acha que do jeito que tá vocês se ressocializam?

Violeta: Com certeza que não, não nós estamos num lugar parado só usando a mente, a mente pra maldade, porque você sabe que nós somos as maiores infratoras, não adianta dizer que nós não somos infratoras. Você sabe que eu descobri dentro da cadeia que todo mundo tem um fraco por ta aqui dentro do crime: uns pra matar, outros pra roubar, se prostituir, outros pra incendiarem, outros... Gente é absurdo a maioria é psicopata, eu conheço várias psicopatas, eu sou psicopata. Sabia qual o meu maior medo? Eu não lhe respondi, mas eu vou responder agora: é de alguém fazer algo comigo, é porque eu não tenho medo...

Entrevistadora: De perder a cabeça?

Violeta: Não, de perder a cabeça não. Eu premedito e mato. Né pra falar a verdade? Então quando eu discuto com uma pessoa eu peço pra sair de perto de mim, e eu trato esse meu problema que eu tenho dupla personalidade, né?! Eu tenho esse transtorno emocional, dupla personalidade se chama... Bipolar, eu sou bipolar e o meu bipolar é mais de manhã, só que eu to conseguindo. Eu passo numa psicóloga e assumo que sou, que eu tenho o transtorno, aquele transtorno psicótico. Eu sou isso aí e é comprovado pelo médico daqui, eu sabia que tinha um transtorno...

Entrevistadora: Até pela questão de...

Violeta: Distúrbio mental se chama isso aí, você pode fazer qualquer coisa, mas depois volta atrás. É igual quando o marido mata uma pessoa estendida ele não chora depois ali no corpo, entendeu? Tem os cinco minutos que o povo fala, mas a gente tem que controlar.

Entrevistadora: E quais são suas atividades preferidas aqui? Tem alguma?

Violeta: Só cozinhar, eu só gosto de cozinhar e quando vocês vem da gente conversando.

Entrevistadora: A gente do projeto?

Violeta: Com certeza. É bom, é o que eu me sinto melhor principalmente por você e Mirian também, a bichinha. Mas uma das coisas... Olhe nada vem por acaso, esse negócio dessa notícia de vocês entrar dentro das celas pra vocês foi a melhor coisa que teve, porque é o nosso habitat...

Entrevistadora: Pra conhecer mais...

Violeta: Você não soube, olha o ultimo surto que deu em mim foi no dia que...

Entrevistadora: Da festinha?

Violeta: Da confraternização das psicólogas, deu um distúrbio em mim. Ela perguntou como eu estava eu disse “Aqui é uma bosta!”, depois eu me senti já deu um momento de revolta do nada, eu digo “Uma bosta e do jeito que eu to aqui, eu to pra me rasgar com qualquer uma”. Por uma piada que eu vi lá, por uma coisa que eu vi que... a pessoa tinha acabado de falar de outra e uma maravilha eu amo fulano, aí eu fiquei transtornada. Ela já disse “Violeta, o que é isso?” “Hoje eu não to num bom dia não” eu disse a elas, só que como elas são psicólogas elas devem saber que eu... Pronto, mas eu não gosto de sair de mim, eu acho lindo uma mulher delicada, calma e passiva, mas não sou e tenho que aceitar que não sou.

Entrevistadora: E trabalhar isso.

Violeta: E primeiramente ter que assumir.

Entrevistadora: Com certeza. Do que mais você sente falta?

Violeta: Nem fale, né?! Minhas coisas, da minha vida, né?! Aqui a vida ta parada.

Entrevistadora: Tu acha que a vida parou aqui?

Violeta: Com certeza. Não tem nem acho, eu já disse a você lá atrás, aqui é um cemitério dos vivos e é muito triste, só falar pra você ninguém nem sabe que eu fui mais presa, ninguém nem lembra. Já é dois anos, amor, que aconteceu, as crianças de 13/14 anos já tão tudo fazendo filho e deram procedência, eu não tinha um neto e agora tenho duas.

Entrevistadora: E o que representa pra você?

Violeta: Rapaz, vontade de sair daqui. É um recomeço porque os mais velhos já sabem o que querem, mas eles precisam de mim e, o que mais eu fico triste, porque quando as vezes elas me pedem uma coisa, mesmo aqui dentro, eu me viro. Mesmo aqui dentro eu tenho como, eu ajudo elas, até os benefícios que eu recebo eu pago a elas, eu não quero nada, não parei de pagar minhas coisas, minhas contas. Apesar de que muitos se aproveitaram de mim, inclusive meu companheiro vendeu tudo que eu tinha até meu restaurante, acabou com a minha vida. Mas eu conheci uma pessoa e tá dando certo, só não é perfeito, mas nada é perfeito.

Entrevistadora: Como você se diverte tem alguma coisa que você faça aqui?

Violeta: Não posso falar...

Entrevistadora: Pode...

Violeta: Pode?

Entrevistadora: Não, mas tipo assistir televisão, ouvir um som, cozinhar...

Violeta: Assim, mulher as meninas jogam baralho, às vezes assistir uma novela, é muito difícil e... Sei não, assim é porque eu... Pronto, brincar, tirar onda com as amigas eu gosto de zoar com elas, ta entendendo? “E aí fulana?”, pronto, é essa minha diversão, entre elas mesmo, tanto que quando tem castigo da gente, que no castigo tira tudo, porque eles tiram tudo da gente, tudo, tudo, aí levam o som, o ventilador, o fogão, tudo, tudo, aí a gente se senta

numa roda assim de noite e começa a conversar, ta entendendo? Eu começo a arriar com tudinho, eu canto, essas coisas, pronto.

Entrevistadora: Como é a sua relação com a privacidade, tu acha que tem privacidade?

Violeta: Agora tem, no começo não porque estava muito cheio, né?! Onde tinha 35 tem 15.

Entrevistadora: E o que você quer fazer quando sair daqui?

Violeta: O que eu já faço, né?! Trabalhar, trabalhar, né?! Eu só penso nisso, mulher. Minha vida é trabalho, até hoje meu pai, a perca maior, você só não fez a pergunta que é a chave de tudo: a perca maior que eu tive aqui foi meu pai. Eu perdi meu pai recentemente, há um ano, aqui perto e eu acho que contribui pra essa morte dele, porque ele sempre passou mal quando vinha me ver e disse “Eu não aguento ver você, minha filha, tão trabalhadora nesse lugar, é muito triste”. Você não conhece minha história de vida, mas minha história de vida é muito marcante, como de muitas que tem aqui, como eu to tentando escrever alguma coisa aí rabiscando, um dia eu faço, um dia que eu não faço no outro dia eu reponho, não sobre mim, sobre o dia a dia no presídio, é isso que eu to tentando mostrar e vou conseguir, vou conseguir.

Entrevistadora: Vai, Pois olhe, as perguntas acabaram, mas eu tenho outra pergunta que eu to fazendo por fora que é sobre sua sexualidade, da pra exercer a sexualidade aqui dentro?

Violeta: Eita. É... É tão complicado esse negócio de sexualidade, mas eu vejo muita coisa, porque eu sou uma pessoa que eu não sou crítica em relacionamentos. É... Tem gente que eu conheci, mulher que nunca se relacionou com outra mulher, mas você sabe que a pior doença que tem no ser humano se chama carência, eu percebi aqui dentro que muitas que criticavam duas mulheres se beijando saíram gostando de outra mulher e tão levando esse relacionamento lá fora. Então, acho que nós já falamos sobre isso, eu não gosto muito de me aproximar de mulher, porque eu sou... Como é que vocês dizem? Tem três tipos que tem, tem a que gosta...

Entrevistadora: A passiva, a ativa?

Violeta: Não, não. A menina sempre falou que eu era...

Entrevistadora: Bissexual, heterossexual?

Violeta: Simpatizante! Simpatizante quer dizer: não tenho nada contra. Já beijei sim, quando era mais jovem, mulheres. Já tentei sim, com treze anos, fazer sexo com outra mulher até porque tinha uma amiga, minha tia que era um macharão ela, casada mesmo com outra mulher quando antigamente tinha o tabu, há 20/30 anos atrás. Trinta anos atrás, eu tinha 8 anos, era um tabu grande. Eu era jovem, linda, virgem e minha tia era um home, né ela se vestia igual, porque ela sempre era o sapatão mesmo que chama o sapatão mesmo aquele que nunca foi tocada por um homem e tirava a virgindade das mulheres não sei como, né?! Aí o que eu posso dizer, eu me relacionei, então eu gosto sim de homem, mas eu também não vou dizer a você que... Não sei, não sei depende do lugar, da ocasião e da situação, então eu posso dizer que sou simpatizante. Só que uma coisa eu lhe digo: eu aprendi aqui dentro que quando – tanto tava vendo uma novela aí que ta passando isso aí que o homem é gay, mas ele tem ódio de gay, diz ele que é ódio, mas porque ele tem ódio do que ele é, então ele se espelha nele e tem raiva daquelas pessoas – pessoas que eram críticas demais, terminaram cedendo.

Entrevistadora: E pra finalizar tem uma frase que você já falou que é: tira, pira ou pula. Tu pode me explicar...

Violeta: Posso. É assim, tirar é que nem eu faço: acordar, dormir, brigar, chorar, viver. Porque tem gente que é covarde, você sabe desse caso que teve que a menina queimou outra

aqui, covardia, ela simplesmente enlouqueceu, enlouqueceu por quê? Porque ela não aceitou 20 e tantos anos de cadeia, ta entendendo? Então ela tava sofrendo por antecipação, ela não tava sofrendo no dia a dia, então ela começou a se privar das pessoas e isso se chama covardia, é pirar isso aí. Tirar é o que eu faço, pirar e pular é tentar fugir, ou morre numa cerca elétrica ou pega muito mais cadeia. Então das três opções ou tira, ou pira ou pula. Quando eu cheguei aqui pronto, eu optei a tirar pela guerreira que eu sou, ta entendendo? Então eu não me acho menos, um dos maiores que eu falei pra você, um dos maiores problemas feito aqui foi enfrentar a sociedade, mas com o tempo eu descobri que eu sou melhor, eu sou a sociedade simplesmente encarcerada, então não tem ninguém melhor do que eu. Eu to tirando, nem pirei, nem pulei, porque pirar vai pra o Juliano Moreira e cadeia enlouquece, viu?! Muitos saem daqui com problemas mentais gravíssimos, você vê muita coisa aqui dentro... principalmente o calado e é uma coisa que eu não sou.

Entrevistadora: Nossa da pra desconfiar da pessoa calada, quietinha...

Violeta: Sofre muito, porque muitos casos que acontecem aqui dentro se fosse chegado aos pés de um juiz era resolvido, porque se um juiz não pegasse o desembargador servia, uma pessoa tem que ver, mas como eu costumo dizer pelo que eu vejo aí nos presídios do mundo se a gente for mexer e se for um padrão, a gente não tem a regalia que nós temos aqui por ser um presídio pequeno e pela gente, o problema do preso é ficar quieta na sua, calada e não vai vir problema maior, porque o que um diretor de presídio quer é silencio na sua cadeia, não quer rebelião, não quer tumulto, entendeu? Então se você for inteligente você não vai debater com ele, ou certo ou errado você tem que baixar a cabeça. Então não são os disciplina, tem gente que acha que são os nossos polícias, mas não são os nossos disciplinas, então... É só isso que eu tenho pra dizer.

Entrevistadora: MUITÍSSIMO obrigada, Violeta!

Violeta: Tchau, meu amor.

ANEXOS

Anexo A – Fotografias sobre as “Cabras” do acervo do Projeto de Bolsas de Extensão intitulado “O Feminino Aprisionado: Direitos Humanos e Relações de Gênero” Coordenado pela Professora Dra. Mariana Moreira Neto.

